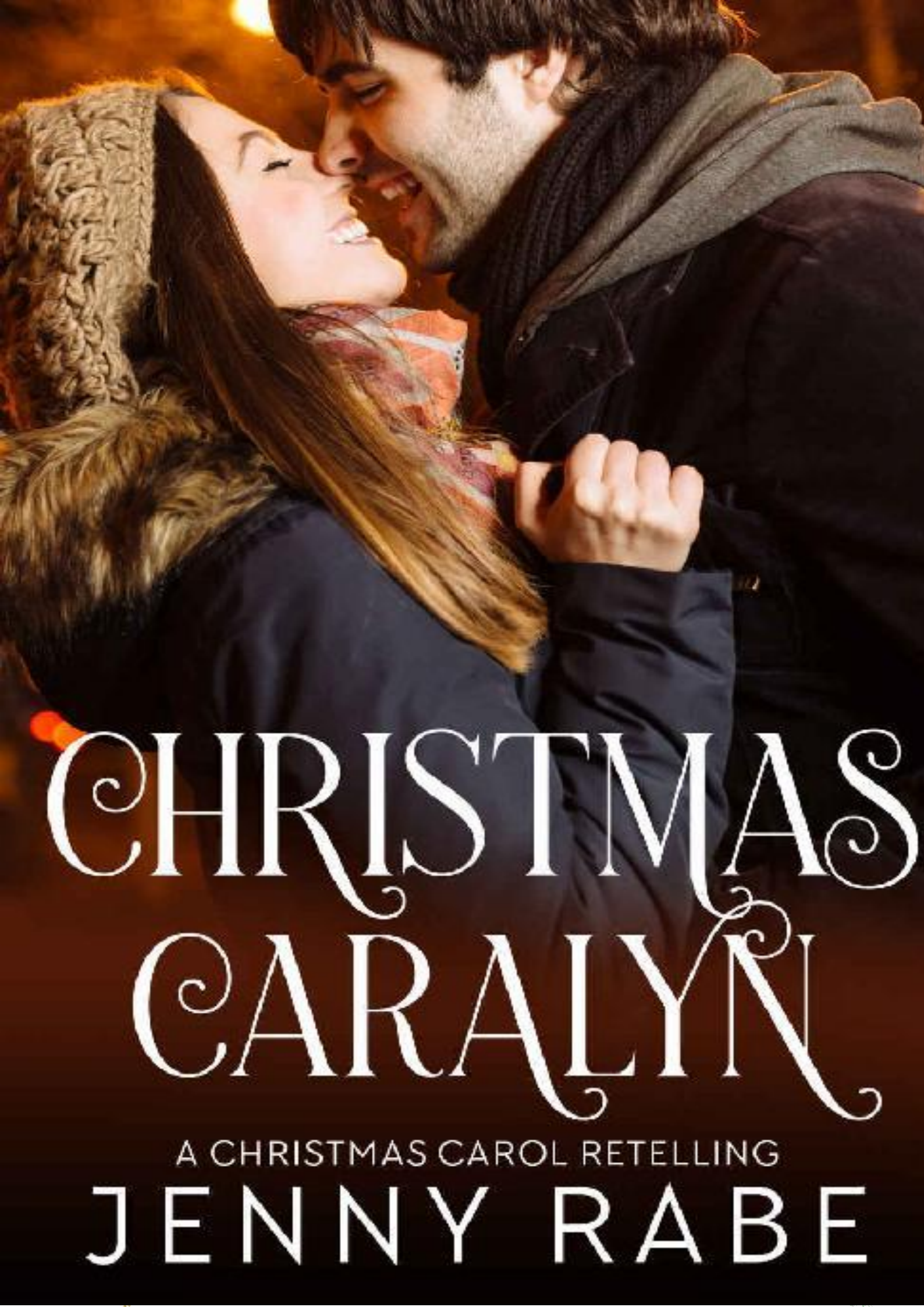

CHRISTMAS
CARALYN
A CHRISTMAS CAROL RETELLING
JENNY RABE

Avisos

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Havoc Keepers, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer intuito de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Temos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo Havoc Keepers, sem aviso prévio e quando julgar necessário suspenderá o acesso aos livros e retirará o link de disponibilização dos mesmos. Todo aquele que tiver acesso a presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de divulgá-lo nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo Havoc Keepers de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Staff

TRADUÇÃO: *ATHENNA HVOC*

REVISÃO INICIAL: *AYANNA HAVOC*

REVISÃO FINAL: *ATHENNA HAVOC*

LEITURA FINAL: *FANNY HAVOC*

PRÉ EDIÇÃO E EBOOKS: *LIS HAVOC*

FORMATAÇÃO: *AYSHA S HAVOC*



Sinopse

Além do bônus adicional de vender mais produtos de sua fazenda de visco, o Natal pode apodrecer no que diz respeito a Caralyn Benzer. A vida a levou por caminhos sombrios desde a morte de sua mãe, há sete anos. Quando sua mãe aparece para ela em primeiro de dezembro, exigindo que ela mude ou, então, pelos próximos trinta dias, Caralyn será enviada em uma jornada por seu passado, presente e futuro com a única pessoa que pode ajudá-la a se lembrar de quem ela era antes do Natal de Caralyn ser destruído.

Seus sonhos começam a afetar a realidade, e quando seu amigo de infância Bobby mostra interesse por Caralyn, sua decisão de mantê-lo à distância de um braço se derrete, junto com a dura concha ao redor de seu coração enquanto ela revisa as escolhas que a levaram tão longe de quem ela costumava ser. A única coisa que fica entre suas escolhas e a mudança desejada é ela mesma. Ela pode deixar o passado de lado por tempo suficiente para ser a pessoa que ela sempre deveria ter sido?

Um

Caralyn Benzer mordeu a ponta da caneta enquanto calculava as despesas do mês. Depois de estimar a quantidade de visco que precisariam despachar naquele dia, ela ligou para a fazenda, onde seus trabalhadores contratados a mantiveram atualizada sobre o progresso e o crescimento das árvores.

Seu agricultor chefe estava ofegante quando pegou o telefone. “Desculpe, veio dos campos.”

"Eu imaginei. Como estão seus bebês hoje, Bobby?" Ele amava todas as coisas da natureza e tendia a tratar as árvores como seus próprios filhos.

Ele deu uma risadinha. “Tudo bem, como sempre. Eu os mantenho saudáveis e felizes. De quanto visco você precisa hoje? Tenho certeza que as árvores adorariam uma pausa.”

Cultivar visco suficiente nos últimos quatro anos não era o problema. Era uma erva daninha nociva e parasita que se espalhava como um incêndio. Manter os hospedeiros que seriam as macieiras vivas era a maior preocupação. “Quinze pedidos até agora esta manhã e eles continuam chegando. Nada muito grande ainda, mas a temporada movimentada apenas começou.”

“Ah, hoje é primeiro? Certifique-se de entregar essas renovações de autorização ao escritório estadual. Eles devem ser entregues este mês. E o Marco está solicitando mais

espaço para o vinhedo neste próximo ano. Há algum espaço no lado oeste, mas ele queria que você administrasse."

Ela puxou o mapa da fazenda. A fazenda ficava fora de Corona, no sul da Califórnia, onde a terra era mais barata. Era perto o suficiente de Los Angeles para sentir como se estivessem na cidade grande e longe o suficiente para não reivindicá-la. "Sim, isso deve ser bom."

“A beleza está meio embalada, mas vou terminar de enchê-la e vir. Tenho uma surpresa para te mostrar.” Beleza era o que ele chamava de seu Lincoln Navigator chic e caro demais.

Ela sorriu e bateu na lateral da mesa. "Estou esperando na ponta do meu assento." Contratar Bobby foi uma das decisões mais inteligentes que ela tomou depois de deixar a Geórgia e todas as suas memórias ruins. A vida não tinha sido fácil nos últimos sete anos, mas ela se sentia como antigamente perto de Bobby e se agarrou a ele como um suporte vital.

Depois de desligar, ela se espreguiçou na cadeira e terminou o anúncio em que estava trabalhando. Meia hora depois, ela afastou as mãos do teclado e concentrou sua atenção no porta-retrato solitário em sua mesa. A madeira marrom opaca cercava uma foto envelhecida de Caralyn e sua mãe na praia quando ela era muito pequena para se lembrar. Sua mãe, ainda saudável na época, olhou para Caralyn.

Com reverência, ela pegou a moldura e traçou o contorno de sua mãe. Seus traços suaves eram tão diferentes de

como ela parecia depois de perder a luta contra o câncer de pulmão. Se ao menos ela estivesse por perto para tornar a temporada mais brilhante.

Seu peito se apertou e ela agarrou a foto com as duas mãos conforme cada respiração se intensificava. A vida estava vazia desde o dia em que ela se despediu. Nada preencheu esse vazio. A felicidade parecia o vento. Ela sentia isso com frequência, mas não conseguia segurar e fazer com que ficasse.

A garotinha da foto havia sumido. Apenas uma casca endurecida de quem ela costumava ser foi deixada. Não é que ela não quisesse voltar a ser inocente e compassiva. É que ela não conseguia. Sua dor era muito profunda e ampla para cruzar outra barreira emocional.

A porta se abriu, assustando-a. Com um estrondo, a moldura caiu sobre o velho pedaço de metal de uma mesa, quebrando o vidro.

Bobby Craig entrou no escritório com uma carga de caixas vermelhas e verdes brilhantes nos braços. Em segundos, ele preencheu o pequeno espaço com sua alegria assobiando. Ele parou quando viu o vidro quebrado. "Desculpe. Eu fiz você fazer isso?"

Sim. "Não, apenas caiu."

"Vou pegar uma nova moldura para você quando parar na loja mais tarde."

Ela franziu a testa e olhou para o vidro quebrado que cobria seus rostos. "Está bem."

Com cuidado, ela levantou a moldura quebrada e colocou-a na gaveta de cima com todos os pedaços de vidro quebrado. Fora da vista, longe da mente.

Caralyn se recostou no assento e voltou sua atenção para um e-mail, clicando com o mouse com mais força do que o normal.

"Tudo bem, Urso Carinhoso?" Ele colocou sua carga espalhafatosa na mesa dela e se inclinou para mais perto.

"Apenas outro dia." Soltando o mouse, ela agarrou uma régua de sua mesa e cutucou a caixa ofensiva até que balançou na borda da mesa.

Bobby o agarrou com a coxa antes que qualquer coisa pudesse derramar. Seu jeans estava extra apertado hoje, mostrando seu corpo esguio. Ele era um garoto normal do interior da Geórgia, barbeado na maioria dos dias e ficava bem com tudo o que vestia.

“Agora, espere. Eu sei o que você está pensando."

"Você sabe?" Caralyn encontrou os olhos verde-escuros de Bobby. Eles a lembravam de folhas de visco. A princípio, a planta parecera feia para ela, mas, como as macieiras, estava crescendo em sua concepção. Assim como Bobby. No último ano, ela se apaixonou profundamente por ele. Novamente.

Ela abanou o rosto com a régua, mas isso não impediu que suas bochechas ardessem.

“Eu sei que você não gosta da cor, mas dentro desta linda caixa estão as novas embalagens *respiráveis que* você encontrou à venda em setembro. Eles são tão grandes quanto você queria, com a vantagem adicional de ser alegre para a

temporada de férias. Agora, chega de empurrar as mercadorias."

Isso definitivamente não era o que ela estava pensando, mas era uma boa diversão para seus pensamentos. Depois de colocar sua régua em segurança, ela cruzou os braços e se afastou da caixa que ele colocara em sua mesa. "Eu não pedi em vermelho e verde."

"Além das caixas de pesquisa de câncer que enviamos, administramos uma fazenda de visco." disse ele com um sorriso malicioso. "Não podemos errar com embalagens festivas. Elas estão até um pouco mais baratas do que as que você queria."

Seu peito doía, como sempre acontecia quando o Natal se aproximava, arrastando consigo suas memórias assustadoras. A estúpida estação e toda a sua terrível alegria podem apodrecer. "Nossos clientes estão bem com nossa embalagem marrom padrão, e eu também."

Como ela tinha uma forte indiferença ao Natal, Caralyn se opôs a comprar a fazenda, mesmo com sua área extra. Mas quando ela descobriu que a fazenda não era apenas um vinhedo, mas também enviava remessas regulares de visco para um centro de pesquisa de câncer no Texas, ela fez uma oferta. Os profissionais médicos usaram o visco por centenas de anos para tratar várias condições médicas, incluindo câncer. Desde que soube disso, ela fez parte de seu plano de vida fazer sua parte para encontrar uma cura para o câncer. Se ao menos ela pudesse ter encontrado o tratamento certo a tempo de ajudar sua mãe.

Antes que as emoções tomassem conta dela, ela se levantou e abriu a porta. “Temos caixas suficientes para o resto do ano.”

Bobby abriu a caixa e jogou fora a fita da embalagem. “E agora temos muito mais. Elas vão ficar. Seria um *desperdício* não usá-las agora que estão aqui.”

Ela se encolheu. Caralyn nunca desperdiçou nada. "Tudo bem, mas deixe-as em sua casa."

Ele franziu a testa. “Como podemos usá-los todos os dias se elas ficarem na minha casa? Você sabe, a menos que você queira passar um tempo lá. É maior do que este escritório, e tenho certeza que Sammy sente sua falta.”

Sammy era o gato que Bobby ganhou no ensino médio. Caralyn e Bobby cresceram juntos, e visitar sua casa tinha sido um evento frequente até o colégio, quando eles foram separados.

“Dê um tapinha nele por mim, mas não mude de assunto. Esconda as caixas vistosas debaixo da mesa ou leve-as para casa. E é melhor que não haja decorações de Natal aí. Não as esgueire para o escritório. Não vou ser enganada de novo.”

Bobby sorriu, apesar de seu tom irritado. Ele deu um passo mais perto, combinando sua altura com a dela. Seu coração disparou, mas ela afastou seus sentimentos como fazia desde a faculdade.

"Você me conhece muito bem." Ele sorriu, sua única covinha piscando perigosamente. “Ainda pretendo fazer isso, mas eles não estão nesta caixa.” Ele olhou ao redor e seus

lábios se torceram em uma careta. "Este escritório precisa de um pouco de ânimo."

Ela olhou ao redor do minúsculo escritório com suas paredes brancas e as mesas de metal que eles encontraram em um ferro-velho. Eles não precisavam de muito espaço. A maior parte do trabalho deles era armazenada em computadores, e Bobby nunca ficava sentado em uma mesa por muito tempo. Caralyn balançou a cabeça. “Por que decorar para um feriado que não significa nada para mim?”

“Ah, vamos, Urso Carinhoso. É hora de você lembrar o quanto você ama o Natal. Se não fosse por esta temporada, esta fazenda não estaria tão ocupada, e seus bolsos estariam tão vazios quanto a alegria do feriado.”

"Obrigadaa pelo seu feedback." Ela bateu na boca com a caneta enquanto digeria suas palavras. Amar o Natal novamente era tão provável quanto Caralyn se livrando de seu medo de sete anos. Não vai acontecer. Se preocupar com a fazenda era algo que ela podia fazer.

Combinado com as vendas do vinhedo de Marco, sua colheita de maçã e seus pedidos de visco durante todo o ano, o negócio estava indo bem. Agora que supostamente era “a época mais maravilhosa do ano”, ela não teria problemas para economizar dinheiro para os meses mais lentos. Pelo menos o feriado desagradável servia para alguma coisa.

Caralyn endireitou os papéis sobre a mesa e endireitou as canetas em sua lata. “Pronto para ir? Tem havido uma escassez de visco no Sul, já que a maioria das agências de vida

selvagem aumentou seu jogo, e todo mundo precisa de um pouco. Parece que estaremos ocupados nesta temporada."

Bobby estalou a língua e apontou o dedo para ela. "Sempre sobre negócios." Ele gesticulou para as caixas. "Bem. Eu estava trazendo isso primeiro, depois as mercadorias. Tem até visco extra para decorar o escritório, Sra. Scrooge."

Caralyn ignorou seu golpe e se levantou. "Eu vou te ajudar a descarregar. Temos trabalho a fazer."

"Não, não vou permitir. Você é o cérebro. Eu sou forte. Já volto, senhora." Ele piscou e se dirigiu para a porta.

"Pare de me chamar de senhora." disse ela, sentando-se novamente. Ela poderia tirar o garoto do sul, mas nunca o sul do garoto. "E sem piscar mais." A porta já estava fechada, mas ela disse assim mesmo.

Às vezes havia algo mais entre eles, e outras vezes ela pensava que nunca escaparia da zona de amizade. Namorar não era uma prioridade, a menos que Bobby estivesse envolvido, e como esse dia nunca chegaria, ter uma carreira forte era importante.

Ela começou a imprimir as etiquetas de mala direta para cada remessa. Quando ela estava quase terminando, Bobby empurrou a porta com o pé, os braços cheios e as bochechas coradas.

"Último carregamento." Assim que colocou a braçada no chão, ele ergueu uma bola redonda de visco e piscou. "Quer um beijo?"

Seu coração acelerou com a sugestão. Se ele não estivesse brincando. "Não em sua vida." Caralyn estreitou os olhos quando ele largou seu fardo no chão.

“Pare de me olhar assim.” disse ele, pegando a tesoura na mesa dela e sentando-se em seu lugar habitual no chão. “Eu tive uma chance de cinquenta por cento. Se o seu olhar azedo é sobre eu colocar esta planta produtora de beijo no chão, você deveria ter comprado um escritório maior com uma mesa de trabalho que não tremesse. O aquecedor também precisa de uma atualização.”

E assim, ele rejeitou seu convite de beijo como se fosse uma piada. Ela nunca soube quando levá-lo a sério.

"Vamos começar." disse ela, ignorando a discussão em curso sobre um novo sistema de aquecimento. “Quero enviar todos os pedidos antes do fechamento dos correios.”

Bobby se recostou na mesa dela. "Sim, senhora. Ei, a propósito, eu ouvi uma curiosidade sobre o visco na fazenda hoje.”

Ela revirou os olhos, mas permitiu que ele lhe contasse. Contanto que não fosse sobre aquecedores, Natal ou beijos, ela recebia bem.

“Eu vi algo em uma baga de visco hoje, como um pequeno saco transparente.”

Pelo menos era um assunto seguro. Estranho, mas aceitável.

“Marco me disse o que era, mas acho que deveria saber. As borboletas colocam seus ovos nas plantas e usam o

néctar como alimento. Tenho certeza de que *elas* gostam de beijar sob o visco."

Quando ela optou por não responder, eles finalmente se estabeleceram em um silêncio de trabalho amigável. Claro, ele deixava Caralyn louca, mas não havia mais ninguém que ela quisesse em seu canto.

No final do dia, ela limpou a mesa instável e passou o aspirador no chão duas vezes enquanto Bobby carregava o carro com as remessas do dia. Quando ela chegou à sua mesa para responder aos e-mails, mais sete pedidos haviam chegado e o trabalho da manhã seguinte estava preparado para eles.

Ela abriu a gaveta de cima para tirar a bolsa e viu a moldura quebrada. Ela o ergueu e removeu o rosto da mãe.

"Pronta para ir?" Bobby perguntou, uma grande caixa de pedidos em seus braços. "Vou acompanhá-la até sua caminhonete e depois parar nos correios a caminho de casa."

Ela jogou o vidro quebrado fora, colocou a moldura de volta na gaveta e fechou-a com cuidado. "Sim, estou prontaa."

Depois que ela pegou suas coisas e trancou o escritório, Bobby se virou. “Em alguns dias, vou precisar de um ou dois dias de folga.”

“Durante a época mais movimentada do ano? Por quê?"

“Um amigo está vindo nos visitar.”

Antes que ela pudesse perguntar quem era, dois homens mais velhos em ternos escuros caminharam pela passarela do outlet e se aproximaram deles. Ambos os homens eram magros e altos e a lembravam de ministros viajantes. Um segurava um envelope pardo nas mãos.




“Feliz Natal.” gritou o homem mais alegre.

“Sinto muito, já estamos fechados por hoje. Abrimos às oito, se você quiser voltar.”

“Uh. . . ” O que segurava o envelope o colocou em suas mãos. “Estamos arrecadando dinheiro para a Fundação Warm Feet para ajudar as crianças a ter um novo par de sapatos neste Natal. Esperamos que você tenha tido sucesso em seu negócio este ano e não se importe em compartilhar com aqueles que estão ao seu redor.”

A irritação percorreu seu corpo. Altruístas de Natal. Ela os odiava quase tanto quanto as bobagens comerciais. Onde estava o dinheiro de instituições de caridade quando sua família precisava? Uma cesta de frutas apenas supria a fome de uma hora. Onde estava o dinheiro que eles precisavam para os intermináveis tratamentos e internações de sua mãe? Metade das instituições de caridade nunca recebeu as doações e, em vez disso, elas caíram nos bolsos fundos da empresa. Ela não estava caindo nessa de novo.

“Quanto do meu dinheiro irá para as crianças descalças de quem você está falando? Quinze por cento, vinte no máximo? A sua organização não é patrocinada pelo estado? Você não recebe fundos por meio dos impostos suados que tenho de pagar?”

Os dois homens piscaram surpresos antes que o homem nervoso gaguejasse uma desculpa. “Nós não configuramos o...”

“Eu sugiro que você atenda às necessidades delas o melhor que puder, e se eu vir alguma criança andando




descalça, vou me certificar de descobrir o tamanho do sapato. Não estou interessada em doar nada neste momento."

Bobby deixou cair a caixa na porta, não muito suavemente. Ele retirou sua carteira e entregou aos homens uma nota. "Obrigado por tudo que vocês fazem."

Eles agradeceram e desceram a calçada sem dizer uma palavra.

Bobby a encarou com olhos julgadores. "Caralyn, por que você sempre questiona os motivos de uma pessoa? Às vezes, as pessoas estão honestamente fazendo o seu melhor."

"Sim mas..."

"Às vezes," Bobby disse, interrompendo-a, "há uma centelha de quem você costumava ser no passado. Um pequeno vislumbre. Como quando você segurou a foto da sua mãe. Ou quando você ajudou a menina perdida a encontrar sua família na semana passada. Você tem coração, muito. Mas então, de repente, é como se você virasse ao avesso e fosse outra pessoa. Quem se importa se as instituições de caridade recebem apenas uma pequena porcentagem? É pelo menos alguma coisa!"

Os protestos subiram em sua garganta, mas ela só conseguiu fazer um. "Isso é porque eu não sou a mesma pessoa."

Sua carranca se aprofundou. "Por que você trata todo mundo de maneira diferente do que você me trata? Para mim, você é engraçada, trabalhadora e muito inteligente. Por que não mostrar esse lado para todos?"

"Porque é você." ela gaguejou.

“Não, isso não é o suficiente. Não deixe o passado ditar quem você é e como trata os outros. E o mais importante, não confunda todas as suas boas memórias com as ruins.”

Ele pegou a caixa de pedidos novamente e se dirigiu para o carro. O que ela poderia dizer para contrariar seu argumento? Ela *havia* mudado e, na maioria dos dias, nem se reconhecia.

Quando ele ligou a caminhonete e se afastou, a decepção se formou em seu estômago vazio. Ela afastou a inquietação e direcionou sua energia negativa para os dois homens que batiam na porta do escritório vizinho.

"Malditos benfeitores."

DOIS

Caralyn se dirigiu para seu carro O shopping center ficava em uma parte mais antiga da cidade, longe da agitada cidade de Corona. A névoa se acumulou no terreno vazio como uma nuvem espessa.

“Tempo terrível para um começo sombrio de dezembro. Adorável!” ela murmurou para si mesma enquanto destrancava a porta e entrava.

Sua velha e surrada caminhonete Chevy era o mesmo veículo que sua mãe lhe dera no colegial. Não que ela não tivesse dinheiro mais do que suficiente para pagar por um carro novo, mas ela não viu a necessidade quando sua caminhonete funcionou perfeitamente bem.

Ela ligou o motor. Segundos depois, o tiro saiu pela culatra e desligou. Ok, então, funcionava quase perfeitamente bem.

Caralyn cerrou os dentes e testou o motor novamente, desta vez pisando fundo no acelerador para acelerar o motor. Ela rosnou enquanto puxava a caminhonete, cuspindo e tossindo, para a rua. "É melhor levá-la para um checkup."

Ela morava a exatamente vinte e oito milhas de Corona, em Wildomar. Era perto o suficiente para trabalhar, ela poderia estar lá em uma hora de carro, se o trânsito cooperasse. Todos pareciam estar saindo do trabalho ao

mesmo tempo, e ela se preocupava toda vez que pisava no freio que o carro morresse.

Depois de puxar a saída da trilha Wildomar uma hora e meia depois, ela se dirigiu ao mecânico. As lojas já estavam decoradas com luzes brilhantes que lançavam um brilho assustador na noite nebulosa. Ela fez uma careta para as exibições de Natal. Se ela visse mais um Papai Noel inflável, ela o cutucaria com um lápis afiado.

Ela parou em seu mecânico, apenas para descobrir que estavam agendados para uma semana.

“Você sempre me fez uma prioridade no passado.” ela protestou quando Joe, seu mecânico usual, recusou sua oferta de um bônus adicional por pressioná-la no cronograma.

Joe deslizou para fora do carro em que estava trabalhando e lançou-lhe um olhar de aborrecimento. “Eu disse a você da última vez que não consertaria seu carro de novo, a menos que você fizesse os reparos necessários. Uma pequena correção pode acabar matando você, e eu não quero ser o responsável."

“O que eu preciso fazer de novo?” ela disse, mordendo o lábio inferior. Todos queriam mais um dólar, e ela conheceu muitos mecânicos desonestos. No passado, ela assistia a vídeos online de como trocar o óleo e substituir a bateria, mas as sugestões dele de um mês atrás não tinham sido assustadoras demais?

“A transmissão precisa ser trocada, os freios estão disparados e é só uma questão de tempo antes de você deixar

aquele pedaço de metal na estrada. É um acidente esperando para acontecer.”

Ela esvaziou como um balão de uma semana atrás. Não há muitos vídeos de como fazer para ajudá-la com tanto trabalho. Talvez ela pudesse apelar para o lado emocional dele. "Você sabe o quanto esse caminhão significa para mim, certo?"

Sua postura relaxou, mas ele manteve o brilho de aço em seus olhos. “Eu sei que é a velha caminhonete da sua mãe, mas não está apenas quebrada. É um dinossauro. Completamente extinto. Faça os reparos ou compre um carro novo, e ficarei feliz em ajudá-la.”

Caralyn se irritou. Como ela poderia encontrar alguém no último minuto? "Bem. Há muitos mecânicos nesta cidade. Se você não precisa do meu negócio, vou levá-lo para outro lugar.”

“Boa sorte com isso.” Joe murmurou enquanto deslizava de volta para debaixo do carro e começava a clicar com a chave inglesa na mão. “Duvido que alguém estará disponível nesta temporada movimentada ou tão acessível, mas com certeza. Vá em frente e tente.”

Depois de cravar o calcanhar no chão por alguns segundos, ela voltou para a caminhonete. A coragem de algumas pessoas. Em vez de encontrar outro mecânico, ela dirigiu até uma lanchonete próxima e acrescentou mentalmente um item extra em sua lista de tarefas para o dia seguinte.

Os comentários de Bobby mais cedo ecoaram em sua cabeça enquanto ela pedia um sanduíche e se sentava em

uma mesa para comer. Brigas entre os dois eram normais, mas raramente ele dava um *sermão* nela. Senti. . . diferente. Humilhante. Principalme nte porque ela sabia que ele estava certo sobre tudo e ela não sabia como consertar.

Jingle Bells tocava no rádio do restaurante, alto demais para seu conforto. Quando ela estava prestes a pedir ao gerente para mudar a estação ou desligar o som, um grupo barulhento de adolescentes entrou. Eles eram o pior tipo de pessoa que havia, rindo de nada, pregando peças e zombando uns dos outros.

Um dos meninos do grupo olhou para ela e pousou os olhos nela. Em tudo dela. Pelo menos ele tinha bom gosto. Seu cabelo castanho sedoso e sua estrutura alta e esguia eram o sonho de qualquer homem. Mas um mero menino?

O rosto de Caralyn se encheu de calor enquanto ele continuava a olhar, e ela se levantou, jogando o lixo. Como os adolescentes estavam próximos à lata de lixo, ela se dirigiu para eles e chegou perto o suficiente para que ele a ouvisse. Ela baixou a voz para um sussurro ameaçador. "Espere até que seus pelos faciais cresçam antes de verificar as mulheres mais velhas, ok?"

Sob as longas mechas sujas que cobriam o rosto do menino, os cantos de sua boca se ergueram em um sorriso malicioso, mostrando duas fileiras de brilhantes suspensórios de metal. Ela o olhou fixamente até que ele recuou.

Com um sorriso, ela saiu da loja de delicatessen, abrindo a porta e deixando-a bater de volta no lugar. "Ah, me senti melhor."

A viagem até sua minúscula casa de dois quartos na esquina da Orange Street com a Walnut foi mais agradável, tendo vencido o momento. Isso, até que ela estacionou em sua garagem e viu o reflexo brilhante nas janelas da frente na escuridão.

O que eles estavam tentando fazer, ganhar uma competição de luzes de Natal contra os Kranks? Ela mordeu o lábio inferior enquanto se perguntava onde estaria a fonte de energia. Que desperdício de dinheiro e energia! As horas que passaram cobrindo o telhado, a lateral da casa e o gramado com luzes seriam muito melhor gastas em reformar o telhado de Caralyn, melhorar a pintura em seu acabamento e regar seu gramado. As venezianas eram as originais e mostravam sua idade através de camadas de tinta descascadas.

Quem se importava se os vizinhos tinham a casa mais bonita do quarteirão quando a do outro lado da rua precisava de uma reforma?

Caralyn afastou seus pensamentos pesados e saiu da caminhonete. Foram dez passos da garagem até a porta da frente e depois mais dois para se fechar do resto do mundo. Caralyn puxou sua chave, idêntica à maçaneta de latão.

Quando ela colocou a chave no buraco, a maçaneta mudou para dentro. . . que? Um rosto?

Impossível! Ela puxou a mão para trás quando o rosto se transformou em um familiar com bochechas cheias e sobrancelhas grossas. O coração de Caralyn disparou para sua garganta, sufocando a respiração de seus pulmões. "Mamãe!" Sua voz era um grito raso na escuridão.

Caralyn fechou os olhos com força e balançou a cabeça. Ela havia trabalhado muito tempo e agora estava vendo coisas. Quando ela os abriu novamente, ela fixou seu olhar na maçaneta. Ele havia retornado ao seu estado natural. Boba! Foi apenas um truque de sua mente cansada, ver sua mãe na maçaneta de latão.

Apesar de sua centelha de bravura, suas mãos tremiam quando ela girou a maçaneta e deu um passo hesitante para dentro, permitindo-se apenas uma olhada para trás na maçaneta. Quando ela foi assegurada de que permaneceu completamente normal, ela bateu a porta da frente atrás dela. O som reverberou pela casa, ricocheteando nas paredes vazias como um trovão.

Assim que ela trancou e verificou a porta, Caralyn largou suas coisas em uma mesa próxima e saiu na ponta dos pés pela entrada. Não havia razão para ter medo, mas ela ainda tremia no escuro. Usando o telefone como luz, ela desceu o corredor, mais confortável no escuro silencioso e econômico.

A inquietação subiu por sua espinha e os pelos de seus braços se arrepiaram. Poderia ter sido a digestão do sanduíche, mas ela queria verificar cada recanto ou fenda onde alguém pudesse se esconder. A sala da frente não tinha sofá ou mobília, já que ela não queria gastar seu tempo ou

dinheiro em uma sala de entretenimento. Em vez de arte ou decoração para casa, ela permitiu que as paredes brancas dessem o toque final. Simples e de baixa manutenção.

Ela se arrastou pelo corredor até o quarto de hóspedes, segurando o telefone na frente dela, iluminando o corredor estreito e as paredes nuas. A sala era apenas um lugar vazio para se pensar e continha apenas uma coisa, uma cadeira de balanço que uma pessoa anônima deu à sua mãe depois de descobrir seu diagnóstico. Sua mãe adorava a cadeira. Foi o único luxo que ela se deu ao se mudar para cá, trazê-la com ela.

Mas a cadeira estava vazia.

Caralyn suspirou e voltou para a frente da casa, onde um amplo conjunto de escadas rangentes levava ao seu quarto no loft. O brilho dos faróis de um carro entrou pelas janelas e liderou o caminho até as escadas enquanto sombras dançavam nos lençóis de sua cama.

Ela colocou o cesto de roupa suja na frente das escadas para bloquear a seção de luz que brilhava em sua cama. Se tropeçasse em alguém disposto a entrar, também funcionaria.

Depois de colocar o pijama, ela aqueceu os pés na ventilação ao lado da cama. O sul da Califórnia era moderadamente frio, mas sua casa era fria e sombreada por altos carvalhos que impediam qualquer calor de entrar furtivamente durante o dia.

Em vez de esquentar demais, ela deixou os pés permanecerem nas aberturas até quase queimarem. Enquanto esperava, ela torceu o telefone para todos os lados,

querendo ligar para Bobby. Talvez se ela pudesse ouvir sua voz, o nó apertado em seu estômago iria se desfazer.

Finalmente, ela discou o número dele e apertou enviar. A ligação dela foi direto para o correio de voz. Explosão! Ela ouviu a cadência familiar de sua voz profunda em sua mensagem de correio de voz. Não que ela *precisasse* ouvir sua voz, mas ninguém acalmava seus nervos melhor do que ele. Ele era tão confiável quanto gentil.

Quando o telefone tocou, ela iniciou sua mensagem. “Ei, Bobby. Sobre antes. . . ” Ela mordeu a língua e se forçou a falar. "Sinto muito se te decepcionei." Ela olhou para a calça do pijama e fez uma careta. Por que isso foi tão difícil? “Minha caminhonete está morrendo de novo. Posso estar atrasada para o trabalho e gostaria que você soubesse. Tchau."

Antes de terminar a mensagem, ela fez uma pausa, e um desejo de realmente se desculpar borbulhou dentro dela como uma fonte quente. Havia algo errado com ela. Lá! Ela disse isso. Ou pensou nisso. Por que foi tão difícil dizer a alguém?

Na única vez que ela fez terapia, um psicólogo disse que os comportamentos de Caralyn de acumular dinheiro, ser super controladora e bloquear os outros era uma resposta ao seu trauma. Caralyn pensava que a terapeuta estava sendo paga para ouvir e não tinha feito seu trabalho, mas talvez houvesse algo mais nisso.

Quando o telefone tocou, ela ainda não estava pronta. Em vez de dizer o que sentia, Caralyn encerrou a ligação e enterrou a culpa bem no fundo. Relutantemente, ela tirou os dedos dos pés quentinhos do respiradouro e colocou os pés na cama

e debaixo das cobertas antes que o frio os penetrasse. Um pouco mais aquecida, ela olhou para o teto pontiagudo, onde a pintura com textura de cascalho brilhava ao luar.

Se Bobby tivesse atendido, ele teria falado com ela até que ela adormecesse. Em vez disso, seus olhos permaneceram fixos no que qualquer um poderia pensar que eram estrelas cintilantes no teto. O rosto ossudo de sua mãe a encarou de volta. Ela olhou para vários pontos no teto, e ainda assim a imagem só ficou mais nítida em sua visão.

"Cacete!"

Pés quentes ou não, ela saiu da cama e caminhou pelo quarto para acalmar seus nervos. O ar não parecia bom. Um barulho de batida a fez pular. Tremendo, ela puxou o manto sobre os ombros e o apertou. Ela espiou lentamente por cima do corrimão para ver se conseguia pegar algum movimento. As batidas começaram novamente, desta vez mais altas e persistentes. Parecia a cadeira de balanço de sua mãe, batendo para frente e para trás no chão.

Um rangido, movendo-se pelo corredor, em direção às escadas. Calafrios explodiram em seus braços e ela os esfregou. Uau, ela estava realmente ouvindo coisas agora. Parecia que alguém estava arrastando algo pelo chão em direção às escadas. Mas isso era ridículo!

Ela riu, mas foi uma tentativa fraca, fazendo-a rir um pouco mais. Tudo estava bem. Ela estava apenas sendo boba. Alguém provavelmente envenenou sua comida. Ou a explicação mais lógica, casas velhas se moviam e rangiam. Caralyn riu de sua própria

covardia. Provavelmente era Bobby passando para fazer uma visita em vez de atender o telefone. Ele frequentemente aparecia depois que ela ligava para ele, então por que não esta noite?

Outro baque sacudiu o silêncio, fazendo-a pular. Mas o que ele estava carregando?

Deslize, batida.

Deslize, batida.

Caralyn levou a mão trêmula à boca e deu alguns passos para longe do corrimão. Alguém estava em sua casa, e se fosse Bobby, ele estava ferrado pelo resto de sua vida.

De repente, sua cadeira de balanço deslizou acima do último degrau, deslizando pelo chão até ela. Ela engasgou. Quando ela avançou para investigar, uma figura fantasmagórica familiar apareceu no topo da escada.

“Aquela cadeira de balanço era uma fera.” uma voz familiar disse, acariciando suas orelhas.

O queixo de Caralyn caiu no chão. Era sua mãe.

Três

Não, não poderia ser.

"Mamãe?" Sua voz saiu em um sussurro áspero enquanto ela dava um passo hesitante para frente. "Cacete! Eu devo estar sonhando. Isso *não* é real." Falar as palavras em voz alta a confortou um pouco.

Caralyn balançou a cabeça, desejando que o espírito desaparecesse, mas não, ele ainda estava lá, olhando para ela com uma carranca. Em vez das bochechas magras de sua mãe e do corpo cheio de câncer, ela se transformou na pessoa que era antes de sua doença. Ela usava um vestido branco que flutuava em torno de seus pés, mostrando sua figura. Quinze quilos mais saudável, suas bochechas redondas e cheias mostravam sua covinha quando ela sorria. Seu cabelo de ébano estava mais uma vez longo e espesso e caía atrás dela enquanto ela se movia em direção a Caralyn.

Sua mãe riu, um ruído de tilintar maravilhosamente estranho. "Não importa o quanto você feche os olhos ou os aperte olhos, eu não vou a lugar nenhum."

Caralyn recuou até que suas pernas tocassem a beira da cama. Ela se sentou para não desmaiar. De jeito nenhum era realmente sua mãe.

Mãe dela. . . não, o fantasma, empurrou a cadeira de balanço pelo chão, sentou-se e começou a balançar como se fosse a reunião mais normal.

O ar ao redor dela esfriou conforme a cadeira movia o fantasma para mais perto. Caralyn se afastou da cama e colocou os pés no respiradouro novamente, mas não ajudou. Seu corpo estava frio como gelo.

A expressão agradável do fantasma mudou para um sorriso irônico. “Você não acredita que sou eu, não é? Nem mesmo quando

puxei esta cadeira de balanço escada acima?" O fantasma olhou em volta para a sala vazia. “Não havia muitas opções de assentos, então eu trouxe comigo. Você deve ter pelo menos uma cadeira ou um sofá. O que? Você tem medo de que sua bunda fique achatada?"

Apesar da situação incerta em que Caralyn se encontrava, sua boca se contraiu involuntariamente. Tinha sido uma piada comum em sua família desde que sua mãe foi diagnosticada pela primeira vez. Quanto mais tempo você fica sentado, mais nivelado fica seu traseiro. Não é exatamente uma piada, porque realmente aconteceu com as pessoas, incluindo sua mãe, mas manteve-as rindo até o dia em que ela morreu.

“Um lampejo de sorriso.” sua mãe disse com um tom de repreensão, “Mas eu aceito. Vejo que temos muito trabalho aqui.”

"O que você quer?" Caralyn engasgou com as palavras. Parecia estranho falar com sua mãe assim, mas não havia prova de que ela não estava sonhando.

O sorriso assustador do fantasma parou pela primeira vez desde que apareceu na escada. Sentando-se novamente na cadeira de balanço, ela explicou: “Qualquer pessoa que tenha negócios inacabados tem que ficar por aqui e limpar a bagunça que eles fizeram.”

O telefone caiu no chão com estrépito. “Que negócio inacabado *você* tem? Você era a mãe perfeita.”

Sua mãe levantou uma sobrancelha fantasmagórica. Foi a primeira vez que Caralyn reconheceu o espírito como sua mãe. Caralyn sabia que sua mãe não era ninguém aos olhos do mundo. Mas para Caralyn, ela era uma dona de casa, uma boa cozinheira e líder de torcida pessoal para ela e seu pai. Se um espírito tivesse que ser punido pelo modo como vivia sua vida, Caralyn tinha certeza de que alguém com um passado mais perverso seria escolhido.

Sua mãe se levantou da cadeira de balanço e a deslizou para mais perto dela. “Você mudou, Cara. Basta olhar para você e qualquer um saberá que você não é a criança feliz e animada que já foi.”

A voz dela levantou os cabelos da nuca de Caralyn. Caralyn olhou em volta para suas paredes brancas. “Eu sei que parece que minha vida está uma bagunça, mas estou bem.”

Sua mãe se sentou novamente, balançando contra o piso de madeira antes de falar. “É hora de fazer mudanças maiores e mais significativas em sua vida. A mudança precisa vir, com seu passado, presente e futuro, e precisa deixar ir o que você perdeu.”

Uma dor cresceu no peito de Caralyn, e a parede protetora que ela construiu em torno de seu coração se estilhaçou em rachaduras profundas.

“Eu amei muito você e seu pai, mas vocês dois me decepcionaram. Eu não morri para que você parasse de viver.”

Caralyn envolveu-se com os braços para não tremer. “Eu não parei. Você não está por perto para ver...”

“Não resta muito tempo.” Sua mãe a interrompeu. “Estou aqui para avisar você, Caralyn. Se você falhar em aprender com o passado, você viverá para se arrepender.”

Caralyn engoliu em seco com a escuridão repentina na voz de sua mãe. "O que você quer dizer?"

“Nos próximos dias e semanas, você será assombrada por um fantasma, a única pessoa que pode ajudá-la a ver.”

O sangue sumiu do rosto de Caralyn. "Outro fantasma?" Ela mal podia suportar ver sua mãe, a pessoa de quem ela era mais próxima. "M-Mas eu..."

“À meia-noite dos próximos trinta dias, você dará mais um passo em uma jornada para lembrar seu passado, presente e perceber o que acontecerá em seu futuro se você não mudar.”

Outra visita à meia-noite? "Por favor, me diga que você está brincando."

Sua mãe se endireitou e limpou a expressão sombria de seu rosto com um sorriso. "Caralyn, eu acredito em você."

"Mas estou bem com a forma como as coisas estão."

Sua mãe balançou a cabeça e se levantou. "Boa sorte, querida."

Caralyn teve o desejo repentino de abraçar a mãe, mas se conteve. Não era sua mãe, e abraçar um fantasma era tão ridículo quanto um fantasma estar em seu quarto.

"Estarei de volta em nove dias para verificar seu progresso."

Caralyn franziu as sobrancelhas. "Nove dias?" Se ela não conseguiu mudar nos últimos anos, alguns dias não fariam muita diferença. “Espere, como você pode voltar? Fantasmas não reapareceram como para Scrooge no Conto de Natal. E ele teve quatro que o visitaram, certo? Tem certeza que só tenho dois?"

“Isso não é ficção, querida.” sua mãe disse com um sorriso divertido. “Espero ver seu progresso em nove dias. Lembre-se do que eu disse a você.” Sua mãe deu um passo em direção à escada. Caralyn deu um passo à frente para segui-la, mas sua mãe ergueu a mão para impedi-la e então desapareceu.

Caralyn balançou a cabeça e olhou ao redor da sala. A cadeira de balanço também havia sumido. “Por favor, seja um sonho. Que tudo tenha sido um sonho.”

Ela correu para a cama e fechou os olhos com força. Nove dias para se consertar, mas por onde começar?

“Quando eu acordar, tudo estará normal.” Ela entoou repetidas vezes para si mesma, mas isso não impediu que o nó apertado em seu peito aumentasse.

Sua mente girou com as possibilidades, as coisas que deveria ter dito à mãe, mas não disse, e as perguntas que faria na próxima vez. Se houvesse uma próxima vez.

Quatro

Quando Caralyn abriu os olhos algum tempo depois, sua boca estava seca como algodão e as luzes do vizinho dançavam nas paredes escuras. Ela olhou para o relógio em seu telefone e suspirou. Meia-noite. Ela estava mais alerta do que antes, mas ainda chocada com seu sonho.

Ela correu para a cozinha para pegar uma bebida, engolindo um copo de água da torneira, mas não pareceu ajudar o nó que se alojou em sua garganta. Alguém deveria fazer uma visita à meia-noite. O pensamento a fez estremecer. Ou talvez fosse a falta de calor.

No caminho de volta pelo corredor, ela verificou se sua cadeira de balanço estava no lugar, mas nada estava fora de ordem.

As escadas rangiam a cada passo enquanto ela voltava para o quarto. No topo, ela congelou e olhou para frente. Uma pequena figura brilhante estava no final de sua cama, de costas para ela. Ela apertou os olhos na escuridão e deu um passo para trás quando o reconheceu.

Caralyn esfregou os olhos e piscou com força, mas o fantasma ficou onde estava, sorrindo para ela. Era uma versão mais jovem de Bobby, o que ela conheceu na terceira série. Seu cabelo preto estava penteado curto e sardas pontilhavam seu nariz. Ele tinha uma mancha de sujeira sob um olho e as

pontas dos dedos estavam lamacentas, como se ele tivesse cavado túneis sob o parquinho da escola.

Ela deu mais um passo para trás e quase caiu escada abaixo. Não, não pode ser. Ela se segurou no corrimão e respirou fundo quando a figura se virou para ela.

"B-Bobby?" ela gaguejou. "Por quê você está aqui? E tão jovem?"

A figura sorriu, uma luz fantasmagórica iluminando todo o seu corpo. “Olá, Caralyn. Eu sou o fantasma do Natal passado.”

Ignorando o Bobby do passado, ela se jogou de bruços na cama e enterrou a cabeça no colchão. Ela socou o travesseiro com os punhos. "Isto é um sonho. Você não está realmente aqui.”

Quando ela levantou a cabeça, a jovem aparição estava dando um passeio pela sala, balançando a cabeça enquanto olhava para as paredes nuas. “Por que sua casa é tão chata? Onde estão todas as suas fotos de nós e aquelas corujas de pelúcia que você tinha espalhadas por todo o seu quarto?"

Ela franziu a testa, pronta para terminar o sonho. "Eu cresci. Por quê você está aqui?"

"Estou aqui para caminhar com você na estrada da memória."

“Revisar o passado do mundo?” ela perguntou, sabendo imediatamente que não era seu propósito. Seu batimento cardíaco martelava em seus ouvidos. Por favor, não o passado dela.

“Não, não do mundo. É o *seu* passado que vamos vasculhar.” Apesar de seu tom gentil, cavar no passado só faria seu peito doer mais.

"Eu não quero."

O fantasma mostrou a língua como um verdadeiro garotinho e estendeu o braço. “Nem sempre você consegue o que quer. Vamos dar uma volta.” Bobby-Fantasma se aproximou da cama e tocou seu ombro. Sua pele nua não era o ar frio como ela esperava. Se isso fosse apenas um sonho, como as coisas poderiam estar ruins? E se ela visse algo que ajudasse a impedir que suas visitas de fantasmas acontecessem, melhor ainda.

"Tudo bem, vamos acabar com isso."

Ela se levantou e enroscou o braço no dele. Ele agarrou a mão dela com a mão livre. Embora seu aperto se intensificasse ao redor de seus dedos, seu toque era leve.

Quando ele a levou para longe da cama e em direção à janela, ela agarrou seu robe enquanto olhava para o chão abaixo deles. "Você espera que eu voe?"

Ele riu e piscou. “Eu nunca deixaria você cair. Confie em mim."

"Você é um espírito, e um jovem." ela murmurou baixinho, mas segurou o braço dele com força e atravessou a parede ao lado da janela e entrou em uma estrada de asfalto estreita e sinuosa com campos dos dois lados. As ruas e as luzes da cidade de Wildomar se foram. O ar estava úmido e mais frio, e cada respiração que ela dava soprava como uma névoa de fumaça.

O espírito olhou para ela enquanto ela absorvia tudo, os cheiros maravilhosos de casa. Um inverno frio da Geórgia, um toque de pinho e o aroma fresco de magnólia. Cada cheiro a lembrava de uma miríade de memórias que ela se forçou a esquecer.

"Uau!" ela disse enquanto olhava ao redor dos acres de grama e árvores "Estamos em Thomaston!" Ela olhou para os arbustos de amora-preta que ladeavam a propriedade, plantas dormentes e os arbustos de madressilva. “Há uma grande fogueira onde queimamos os arbustos que mamãe nos fez derrubar. Ainda não consigo acreditar que você jogou uma lata de musse. Idiota." Ela riu quando suas sardas aumentaram quando ele sorriu. “Eu amei este lugar.”

"Você está chorando." disse Bobby em um sussurro. "Você está bem?"

Ela limpou o rosto com o braço, recusando-se a pensar mais profundamente sobre o momento. “Um pouco de poeira vermelha entrou no meu olho. Vamos acabar com isso. Estou cansado."

"Você se lembra do caminho de volta?" Ghost-Bobby perguntou.

"Lembrar? Eu poderia andar até lá dormindo.” Ela inalou o doce aroma dos pinheiros da Geórgia. “Sempre me senti como se vivêssemos em uma mansão, trancados longe do mundo por estar tão longe da estrada.”

"Você sente falta, então?" Bobby-Fantasma começou a descer a estrada de asfalto em uma velocidade vertiginosa.

“Bem, é claro que sinto falta das minhas memórias de infância. Isso não significa que eu queira voltar àquela época.”

Ele encolheu os ombros e acelerou o ritmo enquanto viravam a esquina.

O alívio a invadiu quando a casa azul da plantação apareceu. Seus pais perseguiram uma Caralyn mais jovem ao redor do círculo redondo atrás de sua casa onde eles estacionaram seus carros por tantos anos. Ela respirou fundo, enchendo os pulmões com ar fresco e limpo, tão diferente da fumaça usual de Wildomar.

A jovem na garagem desapareceu, e o fantasma a levou para a varanda onde uma Caralyn ainda mais jovem estava sentada em um balanço, sorrindo com ansiedade.

"O que você estava fazendo?" O Bobby fantasma perguntou.

O coração de Caralyn apertou dentro dela enquanto ela se lembrava. “Eu estava esperando meu pai voltar do trabalho. Significava que as férias tinham começado oficialmente e poderíamos estar todos juntos. Sempre tivemos grandes planos para as férias e adorei cada minuto que meus pais estavam em casa.”

Bobby assentiu. "Você gostava do Natal então."

“Toda criança adora o Natal. Especialmente eu.” ela disse, surpresa com sua própria resposta. “Cada dia era especial.”

Ele fez uma pausa antes de passar pela porta da frente. "Você vai gostar dessa próxima memória então."

Ela engasgou quando uma nova cena os encontrou, sua família reunida no sofá. Sua mãe era tão saudável e

vibrante, como ela parecia no quarto de Caralyn. Caralyn não pôde evitar se mover em sua direção. Ela havia perdido a oportunidade antes, mas se ela pudesse apenas abraçar sua mãe uma vez, ela sabia que tudo seria melhor.

Antes que ela pudesse chegar mais perto, Bobby Fantasma agarrou sua mão antes que ela pudesse tocar sua mãe. “Está no passado e não podemos tocar em ninguém.”

Ela franziu a testa e o seguiu até a sala, que estava decorada com perfeição. Prateleiras com displays de manjedoura, estatuetas de Papai Noel e decorações alegres em cada parede. Sua pequena família de três pessoas estava reunida no sofá, canecas de cidra de maçã quente nas mãos, lendo sua tradicional *Noite Cajun Antes do Natal.* Oh, o que ela não daria para voltar aos primeiros dias com seus pais. Sem doença, sem raiva de seu pai por seguir em frente, dias inocentes.

Ela deu um passo à frente, observando sua árvore artificial com as pontas pintadas em cada galho. Estava repleta de ornamentos feitos à mão e escolhidos a dedo que representavam cada ano de sua vida. Seu olhar se demorou em cada ornamento, incluindo um minúsculo boneco de gengibre para representar o ano em que ela fez dezenas de biscoitos de gengibre e os deu para professores, vizinhos e amigos. Outro era uma grande nota musical rosa choque para representar os anos que ela cantou no musical da escola. Ela não via seus enfeites há anos.

“Vamos visitar outro Natal.” disse o espírito. Seus ombros caíram enquanto ela seguia atrás. Bobby fantasma

continuou passando pela sala de estar e em direção à cozinha, puxando-a enquanto ela ansiava pela família feliz que ela teve uma vez. As paredes do corredor eram brancas, contrastando fortemente com o tapete azul royal. E na cozinha, desde os pratos e copos até a bancada cor do céu, sua mãe exibia sua séria obsessão pelo azul.

A jovem Caralyn estava sentada sozinha no balcão da cozinha em uma das grandes cadeiras de madeira e encostada em suas costas de vime.

“Pai, não sei qual grupo devemos ajudar na próxima semana. Alimentar os sem-teto na véspera de Natal ou limpar e arrumar as prateleiras da despensa de alimentos?”

Ele saiu da despensa com um pote de azeitonas pretas nas mãos. “Ambos parecem coisas importantes a fazer. Devemos fazer os dois?”

Seu rosto se iluminou. “Você acha que poderíamos? Aposto que posso convencer Bobby e sua família a virem como fizeram no ano passado, e teremos o dobro dos ajudantes.”

Caralyn assistia à cena com carinho. “Nós nos divertimos nessas duas noites, hein, Bobby? Esses tempos nunca pareceram trabalho.”

“Mmm.” ele disse, concordando com ela. "Você ajudou muito naquela época."

A culpa picou sua consciência ao pensar nas muitas pessoas e organizações que ela havia afastado. Ela enterrou seus pensamentos quando ele a puxou para a sala de jantar,

onde uma fantástica festa de Natal foi posta na mesa. A jovem Caralyn tinha 12 anos.

Sua mãe nunca se contentou com uma mesa pela metade, e naquele ano, eles convidaram seus amigos mais próximos para jantar com eles, pois a família morava muito longe. Bobby e sua família estavam lá, junto com duas pessoas do trabalho de seu pai e uma viúva mais velha que sua mãe visitava todas as semanas, que não tinha família com quem comemorar. Todos tinham rostos brilhantes e alegres, incluindo ela mesma. Seus olhos dançaram enquanto os pais de Bobby contavam a ela sobre a vez em que ele trouxe uma cobra para a cozinha. Seus pais estavam confusos e Caralyn não pôde deixar de sorrir com a lembrança.

“A ceia de Natal sempre foi minha favorita. Eu gostaria...” Sua voz falhou quando as palavras morreram em sua língua.

"Isso é tudo por esta noite." Bobby fantasma gentilmente tocou seu ombro, puxando-a para longe da cena. A sala desapareceu, e a escuridão de seu quarto os envolveu.

Seus olhos brilharam para ela no escuro, lembrando-a de que o espírito não era seu Bobby. “Esta foi a primeira de muitas noites para revisar suas memórias do passado. Esta noite eu queria te lembrar o quanto você amou o Natal.”

Ela ignorou seu comentário. “Toda criança adora o Natal.”

Ele suspirou e levou a mão de nove anos ao rosto dela. “Haverá muito para lembrar e aprender. Muito trabalho. Descanse."

Um pensamento repentino a assustou, e ela estendeu a mão e tocou seu rosto. "Você está morto? Mamãe apareceu para mim e ela não está mais viva. Você é um Espírito. Isso significa que você está morto?" O pânico a invadiu ao pensar em nunca mais ver Bobby novamente.

Ele deu um tapinha no ombro dela algumas vezes. “Eu sou parte da imaginação da sua mãe. Vá dormir agora. Há mais para ver outro dia.”

Mais? Ela não tinha certeza se ela poderia aguentar mais. Os dolorosos seriam os próximos. "Tipo amanhã?" Uma teia de preocupação se espalhou por ela como o frio no ar. Isso apertou seu coração e arrancou a coragem dela.

"Durma." Bobby fantasma a levou para a cama com um toque terno.

Imediatamente, ela desabou em uma pilha gigante, com a bunda suspensa no ar, como uma criança pequena. Por mais inocente que parecesse, se alguém pudesse tê-la visto, ela estava cansada demais para se importar.

Cinco

Os olhos de Caralyn se abriram na manhã seguinte, o mesmo pânico da noite anterior a assombrando no presente. Ela voou para fora da cama e pegou o telefone no chão. Completamente morto. Ela não tinha deixado cair durante a visita de sua mãe?

Ela balançou a cabeça. Isso não tinha acontecido, assim como Bobby não estava morto e aparecendo para ela em seu corpo de nove anos. Ela tentou o telefone novamente, querendo desesperadamente confirmar se Bobby estava bem ouvindo sua voz. Sem sorte. Ela suspirou e conectou seu telefone, esperando que apenas precisasse de uma boa carga.

Seu estômago roncou enquanto ela descia as escadas. Ela pensou nas refeições elaboradas que sua mãe costumava fazer no café da manhã. Panquecas de morango com carinhas criadas com mirtilos e chantilly, omeletes e torradas francesas. Naquele momento, Caralyn teria tomado qualquer uma dessas opções em um piscar de olhos.

Caralyn parou quando olhou para a calçada vazia. "Onde está minha caminhonete?" Seu coração disparou enquanto ela corria para fora, ainda vestida com sua camisola. Alguém roubou sua caminhonete! Sentindo-se completamente impotente sem um telefone, ela olhou em todas as direções, esperando que um corredor passasse. Os carros

dispararam pela rua, mas nem ao menos olharam em sua direção.

Ela suspirou e entrou para se arrumar. No dia em que ela precisava das mídias sociais, seu telefone estava mudo e ela havia deixado o laptop no escritório. Quanto mais cedo ela fosse trabalhar, melhor.

O sonho da noite anterior passou por sua mente novamente, lembrando-a por que ela estava procurando freneticamente por seu telefone. Se ela tivesse visto Bobby como um fantasma, isso só poderia significar que ele também estava morto. O pensamento a percorreu como adrenalina em seu sangue.

O ponto de ônibus não ficava muito longe. O transporte público era um incômodo necessário para a sociedade, mas ela estava grata por ele no momento.

Depois de caminhar um quarteirão até a parada de ônibus, ela se acomodou em um único assento. Enquanto outras pessoas com odores e comportamentos questionáveis se aglomeravam ao seu redor, ela abraçou sua bolsa e se preparou para a longa e fedorenta jornada. Tantas paradas, tantas transferências, tantas pessoas.

O ponto de ônibus ficava a três quarteirões do escritório, mas ela não se importou de andar o resto do caminho. Ar puro e todo o espaço do mundo. Ela torceu o nariz ao passar pelas horrendas exibições de feriados enfiadas em cada fenda dos negócios.

Um homem apertou a campainha do lado de fora de uma loja de um dólar, pedindo qualquer doação de

caridade. Caralyn cerrou os dentes e passou sem nem mesmo olhar em sua direção. Se ela tivesse um dólar para cada negócio benevolente que pedisse dinheiro, ela poderia vender a fazenda de visco e comprar uma ilha para viver. Ok, provavelmente não tanto, mas pelo menos o suficiente para financiar férias confortáveis.

A visita da noite anterior a Thomaston a lembrou de como ela tinha sido caridosa quando criança. Ela encolheu os ombros com o pensamento. Qualquer um pode ser caridoso com o dinheiro de outra pessoa. Em seus primeiros anos, ela tinha feito o suficiente para contar para toda a vida.

Caralyn parou quando o estacionamento vazio do escritório apareceu. Se ele não estava lá, ele tinha que estar na fazenda. Se ela não tivesse esquecido seu telefone, ela poderia ter perguntado a Bobby mais cedo e ter uma manhã muito mais fácil. Após sua longa noite, suas aventuras matinais viajando no ônibus e sua falta de café da manhã, ela estava pronta para desmaiar em sua cadeira de escritório.

O escritório deles ficava em um shopping com uma dúzia de outros escritórios, muitos deles muito mais bonitos do que o dela e totalmente decorados com bonecos de gengibre dançando nas janelas e sinos e azevinhos emoldurando as janelas e portas. Além de sua própria placa simples com letras verdes soletrando "O Patch do Visco", com bagas vermelhas e brancas ao redor para cores de destaque, o revestimento branco liso e acabamento preto pareciam comuns em comparação com os outros edifícios. Em vez de parecer

elegante, como ela geralmente pensava, o prédio escuro parecia sombrio.

Droga!

Quem se importava se seu prédio não se parecia com os outros chamativos ao redor? É profissional e perfeito para suas necessidades. A maior parte dos negócios deles era administrada virtualmente e ela queria mantê-los assim.

Depois de destrancar a porta, ela sentiu um toque em seu ombro. Janice estava atrás dela, um pedaço de pão embrulhado na mão. A vizinha do escritório de meia-idade era tão legal quanto seu nome doce e enjoativo. Ela tinha longos cachos que envolviam seus ombros e minúsculos óculos pendurados na ponta do nariz.

"Bom Dia. Eu fiz para você um pão de especiarias de abóbora."

Caralyn cobriu a boca a tempo de esconder uma careta. De novo não. Pão de abóbora era sua comida menos favorita. "Obrigada." ela disse educadamente. Ela pegou o pão, suprimindo a vontade de parti-lo ao meio, e se virou para a porta.

"Feliz Natal." disse Janice. "Espero que sua temporada seja alegre e brilhante."

Caralyn se virou. Era o terceiro ano consecutivo que Janice fazia isso, e era hora de mostrar à mulher que ela não ligava para suas saudações ou seus produtos natalinos caseiros. "Por favor não mais. Não precisa mais de pão. Você também não precisa dizer olá. Não nos conhecemos, e prefiro ficar assim."

Suas palavras pareceram cortar a confiança de Janice, tirando o sorriso de seu rosto. Em vez de dizer qualquer coisa, a senhora assentiu e se retirou para seu escritório uma porta abaixo.

Encontrar Bobby e ter certeza de que ele estava bem era a primeira prioridade de Caralyn. Tudo e qualquer outra pessoa poderia cair fora.

Depois de fechar a porta atrás dela, ela jogou o pão no lixo e procurou por qualquer sinal de Bobby. Não havia nenhuma trilha lamacenta que ele às vezes fazia depois de estar na fazenda, nenhum bilhete que ele geralmente deixava na mesa, nenhuma carga de visco esperando.

Ela correu para o telefone do escritório e discou o número do celular dele, um dos três que havia memorizado. Ela gostaria de poder esquecer o segundo número, e o primeiro nunca mais atenderia suas ligações.

Ela empurrou os pensamentos sobre sua família de lado enquanto a ligação a enviava para o correio de voz no primeiro toque. Assim que o bip soou, ela derramou tudo.

“Eu teria ligado, mas meu telefone está mudo, então eu o conectei esta manhã e esqueci. E você não está respondendo. Está tudo bem? Alguém roubou minha caminhonete ontem à noite e eu tive que usar um péssimo transporte público. Me ligue quando receber isso, ok?"

Ela desligou a ligação e chamou a polícia para relatar o roubo do carro. Por que alguém iria querer roubar a caminhonete estava além dela. Havia escolhas melhores do que seu veículo sentimental segunda mão.

Com um suspiro pesado, ela se sentou para começar seu trabalho. Ainda havia um alqueire de visco da noite anterior em que eles não haviam embalado, então ela passou a manhã e a tarde cuidando dos pedidos menores. Sem visco para embalar os pedidos maiores, ela então caminhou pela sala. Por que ele não ligou de volta? Ela ligou para ele mais três vezes, mas a cada vez, ela foi enviada diretamente para o correio de voz.

Ela trabalhou durante o almoço, mantendo-se ocupada colocando os pedidos na maior caixa que eles tinham e levando-a até o correio mais próximo, a um quarteirão de distância. Enquanto ela empurrava a caixa vazia de volta para o escritório, ela manteve a cabeça erguida. Seus olhos lacrimejaram e ela desafiou qualquer um que a encarrasse.

Quando deus as três horas, não havia nada que ela pudesse fazer sem mais produto. Ela passou o tempo pesquisando no Google organizações legítimas para doar dinheiro para comprar sapatos, mas o nó que crescia em seu estômago não ajudou. A preocupação era mais forte do que sua fome, e depois de uma conversa humilhante consigo mesma, ela correu para o ponto de ônibus para ir para a fazenda.

Seu estômago não se acalmaria até que ela visse Bobby com seus próprios olhos. O ônibus demorou uma eternidade para chegar ao ponto mais próximo da fazenda e, depois de descer, ela teve que caminhar dois quarteirões do ponto de ônibus.

Quando conseguiu, estava ofegante e suada, e o salto da parte de trás do sapato estava solto. Não havia ninguém lá

e o Lincoln de Bobby não estava no pequeno estacionamento. Quando não o encontrou dentro ou ao redor do celeiro, ela começou a gritar seu nome enquanto corria pela estufa, à procura dos empregados da fazenda, Rita e Marco.

Ela parou e descansou enquanto um ponto doía em seu estômago vazio. Onde estava aquele homem? "Bobby!" Sua voz estava fraca quando ela saiu da estufa e se dirigiu para os campos. "Bobby!" O sonho da noite anterior passou por sua mente enquanto ela passava por fileira após fileira de árvores cheias de visco. O pânico paralisante percorreu suas veias, superaquecendo seu rosto e pescoço. Os pontos em seu lado aumentaram e ela engasgou de dor.

"Bobby." Sua voz era um sussurro desesperado agora.

“Caralyn? é você?"

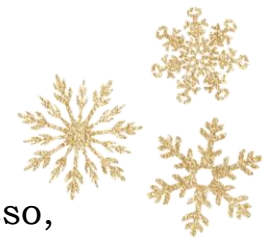
A voz dele causou arrepios de alívio nela, e ela desabou no chão e chorou. Pode ter sido a falta de comida ou sono ou o fato de que, quando seu rosto apareceu, tudo parecia certo no mundo. Mas Caralyn não se importou. "Você está vivo!" disse ela com a boca seca. Sua cabeça caiu e ela ofegou um pouco mais.

Ele se ajoelhou ao lado dela e ergueu seu queixo. “Caralyn? O que está errado? Por que você está tão pálida?"

Ela fechou os olhos enquanto o rosto dele ficava turvo e se transformava em Bobbys. "Eu preciso comer alguma coisa."

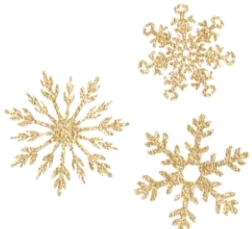
Ele a pegou em seus braços. Seu primeiro instinto foi se afastar dele, se afastar de sua colônia familiar e do desejo crescente em seu estômago de envolver os braços em volta





do pescoço dele e abraçá-lo por estar vivo. Mas, em vez disso, ela tomou uma decisão simples, não resistir a ele.

“Você conseguiu. Vamos tirar você daqui. ”





Seis

Bobby correu para a mini-cozinha do celeiro enquanto Caralyn descansava contra a porta do celeiro. O chão de terra era mais bem-vindo do que ficar em pé. Assim que Bobby trouxe para ela um recipiente de ravióli e uma bebida energetica, Rita veio correndo para o celeiro com um dedo ensanguentado e chamando por ele.

"Já vou, Rita." Ele empurrou a comida na direção de Caralyn. "Você está bem?" Ele enxugou o suor da testa dela com a manga e levou a mão à testa dela. "Sua temperatura está ok, mas seu rosto está pálido."

Talvez tenha sido a compaixão que ela viu em seus olhos ou a suavidade em sua voz, mas Caralyn teve uma vontade repentina de abraçar o homem. Ele precisava se afastar dela antes que ela fizesse algo estúpido. A falta de comida a estava deixando louca e ela estava pensando coisas que não deveria.

“Não se preocupe comigo. Vá e ajude Rita.”

Ela pegou o recipiente de ravióli, inalando a fragrância divina.

Ele deu a ela um último olhar antes de se levantar e correr em direção a Rita, que já havia retirado o kit de primeiros socorros.

Enquanto Caralyn ouvia a conversa, uma calma tomou conta dela. Havia coisas que precisavam ser ditas, mas agora, ela iria gostar dos fatos expostos diante dela.

Bobby estava lá, a apenas alguns metros de distância dela. Não morto em algum acidente de carro ou assassinado em sua cama, e definitivamente não um fantasma. Tinha sido um sonho maluco e Bobby não estava morto.

Ela encheu a boca, comendo metade antes de tomar um longo gole de sua bebida. Quando ela começou a desacelerar, Bobby afundou ao lado dela, parecendo menos preocupado, e contou alguns fatos medicinais sobre o visco para ninguém em particular. Sua voz enviou ondas de conforto sobre ela e foi a única razão pela qual ela permaneceu calma quando seus dedos roçaram os dela.

“Você sabia que o visco é valorizado por suas propriedades curativas desde os tempos antigos? Os gregos o usavam para tudo, desde cólicas menstruais a distúrbios do baço. Um naturalista romano usou-o como um bálsamo contra epilepsia, úlceras e venenos.”

"Interessante." foi tudo o que ela disse para mantê-lo falando.

Foi necessária um prato de ravióli e uma garrafa de Gatorade grande antes que ela estivesse pronta para falar.

“Em primeiro lugar.” ela disse, sentando-se ereta contra a porta do celeiro, “Você ouviu suas mensagens? E se sim, por que você não me ligou de volta?"

“Eu deixei meu telefone em casa. Você ligou para a fazenda?”

Ela deu um tapa na testa e suspirou. A única coisa que ela poderia ter feito e nem tinha pensado. “Não, eu tive uma manhã difícil, então eu nem pensei sobre isso. Minha

caminhonete foi roubada esta manhã, e eu tive que pegar um ônibus - *quatro* ônibus - e levar uma caixa de papelão com pedidos para o correio."

"Espere, Caralyn, levei sua caminhonete ao mecânico esta manhã. Bem, na verdade, ontem à noite. "

"Você fez? Mas como?"

Ele riu e tirou o cabelo do rosto dela. "Eu tenho uma chave extra para sua casa e carro. Lembra?"

"Mas eu não..."

"Você tinha uma necessidade e eu tinha algum tempo."

Ela o encarou, confirmando com os olhos que ele realmente estava ali. A caminhonete dela estava no mecânico e não foi roubada como ela pensava, e ele estava aqui e não morto.

"Isso foi muito legal da sua parte. Obrigada." Ela fez uma ligação para a delegacia de polícia e cancelou a notificação do carro roubado.

Depois que ela terminou a ligação, ele bateu palmas. "Agora, para outros itens. Diga-me o que realmente te deixou tão confusa. Você parecia tão branca quanto uma baga de visco quando te vi pela primeira vez." Ele parou por um momento. "Quase parecia que você estava preocupada comigo."

Ela baixou o rosto nas mãos, sentindo o peso repentino do dia bater em torno dela. "Ainda há toneladas de pedidos, e eu não tinha visco suficiente. E. . . Tive um pesadelo com você ontem à noite que..."

"Você teve?" Seu sorriso se espalhou de orelha a orelha.

Ela deu um tapa na perna dele e cruzou os braços sobre o peito. "Não é engraçado. Se você soubesse o que eu vi. . .”

Ele se aproximou dela no chão de terra. “*Em primeiro lugar* , liguei para *você* ontem à noite para avisar que estava levando seu carro para conserto. Em segundo lugar, eu disse que precisávamos contratar um serviço de coleta para nossos pedidos por um tempo. Com a quantidade de corridas que acabo dando com o meu Lincoln, certamente vale a pena.”

“Você não precisava comprar uma daquelas máquinas grandes sugadoras de gasolina.”

Ele puxou sua carteira e pescou seu cartão Amex preto. “Olha, se nosso orçamento é tão apertado, use isso.” disse ele, estendendo-o para ela. “Especialmente durante a alta temporada, pagar um pouco a mais para alguém pegar os pacotes para nós pode ajudá-lar.”

Essa maldita culpa deslizou de volta em sua consciência. Ele poderia ir parar em uma estrada quente e morrer. Ela jogou o cartão de volta em sua direção, sem se importar que caísse no chão. "Bem. Eu vou fazer isso. Não gaste seu próprio dinheiro no negócio.”

"Ok, faça isso." Ele riu enquanto limpava o cartão de crédito e o colocava de volta na carteira. "E, por último, não vou a lugar nenhum, pelo menos não sem você."

Ela fez uma pausa, nem mesmo respirando, enquanto deixava suas palavras afundarem. Como ele poderia derretê-la com algumas palavras simples? Ele não quis dizer isso, não da maneira que ela pensava.

Lutando para ficar de pé, ela disse: "É melhor eu voltar ao trabalho, então teremos tempo para enviar alguns pedidos."

Ele franziu a testa e olhou para ela mais uma vez. "Tem certeza de que está bem?"

Ela deu um tapinha em sua barriga cheia e forçou um sorriso. “Certo como uma chuva da Geórgia. Agora vamos.”

No caminho de volta para o escritório, Bobby olhava de vez em quando, como se ela fosse desaparecer a qualquer minuto.

"O que?" ela finalmente perguntou. "Não sou porcelana fina ou cristal chique, então fale."

Ele ligou o pisca-pisca e entrou no estacionamento do escritório antes de responder. “Você me preocupou hoje. Você aparece com os olhos arregalados, o estômago vazio e em lágrimas. Eu não posso deixar de me perguntar o que você sonhou."

Ela não estava pronta para falar sobre isso. “Não dormi bem ontem à noite e fiquei chateada quando não consegui encontrar o carroo. Eu estava com fome e com muita carga.”

Depois que ele desligou o motor e antes que ela pudesse sair do carro, ele agarrou seu pulso e a puxou de volta. "Eu estou contente que você esteja bem. Você sabe, se alguma vez houver algo errado, estou sempre aqui.”

Ela olhou para os olhos verdes dele, que combinava com as letras da placa da loja. Quando ela o contratou como empregado, ela pensou que poderia manter seus sentimentos sob controle. Mas agora, olhando para ele, o desejo enterrado

mudou, despertando uma besta que ela não sabia que existia. Ela retirou a mão e segurou-a logo abaixo da clavícula.

Ela bateu levemente em si mesma algumas vezes para colocar as coisas onde deveriam ficar. "Sim, eu sei. Obrigada."

Ela correu para longe do SUV e destrancou a porta do escritório, então ajudou a carregar o visco e se manteve ocupada pelo resto da tarde. Quando já tinha passado da hora de parar, ela ergueu os olhos do computador. Em vez de ver um escritório cheio de pacotes, o lugar estava vazio.

Depois que ela passou o aspirador no chão, Bobby espiou pela porta. “O correio disse que as coletas noturnas só começam amanhã, então carreguei tudo. Pronta para ir?" Ele balançou as chaves para ela.

"Sim." Ela examinou o lugar mais uma vez e o seguiu para fora, onde ele se ofereceu para trancar a porta.

Ele estava alguns passos atrás dela quando ela se encaminhou para o carro. Sua proximidade acalmou seus nervos. Tudo estava bem.

"Você me deixou muito preocupado mais cedo." disse ele, tirando-a de seus pensamentos sobre ele. "Você sabe que me importo muito com você, Urso Carinhoso."

Suas palavras enviaram um choque elétrico através dela, e ela girou sobre o calcanhar gasto para ficar cara a cara com ele. Seu cheiro familiar de pinho com uma pitada de goma de canela que ele sempre mascava a enfraqueceu ainda mais.

Em vez do sorriso largo de sempre que ele deu a ela, sua boca permaneceu imóvel enquanto seus olhos a atraíam. Seu coração batia forte contra as paredes anti-namoro que ela

construiu cuidadosamente, enviando pequenas rachaduras através delas e fazendo-as inchar.

Não! Ela não podia sentir isso.

Seu olhar caiu para os lábios dela, então se ergueu de volta para seus olhos. Foi apenas um segundo, mas seu desejo de mantê-lo à distância vacilou. Ele estava cutucando um urso muito grande, que havia ficado hibernado por muito tempo. Ela desistiu de sair com ele há muito tempo, mas o desejo de estar a centímetros dele novamente era tangível e tentador. Podia sentir seu coração acelerado e mais acelerado e. . .

Ele ergueu uma sobrancelha bonita, então abriu a porta dela. "Tudo certo?"

Ela respirou fundo para se acalmar. Tudo foi e sempre seria unilateral. "Sim, apenas parei por um momento."

Essa sensação passageira foi como uma mosca pousando no lugar errado. Ela mentalmente pegou um jornal enrolado e esmagou o pequeno otário.

Sete

Bobby deslizou seu carro perfeitamente no meio da multidão de carros que já estavam na rodovia. "O que você quer jantar? Há um novo restaurante tailandês perto de sua casa."

Ela balançou a cabeça. Mesmo que ela amasse a comida tailandesa e quisesse sua companhia, o que ela certamente não queria, estar sozinha parecia mais seguro.

Não, ela precisava de um espaço longe de Bobby.

"Já que seu carro está na oficina, você precisa ir a algum lugar, como o supermercado? Tenho certeza que você está ficando sem algumas coisas, e vai demorar um pouco antes que a mecânica seja concluída."

Ela havia caminhado o suficiente naquele dia para durar todo o ano. Além disso, ela não tinha certeza se seu único par de sapatos sociais iria chegar tão longe. "Eu irei quando chegar em casa." ela mentiu. Ela olhou para seus sapatos e fez uma careta quando viu um pedaço de meia azul marinho espiando por um buraco. Logo ela precisaria de um novo par, ou ela estaria substituindo suas meias também.

"Achei que você ia dizer isso." ele disse apontando para o banco de trás. "Tomei a liberdade de pegar alguns itens essenciais para você."

Meia dúzia de sacolas plásticas estavam no chão atrás deles. “O que... Quando você comprou tudo isso? Eu disse que poderia ir.”

Ele encolheu os ombros. “Eu fui enquanto você estava terminando os pacotes. Não é grande coisa. Eu conheço os seus favoritos e pensei que você poderia estar ficando sem. Alguns pacotes de lamen porque você é louca e ainda come comida de faculdade, e algumas coisas básicas.”

Ele *era* um grande cara. Um grande negócio. "Por que você é tão legal o tempo todo?" ela murmurou baixinho. "É confuso."

Ele parou em sua garagem vazia para sua casa muito vazia. Às vezes ela odiava voltar para casa. O que ela não daria para voltar para uma casa cheia de risos e crianças correndo atrás umas das outras. Ela enxotou seus pensamentos, repreendendo-se silenciosamente. O que ela era, louca? Claro que ela não queria isso.

"Lembra quando eu disse que alguém estava vindo para a cidade?" ele perguntou, quebrando o silêncio.

Ela assentiu com a cabeça, embora a vontade de correr do SUV fosse mais forte do que nunca.

"É a Anna."

"Sua ex-noiva?" Ela se acalmou e contou cada respiração enquanto esperava que ele continuasse.

"Sim. Ela está vindo para uma conferência de negócios em Wildomar e quer que eu mostre a ela um pouco quando ela não estiver em reuniões.”

Uma conferência em Wildomar? Isso era duvidoso. LA seria um local melhor para uma grande conferência.

“Eu sei que é nossa temporada agitada, então eu queria ter certeza de que conseguiria uma folga.”

"Está tudo bem." disse ela, evitando as perguntas não feitas em sua mente. Desde quando ele mantinha contato com ela? Isso significava que eles estavam voltando? “Você pode me pegar às seis da manhã de amanhã? Eu quero vencer o tráfego.”

"Certo."

Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa para fazer seu sangue começar a ferver com um ciúme irracional, ela alcançou a parte de trás e pegou com força os sacos plásticos. Então ela correu para a porta, olhando para trás apenas uma vez para acenar e agradecê-lo. Assim como ela imaginou, seu rosto estava branco de confusão. Sua caminhonete precisava ser consertada. Rapidamente.

Antes que Bobby pudesse ir embora, um carro familiar estacionou na garagem, impedindo-o de sair. Ela franziu a testa quando seu pai desligou o carro e saiu. Apesar dos esforços de seu pai para se reconectar com ela ao longo dos anos, não funcionou.

“Ei, vocês dois.” ele disse, acenando para eles. “Trabalhando até tarde nesta época festiva de férias, pelo que vejo.”

“O que você quer, pai? Bobby estava saindo.”

Bobby saiu do carro e estendeu a mão para o pai dela. “É bom ver você, Fred. Faz algum tempo. Como você tem passado?"

Seu pai apertou a mão de Bobby com entusiasmo, então deslizou o braço livre em volta do ombro de Bobby. “Filho, é ótimo ver você também. Tenho estado esplêndido. Realmente esplêndido.”

“Isso é ótimo, senhor. Achamos que depois do seu último divórcio, você teria... ”

“Não há necessidade de tocar nesse assunto.” seu pai disse, interrompendo-o com uma risada jovial que a deixou nervosa. “Eu encontrei alguém ainda melhor. Vamos nos casar em algumas semanas. Na verdade, é por isso que vim ver você, Cara. Quer sair para jantar e conversar?”

Caralyn se irritou com seu apelido de infância e engoliu a bile que subia em sua garganta ao pensar em uma terceira mãe substituta. Ou seria a quarta? Ela parou de contar depois que a segunda gritou com ela por não apoiá-la. "Não, obrigada. E você quer que eu vá a outro casamento quando eu nem sei quem *foi* a *última* mulher?"

“Bem, você ainda é minha garotinha. Eu quero você lá, ou então não estaremos completos.”

A raiva borbulhou em seu sangue. Colar sua família desfeita nunca estava acontecendo em sua vida. Ela bateu com o punho na porta e olhou. “Não, pai. Eu traço a linha, bem aqui. Eu cansei de ser puxada para o drama de sua vida. É hora de você desistir do amor. Quando algo fica difícil, você simplesmente dá um salto alto e...”

"Eu vou com ela." Bobby deu meia dúzia de passos, então deslizou um braço em volta da cintura dela e apertou seu lado com tanta força que ela gemeu.

Foi assim que sempre aconteceu no passado. Bobby a convenceu a apoiar o pai, uma última vez e, de alguma forma, seus relacionamentos nunca duraram. Ela estava acabada. Nunca mais alguém a arrastaria para algum lugar que ela não queria ir. Nem mesmo Bobby!

Ela empurrou o braço dele e girou para não ver o olhar lamentável de rejeição de seu pai. "Você vai se quiser, Bobby, mas desta vez eu estou fora."

“Querida, você não quis dizer isso.” disse o pai. “O amor é uma coisa importante para se comemorar.”

“Que motivo você tem para comemorar? Este é seu quinto casamento. Quando você vai perceber que uma vez foi o suficiente?”

Ela finalmente se virou para encontrar a expressão abatida dele, a que ele usava quando eles não concordavam. Os olhos voltados para baixo, seus lábios franzidos. Foi patético. Em vez disso, ela se concentrou na maçaneta de latão, que era tão comum quanto o histórico de namoro de seu pai.

“Que motivo você tem para não comemorar?” A voz de seu pai era suave, desejando que ela quebrasse seu olhar inexpressivo para as luzes cintilantes que turvavam sua visão. “Esta é mais uma chance de formar uma família. Você é uma mulher de negócios bem-sucedida e inteligente, mas sabe que está faltando algo.”

“Sim, está faltando alguém, e se você ainda não tivesse seguido em frente, você teria se lembrado. Vejo você por aí, *pai* ." Culpá-lo pela morte de sua mãe era um pouco exagerado, mas o homem esperou apenas seis meses antes de seguir em frente. Se esperava que Caralyn o apoiasse em todas as suas aventuras equivocadas e sorrisse no processo, ele estava prestes a ter um rude despertar.

Ela estava decidida.

Seu olhar caiu para a calçada de cimento. Após um longo e constrangedor silêncio, ele ergueu os olhos novamente. Apesar da evidente decepção em seus olhos, ele forçou um sorriso. "Eu vejo. Bem, se você mudar de ideia. . .” Ele se aproximou, colocou um convite nas mãos dela e voltou para o carro.

Ela olhou para os pés e pressionou a mão livre contra o esterno para acalmar a dor que crescia ali, tão incômoda quanto visco em uma macieira. Com o canto do olho, Bobby voltou para o carro e baixou a janela. “Eu sei por que você o trata assim, mas não é certo, Ursinho Carinhoso. Derrubar os outros para se sentir melhor em relação à sua dor não é a maneira de lidar com isso. Você é melhor que isso."

Bobby saiu da garagem antes que ela pudesse pensar em uma réplica. Duas noites seguidas, ele a fez se sentir inútil. Se ele nem sempre ficasse do lado do pai dela, ele saberia como ela se sentia. Em um instante, ela substituiu a dor por raiva. Ela se concentrou nas luzes fortes do outro lado da rua. “Você pode ir embora também!”

Caralyn levou as sacolas para a cozinha e começou a desempacotar. Uma pequena pontada de prazer gotejou por ela quando viu que Bobby incluíu um pacote de Twizzlers de morango, mas sua decepção foi muito grande para ficar animada por muito tempo. Ela parou no meio da cozinha e gemeu. O dia tinha batido um recorde ruim! Anna vindo para visitar, drama do pai, e nenhuma sorte com Bobby.

Ela comeu alguns Twizzlers no jantar e ovos mexidos na sobremesa. No início de sua vida, quando soube que a sobremesa era ignorada com mais frequência, ela preferiu ligar para o jantar de sobremesa e pular a comida real, se necessário. Seu pai também preferia sua maneira de comer, o que na maioria das vezes não a incomodava.

Enquanto ela comia na pequena mesa para dois, ela olhou para a cadeira vazia e suspirou. Por que Anna? Bobby não se casou com ela por um motivo, então por que ele estava vasculhando o passado?

Depois de um longo tempo em sua cadeira de balanço, onde reviu os acontecimentos do dia, ela encerrou a noite e se enfiou debaixo das cobertas. Ela piscou uma, duas vezes e dormiu.

Oito

Caralyn se afastou quando algo atingiu seu ombro. Ela abriu os olhos e viu o rosto pálido do adolescente Bobby Fantasma. Seu cabelo tinha crescido, e ele o modelou lateralmente com muito gel e usava uma forte dose da colônia de seu pai.

Ela gemeu e olhou para o relógio. "Por quê? Por que você está aqui de novo?" Ela fechou os olhos e deitou na cama, desejando que ele fosse embora com sua mente.

Mas ele não foi embora. Ele a levou em outra viagem assombrada ao seu passado. Eles revisaram as memórias da noite anterior em sua casa com uma velocidade incrível. Então ele a levou para sua antiga escola de ensino médio, onde ela correu com Bobby pela pista de corrida durante a aula de ginástica.

O campo ao lado da escola era uma visão temida para a maioria dos adolescentes. Bobby odiava especialmente.

"Continue, Bobby. Estamos quase lá." Seu eu passado correu ao lado de Bobby, torcendo por ele enquanto eles terminavam a pista juntos. O resto da classe já havia empacotado suas coisas e se dirigido para os vestiários para se trocar, e os dois estavam entre os únicos que restaram.

Ele agarrou seu estômago e ofegou. "Estou com um ponto na lateral do corpo e estou com dor na perna."

"Só mais um pouquinho. Você consegue."

Caralyn se viu encorajando Bobby até a linha de chegada a algumas centenas de metros de distância. “Isso foi depois do verão em que você quebrou a perna e começou a correr novamente. Você odiava quando o fisioterapeuta te pressionava, mas parecia estar bem comigo."

Ele assentiu. "É uma grande mudança ver você me ajudando."

Ela estreitou os olhos e observou enquanto ela o surpreendia com seu doce favorito no caminho de volta para a academia. "Eu faço muito por você, Bobby." Ela procurou em sua memória por evidências, mas além de pagar o salário dele, não havia muita reciprocidade.

“Não fui só eu que você ajudou.” Ghost-Bobby disse, arrastando-a para uma nova cena onde ela ajudou a limpar depois de uma briga de comida no refeitório. Em seguida, ele mostrou quando ela deu aulas de matemática a uma amiga depois da escola.

“Essas são apenas pequenas coisas.” ela protestou. “Não tenho mais tempo para fazer esse tipo de coisa.”

“Tipo, como eu que levei sua caminhonete para o mecânico? Ou comprei mantimentos na última hora de trabalho? Quando foi a última vez que nós dois passamos um tempo juntos em que você não estava me pagando?"

Caralyn bocejou e deu as costas para a cena. A hora de mostrar e contar acabou. “Em primeiro lugar, você não é o verdadeiro Bobby. Você é um fantasma e está começando a soar nojento. Bobby é meu empregado e eu o pago bem. Não podemos partir já?” Ela vestiu a camisa dele.

“Eu *sou* o verdadeiro Bobby, mas tanto faz. Você ainda não vê o padrão?”

"Padrão?" Ela murmurou para si mesma enquanto ele balançava a cabeça.

“Talvez você precise dormir um pouco. Não estou trazendo você nessas viagens ao passado à toa. Você precisa aprender com seu passado e mudar seu futuro.”

Depois de dar a ela um olhar de pena que a fez querer estrangulá-lo, ele a levou de volta para seu quarto, a um milhão de milhas de distância de quem ela costumava ser. Ele a acompanhou até a cama e suspirou.

"Durma um pouco. Espero que essas visitas não sejam um desperdício.”

Ela fechou os olhos por muito tempo e deu de ombros para o comentário dele. "Ou você pode parar de vir."

Ele balançou a cabeça e franziu a testa. "Te vejo amanhã."

"Espero que não." ela resmungou, engatinhando na cama e prontamente adormecendo.

No dia seguinte, Bobby bateu em sua porta antes mesmo que ela ouvisse pássaros lá fora. Ele estendeu uma garrafa de suco de laranja e um bolinho.

Ela ergueu uma sobrancelha. "O que é isso?"

"Um pedido de desculpas." disse ele, olhando para os pés. “Não sei o que deu em mim ontem, mas acho que fui um pouco rude com você. Não é minha função dizer a você aonde ir e como tratar seu pai. Eu trouxe seu café da manhã como

uma oferta de paz. Você provavelmente só comeu torradas esta manhã, e eu sempre disse que não havia comida suficiente."

Apesar do alívio que ela sentiu com sua declaração, também houve uma pontada de decepção. Outra indicação dele dando a ela, não pedindo nada em troca. Agora ela devia mais a ele.

"Eu também sinto muito." ela disse, pegando a comida. "Vou trabalhar na maneira como trato os outros, especialmente o meu pai."

"Devemos ir?"

Ela acenou com a cabeça, mas depois voltou para a casa. "Você quer que eu faça um almoço para você?" Isso igualaria a pontuação alguns. "Acho que tenho manteiga de amendoim."

Ele ergueu uma sobrancelha. "Hum, estou bem. Devemos pegar a estrada antes que o tráfego da manhã piore."

Droga! Tanto para esse plano

No caminho para o escritório, ela olhou para o banco de trás, mas não viu nenhum visco enfiando a cabeça para fora. "Você vai para o campo primeiro?"

Ele suspirou e se moveu por uma pista. "Sim, Srta. Impaciência, mas alguém teve que buscá-la."

Tanto para tentar mostrar sua vontade de ajudar. "O que eu quis dizer é, se você ainda não foi, posso ir com você? Eu gostaria de ajudar no campo hoje."

"Oh." Suas sobrancelhas subiram até as pontas dos cabelos. "Você quer ir comigo? Você vai se sujar e pode demorar um pouco antes de puxarmos uma carga inteira."

“Um bom trabalho duro deve me deixar bem e exausta.” Sua escolha de ajudar não foi puramente benevolente. Uma boa noite de sono estava em ordem. Ela baixou a voz e apertou os olhos contra o sol forte. "Chega de Bobby fantasma."

"O que você disse?" ele perguntou, trazendo-a de seu devaneio.

Ela sorriu e bateu palmas. "Nada. Apenas animada para suar.”

A ideia lhe ocorreu naquela manhã, depois do banho. Já que seus sapatos pretos não pareciam tão bonitos, seus tênis confiáveis foram tudo o que restou. Se ela trabalhasse um longo dia na estufa e nos campos e empacotasse todos os pedidos pendentes quando o correio fechasse, ela não teria problemas em adormecer.

E *continuar* dormindo.

Até agora, as memórias não tinham sido difíceis, mas se Bobby fantasma continuasse avançando através de seus anos felizes, não haveria nada agradável sobrando.

Quando chegaram aos campos, ela cavou imediatamente, pegando uma escada e arrancando cuidadosamente cada erva daninha enquanto Bobby, Rita e Marco podavam e regavam as árvores.

Bobby trabalhou com ela a maior parte do dia, pegando a escada se ela balançasse com o vento inexistente.

“Estou bem.” disse ela pela terceira vez. Não era verdade. Ela quase caiu depois de deixar cair o punhado de

visco no chão, e ele agarrou a escada a tempo de ela agarrar a macieira e se firmar no degrau.

Bobby soprou o cabelo do rosto e sorriu. “Sabe, você costumava se apaixonar por mim o tempo todo. Lembra quando nos vimos na faculdade naquela festa?”

Ela agarrou um galho e envolveu a casca dura com a mão. Ele cravou em sua pele enquanto ela o segurava com mais força. Eles não se viam há um tempo, tendo se separado durante o ensino médio. Ela nem sabia que ele estava estudando na Universidade da Geórgia.

“Foi como se você tivesse crescido durante a noite.” ela murmurou para si mesma.

“E você também. Eu sabia que você tinha tesão por mim."

"Tanto faz." Ela agarrou uma velha maçã murcha e e atirou nele.

Ele o rebateu com a mão. “Não minta. Tívemos uma conexão naquela noite, e você sabe disso.”

Caralyn mordeu o canto da boca e escalou o degrau mais alto. Ver Bobby na festa foi a primeira vez que ela o viu como um homem, como qualquer coisa além de um bom amigo. Mas não durou muito. A escada balançou embaixo dela enquanto ela se esticava para pegar o último pedaço de visco que restava na árvore. Seus braços doíam quando seus dedos mal roçaram as folhas.

“Não se force. Eu posso pegar aquele.”

Caralyn balançou a cabeça e ficou na ponta dos pés para agarrá-lo. Ela cuidadosamente desembaraçou o cacho da árvore e o rasgou, tomando cuidado para deixar a raiz

intacta. Ela desceu a escada alguns degraus até que se sentiu corajosa o suficiente para se virar e mostrar a ele seu prêmio. Bobby estava parado atrás da escada, as mãos nos bolsos e a expressão preocupada. “Veja, eu estou bem. Este é o la...”

Ela caiu com força, passando voando pela escada. Não querendo que o visco fosse esmagado, ela o segurou bem acima da cabeça enquanto pousava nos braços firmes de Bobby. Graças a Deus ele estava lá. Seus joelhos dobraram um pouco, mas ele encontrou o equilíbrio e endireitou-se novamente.

Abaixando o visco ela colocou o braço livre em volta do pescoço. Seu coração disparou, e não apenas com a terrível queda mortal.

Ele se aproximou e gesticulou para o visco. "Eu sempre disse que faria você se apaixonar por mim."

O pânico inundou sua mente quando ele se aproximou. Ela largou a planta e se esquivou dele, mas ele a abraçou até beijá-la na bochecha.

Ela o enxotou, como se um colegial tivesse feito isso com ela, em vez do homem que ela conhecia e em quem confiava. Sentimentos indesejados vibraram em seu peito como um exército de morcegos, batendo rápido e alto. "O que você está fazendo, Bobby?"

Ele balançou as sobrancelhas, sem se deixar abater pela frustração dela. “Beijar você sob o visco. Já era hora de usarmos essas coisas para nós mesmos.”

O que isso significa? Sua bochecha queimava onde seus lábios estiveram. Ela franziu a testa e se contorceu para fora de seus braços. “É melhor você ficar feliz por ter me pegado. Se você não tivesse, eu não teria deixado isso passar.”

Ele riu e a seguiu até a próxima árvore. Quando ela colocou o pé na escada, ele passou o braço em volta do ombro dela e a puxou de volta. “Oh não, você não. É a sua vez de me pegar. Vou mantê-la seguro, bem aqui."

A mão dele estava quente ao redor da dela, e ela faria qualquer coisa para fazer o sentimento desagradável parar. Ela deu um passo para o lado e o observou subir a escada com facilidade. Puxa, ele era bonito. Não! Não, ele não. Ele era um amigo e nada mais. Ele teve sua chance de sair com ela, e ele não a tinha aproveitado.

Ela se abanou e bufou. Era melhor que ele escalasse em seu lugar. Terreno sólido era um bom lugar para se estar.

Nove

Pegar o visco era a maneira mais rápida de limpar sua mente e, no momento em que empacotaram e despacharam sua primeira carga, ela havia se esquecido completamente do Bobby Fantasma.

Quando chegou a hora de sair, Bobby a acompanhou até o SUV e abriu a porta. A tensão que sentira mais cedo naquele dia se foi, e ela gostou da viagem de uma hora para casa, ouvindo Bobby divagar sobre fatos sobre o visco, trabalho e tudo o mais que lhe veio à mente.

Quando ele parou em sua garagem, ela abafou um bocejo.

"Ainda cansada?" ele perguntou. "Você parece exausta alguns dias."

Ela acenou com a cabeça e sorriu. “Eu devo ser capaz de ir dormir direito. Obrigada pela carona para casa.”

Bobby olhou para ela como se tivesse algo mais a dizer, mas finalmente balançou a cabeça. "Durma bem, Caralyn."

Ela jantou uma sopa de frango com macarrão da lata e pão de alho, balançou-se na cadeira por menos tempo do que na noite anterior e correu para a cama depois que seus pés passaram um bom tempo no aquecedor.

Suas pálpebras caíram e ela desmaiou em segundos.

E como um relógio, ela foi sacudida por Bobby fantasma.

Ela fechou os olhos, recusando-se a reconhecer o adolescente. "Por quê? Por que você não vai embora?”

"Você vai se lembrar melhor de mim se abrir os olhos."

Aquilo não parecia o Bobby pequenininho que ela conhecia. Seus olhos se abriram e ela olhou para a imagem cuspida de Bobby no colegial.

Seu cabelo estava mais longo e caía em seu rosto em uma onda até as orelhas. A imagem perfeita de um picante Justin Bieber. Ele usava a mesma calça jeans rasgada e desbotada que amava, uma camisa

vermelha da Universidade da Geórgia e seu chapéu preto desbotado com o mascote bulldog da Geórgia. Ele piscou, enviando uma onda de nostalgia por ela.

Ela ficou de pé. Um passo à frente, depois outro. Seu coração acelerou enquanto ela olhava para o homem por quem ela havia se apaixonado. Claro, nada nunca aconteceu entre eles. Quando ela percebeu seus sentimentos, ele conheceu Anna e eles começaram a namorar. Mas, oh, como ela amava olhar para este homem.

"Achei que você pudesse me reconhecer."

Seu sorriso encantador a derreteu no local, e ela agarrou a parede. Ela pendeu e tropeçou para frente, direto para ele. Em vez de pegá-la, ela passou direto pela imagem dele e caiu no chão.

“Deixe o *verdadeiro* Bobby pegar você.” ele disse com um sorriso malicioso.

Ela franziu a testa e encontrou sua expressão fria. "Por que você está vestido assim?"

Ele encolheu os ombros. “Estou tentando reconstituir nossa história. Pensei em entrar no personagem. Nós nos separamos depois do ensino médio, então não há muitas memórias para compartilhar. Tivemos algumas aulas juntos, mas você começou a me evitar.”

Ela mordeu o lábio. Ele pediu que ela saísse muitas vezes para contar, mas depois que todas as garotas do colégio se interessaram por ele, ela duvidou de sua amizade, e ele parou de perguntar.

“Essa era minha roupa favorita. E a sua também. Do meu chapéu aos meus jeans velhos, cada pedacinho de mim que você gostou.”

Suas bochechas se encheram de calor. "Como você sabe?"

Ele sorriu e a colocou de pé. "Vamos. Você vai gostar das memórias desta noite."

O medo preencheu cada espaço em seu corpo, então ela duvidou. Ela fez beicinho até a janela até que seu quarto desapareceu e ele a puxou para uma memória com uma casa cheia de pessoas. O ar tinha um cheiro viciado e enfumaçado. Oh, tão esfumaçado. Foi uma

festa em casa da faculdade que uma amiga a convenceu a ir. Sua garganta se apertou enquanto as memórias inundavam sua mente.

Caralyn se virou e viu Bobby fantasma posando perfeitamente ao lado de seu eu na vida real. Tanto o fantasma quanto o homem usavam a mesma coisa. Foi a primeira vez que Caralyn viu Bobby desde a formatura do ensino médio. A noite em que seus sentimentos realmente começaram.

Ela recuou, mas o fantasma levantou a mão para detê-la e ela congelou no meio do caminho.

“Espere.” o fantasma disse com um sorriso infantil. Cinco segundos depois, a estudante universitária Caralyn entrou na casa, com duas amigas um de cada lado dela. Ela usava jeans e sua camisa de cetim azul favorita, amarrada na nuca em um laço elegante. Combinado com seu visual ela usava um conjunto de sapatos de salto pretos desajeitados que ela nunca seria pega usando novamente e segurava uma bolsa preta combinando. Ela estava tão orgulhosa de sua roupa naquela noite, mas olhando para seu rosto muito arrumado, suas bochechas queimavam.

"Caramba. Por que ninguém me falou?"

Bobby fantasma piscou em sua direção. “Pare de menosprezar sua roupa. Você estava linda."

Só então, Bobby avistou Caralyn do outro lado da sala e disparou na frente de várias pessoas para ficar ao lado dela. Em um segundo, ele a estava abraçando, e no seguinte, eles estavam deitados em um cobertor no quintal da casa, olhando para as estrelas e conversando como se nunca tivessem perdido o contato. Foi a única noite em que estiveram realmente próximos.

Depois que as aulas começaram, ela ficou ocupada com as aulas e, um mês depois do início do primeiro semestre, ele começou a namorar Anna.

Os três ocasionalmente saíam juntos depois das aulas de negócios, mas Caralyn sempre saía mais cedo, odiando ser uma patética amiga solteira.

Mas ela ficou mais perto de Bobby na faculdade do que no colégio, e Bobby fantasma a conduziu através de muitas memórias que compartilharam juntos.

Ele mostrou a ela cenas deles jogando futebol no pátio, fazendo festas, noites de cinema e, na maioria das vezes, ele a levava de volta para o dormitório depois das aulas. Às vezes Anna estava com eles, mas surpreendentemente, muitas vezes, ela não estava. Cada memória trouxe um sorriso. O que Caralyn tanto temia se transformou em uma bela crítica.

“Nós nos divertimos muito juntos.” disse ela, observando a versão mais jovem dele empurrando-a em um balanço no parque.

“Não se passou um dia sem ver ou falar com você.” Bobby fantasma disse, enviando calafrios por ela. Bobby fantasma estava a par de todas as suas memórias? Porque o final do primeiro ano não tinha sido tão bom.

Bobby fantasma mudou de assunto, mostrando suas memórias de passar o tempo com seus pais durante seus semestres. Às vezes, o verdadeiro Bobby estava com ela, mas frequentemente ele não estava. Cada memória era preciosa e a lembrava o quanto ela sentia falta de sua família inteira.

Mais memórias mostravam ela inclinada ao lado do sofá onde sua mãe descansava ao final de cada dia de trabalho. Na época, Caralyn pensava que sua mãe estava se sobrecarregando. Quando descobriram o câncer de pulmão, ela já estava no estágio três.

Um nó começou em sua garganta, inchando e tomando todo o espaço que ela tinha para respirar. Ela abriu a boca e se forçou a respirar. "Não mais." ela guinchou. "Por favor, não esta noite."

“Este é o último.” Ghost-Bobby disse, levando-a para longe da cabeceira de sua mãe. “Quero mostrar que havia luz, mesmo no escuro.”

A cena mudou para sua família e Bobby reunidos em torno da mesa para um aconchegante jantar de Ação de Graças, menos de um mês antes da morte de sua mãe. Sua mãe já havia perdido metade do cabelo e,

na noite anterior, havia raspado. Ela comprou uma camisa em preparação para o momento e a vestiu com um sorriso largo e orgulhoso.

Dizia “Estou tendo um dia de cabelo ruim.” e tinha um padrão de tie-die psicodélico vermelho e rosa.

Sua mãe estava explicando como conseguir o traseiro mais achatado.

“Os sofás são muito macios para achatar seu traseiro.” sua mãe ofegou. “Você tem que se sentar no asfalto. Essa coisa é dura para a pele e vai espalhar sua gordura como ninguém!”

Caralyn riu apesar de tudo, porque foi isso que sua mãe a ensinou a fazer quando os tempos eram difíceis. Lágrimas se juntaram em seus olhos e piscaram em rios pesados, e ela continuou a rir enquanto suas famílias debatiam a melhor maneira de achatar o traseiro.

Quando o jantar acabou, Bobby puxou Caralyn para fora e a abraçou enquanto ela chorava. O fim estava se aproximando e ela sabia disso. Bobby decidiu não passar o Dia de Ação de Graças com a família de Anna e, em vez disso, ficou com ela o tempo todo.

Ele deu um tapinha nas costas dela e puxou seu cabelo longe de seu rosto quando ele grudou em suas bochechas pegajosas. “Vai ficar tudo bem. Volte para a escola e termine seu semestre.”

Caralyn se afastou. “As coisas não estão bem, Bobby. Minha mãe só tem alguns dias de vida.” Era sua fase de raiva, e ninguém, nem mesmo Bobby, conseguiu convencê-la a se acalmar. Desde o Halloween, ela deixou a escola para ficar ao lado de sua mãe.

“Você me afastou muito durante aquele tempo.” Bobby fantasma disse, puxando-a de seus pensamentos. "Eu teria feito qualquer coisa por você, mas você se recusou a me deixar ajudar."

Caralyn assentiu. “Eu sabia que você tinha boas intenções, mas eu estava de luto. Não entendi por que você estava sempre por perto quando teve Anna.

Bobby Fantasma estalou a língua e balançou a cabeça. “Tudo tinha que ser explicado com você. Eu gostaria de ter sabido disso antes.”

Ela ergueu uma sobrancelha. É por isso que ele foi tão ousado nos últimos dias? Não, isso não poderia estar certo. Nada mudou para fazê-lo sentir-se diferente em relação a ela.

Em vez de se perguntar inutilmente sobre o passado, ela voltou para a cena e se viu dizer a ele para ir embora com sua família, que não, ela não precisava que ele ficasse naquele fim de semana. Ela observou a reação de Bobby e franziu a testa quando viu sua hesitação em sair. Todo esse tempo, ela percebeu que ele se arrependeu de não ter ido de férias com Anna.

Seu coração apertou e ela puxou a manga de Bobby fantasma. “Leve-me de volta, Bobby. Eu tive o suficiente esta noite."

A cena ao redor dela desbotou para o preto, e o fantasma a acompanhou até a cama como na noite anterior.

Ele se inclinou sobre a cama e olhou para ela enquanto ela se acomodava sob as cobertas. "Se você soubesse que estava errado sobre algo esse tempo todo, isso importaria?"

Ela estremeceu enquanto erguia as cobertas até o queixo. "Depende. Este algo envolve eu e você?"

Seus olhos fantasmagóricos não muito verdes nunca vacilaram. "Sim."

“Bem, então, eu diria que gostaria de saber o que é essa coisa. Você pode me dizer?"

"Não."

Ela cruzou os braços sobre o peito e bufou. “Vou descobrir de qualquer maneira quando o sol nascer. Agora você pode ir embora? Eu mal consigo manter meus olhos abertos.”

"Claro." disse ele com uma risada. Ele passou a mão pelo cabelo e sorriu. "Durma bem. Vejo você de manhã.”

Seu coração palpitou quando ele desapareceu no ar. Ela *não* estava me apaixonando por um fantasma. Simplesmente não estava!

Dez

A tarde, os dois levaram todo o visco para o escritório para embalar as remessas. Os pedidos maiores haviam chegado e era tudo o que podiam fazer para mantê-los.

Bobby cutucou Caralyn nas costelas pela terceira vez. “Vamos lá, você fugiu de novo. Você está rasgando o tecido em pedaços."

Ela ergueu o lenço de papel vermelho na mão e franziu a testa. Ela havia mutilado o lenço de papel, pequenos pedaços espalhados por sua área de trabalho. Ela o recolheu, jogou no lixo e se levantou. “Eu não posso embalar mais. Eu vou . . . verificar os e-mails por um tempo.”

Mesmo quando ela se escondeu e zoneava na frente da tela branca, ela podia sentir seus olhos sobre ela. Ela não conseguiu adormecer depois que Bobby-Fantasma saiu na noite anterior, e desde que ela usava pouca ou nenhuma maquiagem, não havia como negar o fato. O que ela não sabia sobre Bobby?

Ele perguntou a ela sobre sua falta de sono no caminho, mas não havia palavras compreensíveis para explicar. Em vez disso, ela o encorajou a ir colher um pouco de visco e descansou em sua mesa até que ele voltou algumas horas depois.

Ele não fez perguntas quando viu uma marca óbvia em seu rosto e baba na mesa, mas em vez disso trabalhou mais rápido para compensar sua lentidão.

"Você quer ir para casa e dormir um pouco mais?" ele perguntou. "Eu posso te levar. Seu carro deve estar pronto amanhã, e então você pode tirar um dia de folga. Você merece isso."

Com a menção de casa, ela balançou a cabeça e voltou ao chão para cuidar dos pedidos. Voltar para casa agora seria uma sentença de morte.

Bobby ficou de olho em Caralyn pelo resto do dia, levando-a em tarefas se ele precisasse sair, e pela primeira vez, ela não se importou em ir junto. Ficar sozinha significava ter seus pensamentos descontrolados e ela não estava pronta para enfrentar a verdade. Algo estava realmente errado com ela e ela não sabia como fazer parar as visitas fantasmagóricas. Se Bobby fantasma esperava que ela aprendesse com seus erros, ele teria uma grande decepção. Sem voltar ao passado e desfazer o que já havia sido feito, ela definitivamente não poderia trazer sua mãe de volta.

"O que você esta pensando?" ele perguntou a caminho de casa do centro de correio, onde pegaram mais caixas de embalagem. Eles haviam atingido duzentas em poucos dias. Se continuassem assim, suas árvores estariam livres de visco até fevereiro.

"Uh, apenas na faculdade." disse ela, escolhendo uma memória segura para falar. Um pensamento repentino ocorreu a ela. Ele nunca tinha falado muito sobre quando eles se

reconectaram na festa. Depois de ver as coisas através dos olhos dele, ela teve que descobrir se as memórias de Bobby fantasma combinavam com a da pessoa real sentada ao lado dela.

“Você se lembra de me ver na festa de calouros do campus? Não nos víamos desde a formatura do ensino médio. Você. . . sentiu minha falta?"

Ele ergueu as sobrancelhas surpreso. “Essa é uma informação ultrassecreta bem aqui. O que você está disposta a fazer por isso?”

“Uh. . . ” Que lata de minhocas ela havia aberto? "Não tenho certeza. O que você tinha em mente?"

“Jantar na minha casa? Você não tem se alimentado muito bem nem dormido, então deixe-me preparar uma boa refeição com carne e vegetais. Só uma vez. Por favor.” ele adicionou quando ela começou a protestar.

Seu pedido teria sido tão fácil para uma mulher comum, mas estar perto dele quando ela estava tão cansada e emocionalmente abalada não era o momento certo.

"Podemos sentar na varanda, comer nosso jantar ao ar livre, e eu vou lhe contar quais foram minhas primeiras impressões de você na faculdade."

O ar fresco era tentador, e voltar para casa tão cedo sem nada para fazer era deprimente. “Tudo bem.” ela finalmente disse.

Ele acenou com a cabeça em direção a uma placa de rua. "Bom, porque estamos quase na minha casa."

Ela ergueu o queixo para ver acima do lado da porta. Ela tinha ido à casa de Bobby um punhado de vezes, algumas vezes para jantar, mas principalmente ela ficou na sala da frente. Comparada com sua minúscula casa de dois quartos e um banheiro, a casa dele era uma mansão. Além de seu quarto e dois quartos de hóspedes, havia um escritório e uma sala de cinema. Uma vez ela perguntou por que ele comprou uma casa grande, e ele deu de ombros e disse que tinha sido um bom negócio.

Era mentira, mas ela não se intrometeu mais nisso. Bobby raramente mentia, mas quando o fazia, seus olhos tremiam. Ela só o viu mentir algumas vezes que ela conseguia se lembrar, a última vez sendo a experiência mais horrível.

Ela fechou os olhos enquanto eles se aproximavam da monstruosidade moderna. A parte externa da casa tinha revestimento de madeira falsa e uma grande área de estar coberta ao ar livre para mostrar a cidade de Wildomar. "Tanto espaço." disse ela, seu mau humor aumentando conforme o céu escurecia.

“Eu sou um cara grande.”

Ela riu e olhou para ele. "Como desejar."

Ele levou as mãos ao rosto e sorriu. "Você está me fazendo corar, agora saia para que eu possa estacionar."

Ela saiu do SUV e esperou que ele estacionasse na garagem para três carros. Ela balançou a cabeça quando seus outros dois veículos esportivos apareceram. O cara era mimado desde que ela o conhecia.

A entrada de sua garagem era feita de ladrilhos de basalto que iam do preto ao cinza em um padrão cruzado. Ela bocejou e passou os braços em volta de si mesma enquanto o ar frio descansava em sua pele nua. Talvez se ela adormecesse em sua casa, Bobby fantasma não viesse. Não, ela não podia perguntar a ele. Isso seria muito estranho e o oposto do que ela estava tentando fazer ao evitar todos os sentimentos por ele.

"Você vem?" ele perguntou, fechando a garagem. “Eu não gosto de entrar pela porta lateral. Sammy espera por mim lá e sai correndo antes que eu possa impedi-lo. Não estou com vontade de persegui-lo esta noite."

"Oh, Sammy." Um bônus adicional por visitar Bobby.

Ele sorriu. "Eu sabia. Você sempre gostou mais do meu gato do que de mim.”

Ela empurrou seu ombro de brincadeira, então retirou a mão antes que ele refletisse sobre as coisas. Mas ele estava muito focado em destrancar a porta com o reconhecimento de dedo, então conduzindo-a para dentro.

A casa dele era facilmente uma das menores casas da rua, mas era impressionante para ela. Um pouco moderna demais com seus luxuosos móveis de couro, armários de design que a lembravam do exterior de sua casa e um pacote de mídia de alta tecnologia espalhados pelo ambiente. Seus tetos abobadados de quase três metros eram extraordinários, no entanto. Ela provavelmente congelaria em casa em vez de preencher o espaço vazio com calor.

Ela bocejou quando ele estava prestes a falar. Ele colocou uma mão no quadril e franziu a testa. "Você está cansado. Por que você não dorme no quarto de hóspedes enquanto eu preparo o jantar?"

“Não, posso...”

"Se você não fizer isso, vou fazer você cozinhar comigo."

Ela franziu a testa e se dirigiu para os quartos. "Te vejo daqui a pouco. Não me deixe dormir muito. Vou ficar mal-humorada quando acordar.”

“Não pode ser pior do que agora.” ela pensou ter ouvido ele dizer. Ela estava cansada demais para discutir. O dia havia cobrado seu preço e o curto cochilo de horas atrás apenas a ajudava a lembrar como o sono era valioso.

O quarto de hóspedes ficava no segundo andar e, com passos pesados, ela passou pela grande área de reunião que tinha mais lugares para sentar do que quadros na parede.

Ela abriu a porta e sentiu o cheiro de primavera, o cheiro familiar de sua roupa suja. Ela suspirou, tirou os sapatos e caiu na cama, enterrando o rosto no travesseiro quente. Sammy se juntou a ela no quarto alguns minutos depois e se aconchegou em seu quadril para tirar uma soneca com ela.

Estava agradavelmente escuro quando ela abriu os olhos algum tempo depois, com apenas uma sugestão do pôr do sol em sua janela. Perfeito.

Alguém a estava puxando, puxando-a para uma posição sentada. Ela esfregou os olhos sonolentos e Bobby fantasma

sentou na cama ao lado dela, o chapéu quase tocando seu rosto.

Ela gemeu e caiu para frente nas cobertas, socando a cama com os punhos. "Eu não vou. Eu não estou a fim! Eu não irei com você. Eu nem estou na minha casa, e mesmo assim você me encontrou."

"Caralyn? O que está acontecendo? Você está me assustando."

Ela levantou a cabeça e se inclinou para segurar a mão dele. Estava quente, completamente quente. Sem pensar, ela colocou os braços ao redor dele e respirou seu doce perfume. Foi o melhor erro que ela já cometeu. "Yay! É você."

Ele deu um tapinha nas costas dela algumas vezes antes de dizer qualquer coisa. "Sim, sou eu. Quem você achou que era e o que estava dizendo?"

Caralyn se afastou dele para estudar sua roupa. Ela tinha tanta certeza de que era Bobby fantasma. Era a mesma camisa, calça e até mesmo chapéu que ele usara na noite anterior. "Por que você está vestindo isso?"

Bobby sorriu, tirou alguns fios de cabelo do rosto dela e colocou atrás da orelha. "Você lembrou? Eu queria usar pois estava contando nossa história."

Ela franziu a testa e se levantou rápido demais, mal conseguindo recuperar o equilíbrio. Ele estava lá em um segundo, uma mão em suas costas para firmá-la. Seu coração batia descontroladamente contra suas costas. Ela fechou os olhos e permitiu apenas alguns segundos antes de se afastar. "Estou bem. É hora do jantar?"

"Sim. Já está arrumei tudo na varanda dos fundos.”

"Ótimo."

Ela liderou o caminho pelo corredor, desceu as escadas e saiu para a varanda. Agora tudo o que ela precisava fazer era se livrar da adorável sensação de estar em seus braços.

Onze

A mesa estava posta com duas velas tremeluzentes, pratos de vidro e algo escuro para beber. Seu estômago roncou em resposta. Seu cochilo satisfatório a deixou faminta, e a comida tinha um cheiro delicioso.

Ele descobriu os pratos principais e sorriu. “Salmão e arroz pilaf. Eu sei que você gosta de aspargos, mas também fiz meu famoso quiabo.”

Ela riu e serviu-se de uma colher de arroz. "Uma vez um menino sulista..."

“Sempre um.” Ele terminou por ela. Seu sorriso era caloroso quando ele se sentou em frente a ela.

Eles comeram em um silêncio amigável por alguns minutos, mas quando ela tentou falar sobre trabalho, ele balançou a cabeça e virou o chapéu para trás. "Sem conversa sobre trabalho na mesa." Ela sufocou uma risada, mas ele continuou a sacudir a cabeça. "Estou falando sério. Conte-me sobre seu sonho. Com quem você estava falando quando eu entrei na sala?"

Ela descruzou as pernas e demorou a cortar o salmão. Finalmente, ela encolheu os ombros. “Eles são apenas sonhos. Você se lembra dos detalhes dos *seus* sonhos?”

Ele deu uma mordida, mastigou e engoliu. “Eu não sonho mais.”

Sua resposta deu um soco no estômago, e mesmo que ele não disse isso, ela sentiu que era direcionada a ela. “Você está em alguns deles.” disse ela.

Bobby largou o garfo, pegou-o com pressa e colocou um pouco de arroz. "Realmente?" ele disse, sua boca ainda cheia.

“Sim, mas como eu disse, eu não consigo me lembrar da maior parte. Às vezes você se veste assim.” Ela girou os aspargos algumas vezes antes de dar uma mordida. Suas bochechas ficaram rosadas, fazendo-a rir.

“Quer dizer, estou aparecendo em seus sonhos, vestido assim. Esta camisa? Estas calças?"

"Esse chapéu também."

Ele olhou para a comida e depois para ela. Seus olhos eram de uma cor esmeralda à luz das velas. “São muitos detalhes. Tem certeza que está me contando tudo? Você me disse que não queria ir a lugar nenhum. Eu estava tentando te levar a algum lugar no sonho?"

Foi a vez dela corar. Contar a ele mais seria muito embaraçoso. “Você estava definitivamente me levando a algum lugar, mas estou mais interessada na história que *você* vai me contar. Eu vim, comi e não temos distrações.”

Ele se endireitou na cadeira e colocou uma das mãos na mesa perto da dela. Instintivamente, ela deslizou as mãos no colo, sem lhe dar nenhuma ideia.

“Tudo bem.” ele finalmente disse, cruzando os braços e olhando para o teto. “Na noite da festa, eu queria começar a mexer nos meus livros, mas Brian me convenceu a ir. Eu estava planejando ficar parado e ficar infeliz com isso.”

"Você com certeza sorri muito quando está infeliz."

Ele ergueu uma sobrancelha. "Estou surpreso que você se lembre." Ele olhou para a comida, pegou o garfo e brincou com o salmão. “De qualquer forma, com meus pés plantados em um lugar, eu estava pronto para passar a noite lá e esperar até que Brian quisesse ir para casa. Então você entrou. Não fazia tanto tempo. Apenas um verão, mas você parecia tão diferente.” Ele ergueu a cabeça e encontrou seu olhar. Seu rosto se encheu de calor quando ela reconheceu seu olhar de admiração. Ela agarrou seu copo e engoliu o que restou.

Ele riu e acenou com a cabeça. “Eu ainda me lembro do que você vestia. Camisa azul bonita com um pequeno laço nas costas. Jeans que exibiam seu traseiro.”

Ele fez uma pausa para dar ênfase, e ela estendeu a mão para dar um tapa em seu braço. Antes que ela pudesse colocar a mão no colo, ele a alcançou e colocou as mãos sobre a mesa.

Em vez de um sorriso bobo, sua expressão permaneceu séria e cuidadosa. Uma inquietação invadiu sua mente e, quando ela tentou se afastar, ele a segurou com força.

“Caralyn.” ele disse, quase sussurrando o nome dela.

A vontade dela estava enfraquecendo a cada segundo que o polegar dele esfregava em sua pancada. Ela finalmente puxou a mão e a moveu para o colo.

“Foi a primeira vez que tive certeza de que gostava de você mais do que como um amigo. Naquela noite, deitamos em um cobertor e conversamos sobre tudo o que veio à nossa mente. Foi a única vez que você se abriu comigo em muito tempo.”

“Eu já me abri para você antes.” ela protestou.

“Não gosto disso. Achei que tínhamos algo especial naquela noite.”

A noite estava tão silenciosa que cada segundo latejava em seus ouvidos como uma debandada de cavalos. "Eu também." Sua voz saiu suave e pequena, contrastando fortemente com a quantidade de tensão que sentava em seus ombros. "Mas então você conheceu Anna."

"O que?"

Ela olhou para cima e encontrou seus olhos, mas ele parecia tão confuso quanto parecia.

"Bem, quero dizer, vocês dois começaram a namorar depois disso, e não tivemos a chance..."

“Anna e eu não começamos a namorar até o segundo ano. Nós saímos por um ano inteiro antes de eu desistir.”

Desistiu? O que ele estava falando? “Mas eu sempre fui a terceira pessoa em seus encontros.”

Bobby pegou um pedaço de peixe e o enfiou na boca. “Eu não posso acreditar nisso.” ele finalmente disse. "Todo esse tempo."

Ela balançou a cabeça. “Eu não entendo. Vocês dois sempre me chamaram para acompanhá-los em seus encontros.”

Bobby largou o garfo e olhou feio. “Eles não eram encontros, Caralyn. Eu estava tentando fazer você sair comigo, e só convidei Anna porque você parecia desconfortável quando estávamos sozinhos.”

"Isso é porque você estava namorando Anna."

Ele se levantou e colocou o dedo indicador na mesa. "Mesmo depois que comecei a namorar com ela, estava faltando alguma coisa." Ele olhou diretamente para ela. "Eu estava sentindo falta de alguém."

Sua boca abriu. “E todas as vezes que vi vocês dois juntos no campus? Ela claramente gostava de você."

"Pode ser, mas eu não queria desistir de você até que não houvesse uma chance."

Caralyn se contorceu em sua cadeira. "Você está brincando certo?"

"Alguma vez anunciamos a você ou a qualquer outra pessoa que estávamos namorando até a festa do segundo ano?"

“Não, mas há muitas pessoas que namoram e não chamam isso de oficial.”

"E você já nos viu de mãos dadas ou fazer qualquer coisa para fazer você pensar que éramos mais do que amigos?"

"Bem, você abraça..."

“Eu abraço todo mundo.” Ele recostou-se na cadeira e respirou fundo algumas vezes. "Então, todo esse tempo, você pensou que ela e eu estávamos namorando no primeiro ano?"

Caralyn assentiu.

"Foi esse o motivo de nunca mais nos darmos bem?"

Ela encolheu os ombros. "Eu acho. Você não estava interessado em mim, e sempre que saíamos, alguém estava sempre conosco, a menos que você estivesse me levando para casa.”

"Oh garoto." Ele passou a mão pelo cabelo e se inclinou sobre a mesa.

"Por que você não me disse como se sentia?"

"Boa pergunta. Eu não sei. Eu não queria ser rejeitado, e você sempre tinha caras ao seu redor."

Isso não era verdade. "Anna e eu éramos uma das poucas meninas em nosso curso. Claro que estávamos cercados por caras. Mas nenhum deles foi. . . " Ela parou, não querendo admitir seus verdadeiros sentimentos por ele. Ela não queria um cara em sua vida. Agora não.

A sala estava silenciosa enquanto seus pensamentos não ditos tinham significado, e ele parecia satisfeito com sua resposta.

"Você dormiu bem?" ele perguntou, e ela ficou grata pela mudança de assunto. "Seus olhos parecem um pouco menos cansados."

Ela riu e a tensão em seus ombros se dissipou. "Sua cama era confortável. Não durmo bem há dias."

Ele franziu a testa. "Algo está errado? Eu posso dizer que você não está dormindo, e você está nervosa perto de mim."

Ela olhou para o prato inacabado, não estava mais com fome. "Nada está errado. Quer dizer, eu poderia dormir um pouco mais, mas nada fora do comum." Oh, ela era uma mentirosa. "Eu deveria ir. Posso pegar um táxi se você não quiser dirigir."

Ele se afastou da mesa e deu um suspiro pesado. "Não, está tudo bem. Enquanto você dormia, o mecânico ligou. Seu carro está pronto. Vou levá-l à loja e você pode dirigir para casa. Vamos."

O trajeto até o mecânico foi silencioso. Quando ela ofereceu dinheiro a Bobby para pagar os reparos que ele cuidou, ele empurrou a bolsa dela com uma carranca. “Não foi um grande negócio. Algo pequeno que não custou muito. Teremos que substituir algumas coisas em algum momento pelo seu mecânico, mas por enquanto, as coisas devem ficar bem.”

Ela não perdeu o *nós* em sua frase. Era assim que ele sempre falava, mas ela nunca tinha pensado muito nisso. Todo esse tempo ele gostava dela? Ela não conseguia entender o pensamento. Se ela soubesse anos atrás. . .

Depois de alguns minutos de carro, Bobby recebeu uma ligação. O nome de Anna apareceu na tela do telefone antes que ela pudesse passá-lo para ele. "Não queria olhar, mas é a Anna."

Em vez de responder, Bobby balançou a cabeça e enfiou o telefone no bolso. "Ligarei para ela mais tarde."

"Você tem certeza?" ela perguntou, querendo, mas não querendo ouvir o quão próximo ele era de sua ex-noiva. A dor cresceu em seu peito como uma inundação, corroendo e enchendo cada fenda com dor. Por que ela de repente se importou? Ela estava danificada e ele merecia coisa melhor.

"Anna vai ligar de volta."

Isso não foi reconfortante. Como ele nunca falou sobre o noivado rompido, ela não quis perguntar. Mas era como um band-aid cobrindo uma ferida antiga e sensível e ela tinha

que saber. “Então, quando Anna chegar em alguns dias, você tem muitos planos? Você está..."

"Não estamos namorando." As palavras foram firmes e um bálsamo calmante para o coração de Caralyn. “Ela veio para uma conferência, e estou apenas mostrando a cidade ela quando ela tiver tempo livre.”

“Você não acha estranho que haja uma conferência de negócios em Wildomar? Por que não LA?”

Ele encolheu os ombros. “Eu não fiz perguntas.”

"Bem, talvez você devesse." Uma dúzia de outras perguntas surgiram em sua mente, mas ela estava com muito medo de saber as respostas. Caralyn não tinha nada pessoal contra a mulher. Ela era legal se você considerasse as dores de dente açucaradas uma boa hora. "Ela quer voltar?"

“Ela só quer um lugar para visitar durante as férias. Disse que tinha algum tempo livre entre as reuniões, então vamos sair uma ou duas vezes.”

Seu olho direito estremeceu e seu coração afundou. Eles haviam entrado em contato o suficiente para que ele a convidasse para uma visita. Caralyn não sabia por que se importava, mas sim importava. Nos últimos quatro anos, Bobby ficou ao lado dela. Nenhuma competição. Ninguém para influenciá-lo em outro lugar.

Um minuto depois, ele parou em um estacionamento quase vazio. Um ônibus velho estava na parte de trás e havia um caminhão em pior estado do que o dela na vaga de estacionamento a alguns lugares de distância.

Antes que ela pudesse detê-lo, ele saltou do carro para destrancar a porta da caminhonete. Levantando o visor, ele agarrou o conjunto de chaves dela escondido lá. "Aqui está." Quando seus dedos roçaram os dela, aqueles malditos formigamentos subiram por seu braço e forçaram sua pergunta mais ardente a passar por seus lábios.

"Por que você ficou noivo de Anna se sentia algo por mim?" Ele pareceu surpreso, mas Caralyn continuou a pressionar. “Quando minha mãe ficou doente e você esteve ao meu lado durante a maior parte do tempo, pensei que as coisas tinham mudado para nós. Foi como aquela noite de festa. Mas então..."

"Você me deixou, lembra?" Sua resposta tirou sua esperança e a deixou ofegante.

“Deixei você? Mamãe estava morrendo. Voltei para casa para passar todo o tempo que pudesse com ela.”

“E eu entendi por que você fez e até liguei para você todos os dias até que você parou de responder. Não havia muito espaço para esperança, e eu não tinha razão para *não* me casar com Anna além do fato de que ela não era você.”

Sua confissão deveria ter acalmado a tempestade que se formava na boca do estômago, mas só trouxe ondas de dor, derrubando a razão e o desejo de consertar os erros do passado.

“As pessoas lidam com o luto de maneira diferente e eu as afasto. Não estou orgulhosa disso, mas pelo menos posso dizer honestamente que não foi nada pessoal. Um mês depois do funeral, um amigo me disse que você estava noivo. Você

nem mesmo teve a decência de me dizer." Ela forçou um sorriso. “Irônico, hein? Bem quando sua vida estava decolando, eu senti que a minha estava terminando." A emoção subiu por sua garganta, e ela levou a mão à boca para mantê-la dentro. "Fiquei arrasada quando descobri que, durante a parte mais difícil da minha vida, você estava nos braços de outra mulher." Sua voz falhou e ela se virou sem olhar para trás.

Ela tinha certeza de que ele a chamou, até a seguiu, mas o som de seu coração batendo forte em seus ouvidos explodiu todos os outros ruídos.

Para seu alívio, o motor de sua caminhonete deu partida sem problemas e ela saiu pesadamente do estacionamento. Alguns segundos depois, as lanternas traseiras de seu carro brilharam na direção oposta, enviando uma onda de tristeza por ela. Assim que o carro dele desapareceu na multidão de faróis piscando, ela parou na lateral da rodovia enquanto o tráfego passava zunindo.

Ela enterrou o rosto no acolchoamento familiar do volante. Lágrimas se acumularam nos cantos de seus olhos. Tanto tempo perdido, e a distância não a ajudou a seguir em frente. Isso só aumentou o buraco aberto de suas perdas.

Quando suas lágrimas finalmente pararam e suas bochechas estavam pegajosas e secas, Caralyn entrou no trânsito e foi para casa. Talvez isso fosse uma coisa boa. Ambos compartilharam seus segredos, e agora eles podiam seguir em frente.

Embora ele a machucasse sem saber em um ponto, ele a compensou de milhares de maneiras minúsculas desde então. Resumindo, Bobby merecia ser feliz. Ela enxugou o rosto e suspirou. Se Anna reentrasse em sua vida, talvez ele tivesse outra chance de amor, porque com Caralyn, havia apenas becos sem saída.

Doze

Naquela noite, ela não escapou de Bobby fantasma. Quando ele bateu em seu ombro, ela balançou a cabeça. "Eu não vou. Você não pode me obrigar."

Ele riu, pegou as mãos dela e a colocou de pé. "Vamos. Agora que você sabe que sempre gostei de você, posso lhe mostrar uma prova."

Ela cravou os calcanhares no chão e fez beicinho com o lábio inferior. "Eu já sei. Não é o suficiente?"

"Isso faz você querer mudar a forma como você me trata?"

A pergunta dele chicoteou em sua mente e roubou o fôlego dela. Sua resposta sobre como fazer os sonhos parar era tão óbvia, mas ela ainda fazia a pergunta. "Esses sonhos são instantâneos da minha vida que me mostram onde errei?"

Ghost-Bobby assentiu. "Ou como você já foi diferente. Lembra de todas as memórias de Natal que mostrei a você? Você amou o Natal com sua família."

"Isso aconteceu no dia em que Bobby trouxe aquelas terríveis caixas vermelhas e verdes para o escritório e eu o critiquei por ser muito alegre. E aquelas memórias de mim ajudando os outros, porque eu recusei ajudar os caras dos sapatos coletando dinheiro?"

Bobby fantasma encolheu os ombros, mas seus lábios continham um pequeno sorriso.

"Então, tudo o que tenho que fazer é voltar a ser a pessoa que eu era e você irá embora?"

Bobby fantasma franziu a testa. “Não se precipite. Se suas mudanças não forem sinceras e se tornarem apenas um band-aid, não funcionará, e você ficará presa a mim, pelo menos até o seu período de carência terminar.”

“Meu período de carência? Então, tenho até o final de dezembro para mudar, senão nunca vou voltar a ser a pessoa que fui antes?”

"Está certo."

Caralyn sorriu. "Eu consigo aguentar isso. Eu só preciso esperar meu período de carência, e então você desaparecerá.”

Bobby fantasma bateu com a mão na testa e puxou-a em direção à parede. "Você está brincando certo? Já ouvi esse tom antes e acho que você está brincando, mas o sarcasmo é difícil de desvendar quando você não é uma pessoa real.”

Ela riu, e a sensação de peso anterior diminuiu. Havia uma saída para sua loucura e isso enviou um alívio através dela como uma anestesia.

Quando o quarto dela desapareceu, Bobby fantasma mostrou a ela uma cena com ele em seu dormitório, falando ao telefone. “Ei, Caralyn. Tem planos para esta noite?”

Foi uma ligação que ela recebeu muitas vezes nos primeiros anos de faculdade. Os dois se aproximaram do verdadeiro Bobby para ouvir o outro lado da conversa.

“Quer ir ao drive-in hoje à noite?” ele perguntou. “Eles estão exibindo aquele novo filme do Godzilla.”

“Uh, eu não sei. Mais alguém vai?" ela perguntou.

Bobby deu um tapa na cabeça de frustração. "Claro, Anna pode ir." Ele fechou a boca e trabalhou sua mandíbula.

"Tudo certo. Acho que preciso de uma pausa desses livros. Devo trazer mais alguém comigo?"

Bobby se levantou e começou a andar pela sala. “Não, não, só nós três vai dar certo. Eu pego você em uma hora.”

Depois de desligar, ele passou a mão pelo cabelo. "Que droga. Isso não funcionou.” Ele pegou o telefone da cadeira e ligou para outra pessoa.

“Ei, Bobby.” uma voz alta de mulher soou do telefone. Definitivamente era Anna.

“Você tem planos para esta noite? Vamos assistir a um filme.”

"Então ele me ligou antes de Anna?" ela tentou perguntar antes que Bobby assentisse e a calasse.

“Quem *somos nós*?” Anna perguntou.

“Até agora, somos eu e Caralyn. Você não precisa vir se estiver ocupada.” Bobby mordeu a ponta do lábio, provavelmente esperando que ela desistisse. Por que ele esperou anos para dizer a verdade a Caralyn?

“Oh, eu posso estar lá. Devo pegar você?"

Seu rosto azedou. “Não, tudo bem. Vou buscá-la depois de pegar Caralyn.”

“Foi a configuração perfeita.” Bobby fantasma disse, puxando-a da conversa. - “Eu pegaria você primeiro, você se sentaria na frente comigo e Anna finalmente perceberia que eu não estava interessado.”

“Não me lembro de ter sentado no banco da frente quando Anna estava no carro.”

Bobby fantasma suspirou e apontou de volta para a conversa.

“Eu te encontro no apartamento de Caralyn, então você só precisa fazer uma parada.” disse Anna.

Ah, então foi isso que aconteceu. Anna sorrateira! A garota realmente gostava dele.

Ele cerrou os dentes. "Está tudo bem. Não é problema.”

“Eu sei, mas tenho que pegar algumas notas que perdi da aula. Bem, vejo você mais tarde."

Ela desligou antes que ele pudesse protestar mais. Depois de deixar o telefone cair no sofá, Bobby caminhou pela sala novamente. "Bem, o tiro saiu pela culatra."

“Claro que sim, amigo.” Bobby fantasma disse para si mesmo. Ele pegou a mão de Caralyn e a levou embora. "Essa foi a primeira noite em que você trouxe um acompanhante para nossos passeios juntos, e a primeira vez que tive dúvidas sobre seus sentimentos por mim."

Caralyn olhou para trás, observando-o desgastar as tábuas do assoalho. Eles foram ao drive-in dezenas de vezes. A linha do tempo estava borrada, mas ela se lembrava de odiar a ideia de sentar no banco de trás sozinha enquanto os dois conversavam na frente. Não querendo ser sempre uma terceira, ela começou a trazer seus próprios encontros.

“Então o que eu devo aprender com isso? Acho que você gostou de mim em um ponto, mas as coisas estão diferentes agora. Anna está vindo para uma visita e. . . não balance a

cabeça para mim.” disse ela, quando ele a pegou pelo braço e a levou embora.

“Tanto para aprender.”

A cena desapareceu, e a loja de malte na rua de seu apartamento apareceu em seu lugar.

“Oh, eu adorei as batidos de amora aqui. Lembra daquela vez que Anna derramou. . . ” Ela parou de falar no meio da frase e observou Bobby persegui-la para fora da loja de malte.

"Onde você vai? Você não comeu nada?"

“É isso mesmo, Bobby. Eu não posso comer agora. Estou aqui com meus amigos enquanto minha mãe está doente e sozinha em casa. Papai teve que trabalhar até tarde esta noite."

Bobby tirou a mão do braço dela e suspirou. “Você quer que eu te leve para casa? Se partirmos agora, chegaremos a tempo de acomodá-la."

“Não, está tudo bem. Vou ficar o fim de semana, talvez mais. O feriado de Ação de Graças está chegando, então vou ficar mais um pouco.”

Ele puxou o braço dela. “Cuidado Urso carinhoso, não é bom para você perder as aulas. Os exames são...”

“Quem se importa com os exames quando minha mãe está morrendo?” Ela puxou o braço e deu dois passos para trás.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e acenou com a cabeça. "Justo. Você está certa, mas está ficando tarde e você não dorme ou come há dias. Tire uma soneca, então eu levo você." Ele colocou o braço em volta da cintura dela, como se

fosse a coisa mais natural do mundo, mas ela deu um tapa no braço dele.

“Vejo você quando voltar, Bobby. Minha mãe precisa de mim agora.”

Ela saiu furiosa noite adentro com Bobby xingando a si mesmo enquanto caminhava para fora do restaurante.

"Não percebi que você era tão insistente."

Bobby fantasma olhou para ela. "Realmente? Foi isso que você viu?”

Ela encolheu os ombros. “Não vejo nada de errado em gastar cada minuto que pude com ela. Não, eu retiro isso. Definitivamente, não há nada de errado com isso. Eu estimo essas memórias que tivemos juntas.”

“Sim, e eu entendi isso. É por isso que estava disposto a largar Anna e te levar para casa. Mas este foi o começo de você me afastando.”

Ela mordeu o lábio. Ele estava dizendo a verdade ali. Depois daquele fim de semana, ela decidiu sair depois das aulas todas as sextas-feiras, às vezes ficando em casa até a semana seguinte. Suas notas caíram e, nas férias de Natal, ela se retirou da escola e voltou para casa.

“Você poderia ter corrido atrás de mim. Eu secretamente queria que você fizesse."

Bobby fantasma enfiou o sapato no buraco no asfalto do lado de fora da lanchonete. "Você queria que eu fosse um leitor de mentes, mas eu estava respeitando seus limites."

Quando ele levou Caralyn de volta ao quarto, a veracidade de sua declaração ecoou em seus ouvidos. Como ela

poderia estar brava quando ele fez exatamente o que ela disse a ele? "Desculpe, eu o afastei."

Ele apontou para si mesmo e franziu a testa. “Não sou real, lembra? Essas palavras precisam ser ditas a alguém com um corpo.”

Ela riu, apesar do peso que essa realização trouxe. “As coisas estão bem com Bobby agora. Na maioria das vezes. Não quero bagunçar as coisas trazendo à tona todo esse lixo do passado. Isso já separou nós dois esta noite, e nossa conversa apenas arranhou a superfície. Quem sabe se ele vai falar comigo amanhã?”

"Você vai descobrir que sou muito indulgente, especialmente com garotas bonitas."

Ela riu e afastou o braço dele. “Posso acordar desse sonho agora? Fantasmas galanteadores é onde eu traço o limite.”

Treze

As mãos de Caralyn tremiam quando ela entrou no complexo do escritório na manhã seguinte. Mesmo que ela tivesse ensaiado em sua cabeça o que ela queria dizer, as palavras parecia uma sentença de morte. O mal-entendido não foi totalmente culpa dela. Antes de destrancar a porta, ela já estava tentando não se desculpar.

Cacete! Ela precisava de fantasmas fora de sua vida como ela precisava do Natal fora do calendário internacional. Sem mais distrações.

Um monte de visco esperava no chão a seus pés. A irritação percorreu seu corpo. Então ele entrou e saiu, simplesmente assim? Bem. Ela franziu a testa e começou a trabalhar. Não poderia dizer que ela não tentou.

Quando seu estoque de visco acabou, ela pegou o telefone para ligar para a fazenda.

Antes que ela terminasse de discar, Marco entrou pela porta com uma carga de visco. "Eu li sua mente, chefe." disse ele, sorrindo amplamente. "Achei que você estaria ligando em breve."

Ela desligou o telefone e olhou a hora. “Como estão nossas árvores? Acha que teremos o suficiente para durar toda a temporada?”

Ele assentiu. “Se não o fizermos, Bobby tem um plano alternativo.”

Ao som de seu nome, ela se assustou. "Oh sim?"

“Bobby encontrou uma floresta uma hora fora de Corona. Ele ligou para a cidade, conseguimos uma licença permanente por seis meses para levar o que quisermos, e eles vão nos agradecer por isso.”

O alívio se espalhou por ela. “Oh, é onde ele está? Verificar o local?”

Marco balançou a cabeça. “Ele não te contou? Ele teve que dirigir para Los Angeles e tirou meio dia de folga.”

“LA? Que duro! Espero que ele tenha uma longa viagem divertida no trânsito.” Ela agradeceu a Marco pelo visco e voltou ao trabalho. Pelo menos ele não a estava evitando. No meio da tarde, seus braços doíam e ela precisava de ar fresco de seu ambiente de trabalho abafado.

Ela saiu e deu um passeio pelo complexo comercial. O inverno era muito mais agradável no sul da Califórnia. Sem jaquetas pesadas ou luvas. Nos dias mais raros, ela poderia usá-los, mas na maioria das vezes, os invernos eram moderados. Mas hoje, ela colocou os braços firmemente em torno de si mesma e procurou por qualquer desculpa para entrar em um negócio aleatório e vagar por aí.

Infelizmente, seus impostos não eram atrazados, ela nunca fazia as unhas profissionalmente e não precisava de aconselhamento jurídico. Ela suspirou e voltou ao trabalho mais algumas horas antes da hora de encerrar o dia.

No caminho de volta, o escritório ao lado chamou sua atenção. Era a loja de aromaterapia e sais de banho de Janice. Nos quatro anos em que compartilharam um

estacionamento, Caralyn nunca tinha estado em sua loja. Se ela pudesse encontrar algo para ajudá-la a dormir melhor, ela estaria disposta a pagar o salário do mês. Bem, na verdade não.

Embora estivesse apreensiva ao ver Janice depois de gritar com ela alguns dias antes, uma sensação de paz a invadiu quando entrou na sala de cheiro quente. O ar cheirava a hortelã-pimenta e cravo e algo forte com o qual ela não estava familiarizada. O pequeno espaço tinha muita alegria natalina, mas o aroma da loja era tão atraente que ela decidiu deixá-lo passar.

O que antes parecia excêntrico para Caralyn a atraiu. Sabonetes para mãos, cabelos e roupas caseiros, óleos essenciais e uma seleção de alimentos saudáveis.

Janice saiu de trás de um balcão e deu-lhe um meio aceno. "Uh, você precisa de algo?"

Caralyn sorriu apesar da saudação rígida da mulher. Janice não foi culpada pelo comportamento anterior de Caralyn. Ela parou em uma fileira de sais de banho que foram anunciados como ajudando na meditação e no sono profundo. "Isso funciona?" Caralyn perguntou, pegando uma das garrafas com sais de rocha roxo-escuro. Ela abriu a tampa e cheirou. *Mmm, lavanda.* “Estou procurando algo que me ajude a dormir à noite.”

"Sim, eles funcionam. Sempre que não durmo bem, tomo um longo banho com isso e desmaio assim que minha cabeça bate no travesseiro.”

Caralyn olhou para a etiqueta de preço na parte inferior e sorriu. Vinte e cinco dólares? Quem estava enganando a Sra. Janice? Ela o abaixou e franziu a testa. Se isso a ajudasse a dormir o suficiente, poderia valer a pena. Ela sempre poderia fazer uma troca.

"Você vai baixar o preço se eu trocá-lo por um visco?"

Janice ergueu uma sobrancelha. "Eu tenho um pacote de amostra grátis, se você quiser."

Doce música para seus ouvidos. Um teste sem risco, sem negociações. Feito. “Vou aceitar.” disse ela.

Caralyn atendeu ao restante dos pedidos do dia, limpou e depois pegou sua amostra de sais de banho da mesa. Em algumas horas, ela experimentaria os sais e, com sorte, dormiria bem.

No momento em que ela trancou o escritório mais tarde naquele dia, ela se sentia otimista sobre sua noite.

Assim que ela girou a chave, vozes familiares soaram atrás dela. Ela olhou para trás quando Bobby se aproximou do escritório. Seu coração se acalmou ao ver que ele não estava sozinho. Ele estava com Anna e tinha um grande sorriso que combinava com sua calça extravagante e camisa de botão.

Droga! Ela deveria ter prestado atenção para datas quando ele mencionou que Anna estava chegando.

Caralyn segurou a porta que ela acabara de travar para se equilibrar. Seus joelhos tremeram enquanto os dois caminhavam em direção ao escritório. Ambos estavam envolvidos em qualquer conversa que estivessem tendo e não a tinham visto ainda.

Anna estava tão bonita e vibrante quanto no dia em que Caralyn a conheceu no dormitório da faculdade. Ela usava um terninho listrado escuro com uma blusa rosa e tinha seus longos cabelos castanhos presos em um coque apertado no topo da cabeça.

Quando Caralyn olhou para si mesma, o calor borbulhou sob suas bochechas. O que ela estava vestindo? Uma calça jeans, uma camiseta velha e um par de tênis. Nos últimos dias, ela trocou seu traje de negócios e preferiu se vestir para o conforto. Pelo menos não havia buracos em seus sapatos.

Talvez se ela se afastasse da porta, eles não a veriam. Ela enfiou o cabelo comprido na jaqueta e seguiu na direção oposta, descendo o shopping center. Ela entraria em uma loja, esperaria alguns minutos para garantir que eles tinham ido embora e iria para casa, onde ela pertencia.

Assim que ela alcançou a porta de Janice, Anna a chamou. "Caralyn, aí está você!"

Caralyn se virou, plantando um sorriso falso no rosto. “Anna? Eu não sabia que você viria tão cedo. A quanto tempo você está aqui?”

“Um tempo, eu acho.” ela disse.

Ela e Bobby trocaram um olhar que fez a pele de Caralyn arrepiar. Ele enfiou as mãos nas calças azul marinho e não encontrou o olhar fixo de Caralyn. O fato de ele ter se vestido para Anna fez o ciúme queimar profundamente dentro dela.

“Estávamos indo jantar. Quer se juntar a nós?" Bobby perguntou. Ele teve a decência de parecer nervoso.

Não em sua vida. Eles não tinham acabado de falar sobre ela odiar a posição da terceira roda? Ela balançou a cabeça e abriu a porta de Janice. “Eu tenho planos com meu amigo. Talvez outra hora."

"Que tal amanhã à noite?" Bobby disse. "Anna pode não ficar aqui por muito tempo, e seria bom para nós ficarmos juntos como nos velhos tempos."

A boca de Anna se contraiu, mas Bobby permaneceu impassível. Quando eles continuaram a olhar e esperar que ela respondesse, ela se sentiu desamparada e patética, assim como na faculdade. "Tudo bem." ela forçou. "Te vejo amanhã."

Inferno!

Ela abriu a porta e escapou para dentro antes que eles pudessem comprometê-la com qualquer outra coisa.

Tão burra! Ela encostou a cabeça na parede e desabou contra ela. A sala quente e cheirosa fez pouco para acalmá-la como tinha feito no início do dia.

"Você se esqueceu de algo?" Janice perguntou, saindo da sala dos fundos.

Caralyn espiou pela esquina para olhar pela porta de vidro e ver Bobby e Anna ainda parados do lado de fora conversando. Ela balançou a cabeça e se escondeu no canto novamente. "Posso descansar aqui um minuto?"

Janice olhou para a janela e entrou em ação. "Pode apostar. Deixe-me encerrar por hoje.” Ela mudou seu sinal de aberto para fechado, trancou a porta e levou Caralyn para a sala dos fundos. Enquanto preparava duas canecas de cidra

instantânea quente, Caralyn mexeu nas alças da bolsa e manteve o foco no chão.

- “Sei que você costuma ser cautelosa.” - disse Janice, tirando sua atenção do chão - “Mas prometo ser uma ouvinte que não julga. Quando você veio hoje, tive a sensação de que estava preocupada, mas parece muito mais preocupada agora. O casal lá fora tem algo a ver com isso?”

Sua voz acariciou as partes atormentadas da mente de Caralyn e suavizou as profundas cristas de seu coração. Uma estranha chata ontem, mas hoje um herói.

"Sim?!" A voz de Caralyn saiu como um guincho quando ela se jogou no sofá.

Janice entregou-lhe uma caneca de cidra e juntou-se a ela no lado oposto. “Tive minha cota de amor e perda em minha vida e quero que saiba que aqui é um lugar seguro para você compartilhar. Não há pressa."

Caralyn tomou um longo gole de sua bebida quando uma janela para seu coração se abriu, permitindo que Janice entrasse. Pela primeira vez, Caralyn contou tudo, começando com seu relacionamento com Bobby, a morte de sua mãe, até mesmo suas recentes visitas fantasmagóricas. Foi a primeira vez que ela contou tudo a alguém.

Houve uma longa pausa depois que ela mencionou fantasmas. "Então é disso que se tratam os sais de banho e por que você parece tão cansada."

Ela colocou sua caneca na mesa de centro na frente dela. "Espere, então você acredita em mim, Janice?"

Janice deu de ombros e tomou um gole de sua bebida. “Em primeiro lugar, me chame de Jan, agora que conheço você um pouco mais. E claro, acredito que uma visita fantasmagórica seja possível. As pessoas são tiradas desta terra o tempo todo, antes de terem tempo de fazer as pazes. Por que alguém do seu passado não poderia te atormentar para mudar?"

"Mudança." A palavra tinha gosto azedo saindo de sua boca. “Estou pronta para os meus sonhos irem embora. Se eu não fizer o tipo certo de mudanças em minha vida, serei assim para sempre.”

Jan bateu em sua bochecha. “Do *que você* gosta de quem você é?”

“Eu tento não sentar o tempo suficiente para pensar sobre isso.”

Janice ergueu uma sobrancelha e colocou sua bebida na mesa de centro. "A única maneira de fazer esses fantasmas irem embora é admitindo que há um problema e tomando medidas para resolvê-lo."

"Bem, eu adorava o Natal, Bobby gostava de mim na faculdade e fui muito dura com meu pai por seguir em frente."

"Você gosta de Bobby mais do que como um amigo?"

Ela sabia que a pergunta viria e, embora o pensamento tivesse cruzado sua mente, ela não se permitiu questionar. “Se eu perder Bobby para Anna, vai doer. Me assusta dar um passo em outra direção com ele, mas agora que Anna está aqui, está claro que nada vai acontecer.”

"Há quanto tempo ela está aqui?"

Caralyn recostou-se no sofá. Era um daqueles marrons velhos e esfarrapados que se encaixavam com suas costas e a sugavam. Em vez de lutar, ela se deixou envolver. "Eu não sei. Sua conferência é em alguns dias, mas parece que ela tem planos de ficar mais tempo. Eles querem que eu vá jantar com eles amanhã à noite."

Jan franziu as sobrancelhas. "Para quê? Isso está apenas aprofundando a faca."

Quanto mais tempo Caralyn passava com Jan, mais gostava dela. "Exatamente. Eu disse a eles que vou."

"Não se sinta mal por isso. Você não tem nenhuma obrigação. É cruel ele até sugerir isso. Achei que Bobby fosse melhor do que isso. Ou se você for, vá com toda a intenção de ganhar a atenção dele. Porque se você não fizer isso, há uma boa chance de você perder a oportunidade com ele."

Mesmo que ganhar sua atenção parecesse uma tarefa impossível e assustadora, a ideia de vê-lo com outra pessoa era ainda mais assustadora.

Na hora em que saiu da rodovia, pegou um hambúrguer com batatas fritas e comeu a caminho de casa. Ela correu para dentro com seu lixo e sais de banho nas mãos.

Depois de colocar o roupão, ela se trancou no banheiro. Sua velha banheira de ferro fundido não era elaborada de forma alguma, mas era grande o suficiente para que ela pudesse se esticar. Ela abriu a água bem quente, despejou a amostra inteira e mergulhou na água fumegante.

Como o aquecedor não estava ligado, a água quente picou dolorosamente e então aqueceu sua pele gelada. Ela relaxou contra a parte de trás da banheira e fechou os olhos. Se isso funcionasse, ela estava no caminho certo para se livrar de seu fantasma irritante e sedutor.

Quatorze

Caralyn abriu os olhos e olhou ao redor. O sol entrava pela janela de seu quarto, cortando sua visão. Ela olhou para o relógio e gritou. "Funcionou! Fora Bobby fantasma!”

Seria um bom dia, ela teria certeza disso. Ela tomou um farto café da manhã de panquecas e bacon para manter as forças, tomou banho e correu para o trabalho.

Não havia visco esperando por ela, então ela respondeu e-mails, fez novos anúncios e preparou etiquetas de envio. Ela trabalhou duas horas inteiras antes de ver Jan estacionar seu carro a algumas vagas do dela. Ela fez de tudo para não correr para a loja de Jan quando ela abriu.

Jan riu enquanto destrancava a porta e deixava as duas entrarem. - “Acho que os sais de banho resolveram.”

Ela entrou na frente de Jan e pegou a grande garrafa de sais roxos. O preço não era mais tão assustador. Vale cada centavo. “Nenhum sonho noite passada. Não tenho certeza do que aconteceu, mas vou aceitar. O sono extra foi incrível.”

“Estou feliz, mas não descarte o fato de que você se abriu com um perfeito estranho ontem. Isso tem que contar para alguma coisa.”

Caralyn balançou a garrafa distraidamente enquanto refletia sobre as palavras de Jan. “Confesso que foi estranho me abrir com você ontem, mas você está certa. Eu me senti

mais leve quando voltei para casa. Bem, se isso me der uma boa noite de sono, estou disposta."

Jan a acompanhou até o caixa e registrou sua compra. "Você decidiu se vai jantar com eles hoje à noite?"

Caralyn encolheu os ombros. Durante toda a manhã, ela havia debatido em ligar para Bobby para cancelar, mas não tinha motivo para não ir. “Não sei se devo ir. Talvez eu os deixe pendurados e não apareça.”

“Bem, faça o que fizer, eu te apoio. Pergunte a si mesma: você será capaz de viver sem Bobby em sua vida?”

A pergunta a encheu de pavor e mais perguntas. Ela fez uma careta. “Você me faz pensar muito. Eu não vou voltar por um tempo.”

Jan riu e a acompanhou até a porta. "Tenha um bom dia no trabalho."

“Hum, eu só queria pedir desculpas. . . pelo outro dia."

“Agradeço o pedido de desculpas. É bom finalmente conhecer quem você realmente é.”

Caralyn mudou sua bolsa de sais de mão em mão e assentiu. "Você é muito perceptiva, sabe?"

Jan ainda estava rindo enquanto Caralyn voltava para o escritório, pronta para enfrentar o que quer que acontecesse pelo resto do dia.

Um monte de visco estava esperando por ela. Bobby o trouxe? Não havia nenhum recado, e Bobby disse que tiraria alguns dias de folga quando Anna chegasse. Para se distrair, ela se manteve ocupada checando e-mails e atendendo os pedidos mais antigos primeiro. Muitas vezes aquele maldito

garoto sulista deslizou em sua mente como um verme em uma maçã. Ela mentalmente o afastou, mas os pensamentos dele em seus jeans apertados continuavam voltando. Finalmente, ela desistiu de evitá-lo e ligou para a fazenda para ver quem trouxera a carga.

“Eu trouxe porque Bobby está de folga durante o dia.” Marco disse quando ele atendeu. "Ele está planejando voltar amanhã."

Depois de agradecer, ela desligou com um suspiro.

Droga!

Ela continuou a trabalhar, tentando não pensar no que ele estava fazendo com Anna. Depois de atender a todos os pedidos e o dia passar em uma calmaria, ela agarrou uma braçada de restos de visco e uma tesoura e fita adesiva. Era hora de garantir que Bobby não a visitasse esta noite também. Se abrir-se para Jan fizera diferença na noite anterior, valeu a pena fazer uma boa ação.

Quando ela se aproximou da porta da lojinha, viu Jan dentro com um cliente. Perfeito. No momento em que Jan a notou na janela e saiu, metade da vitrine estava envolta em visco.

"É lindo." disse Jan, juntando-se a ela do lado de fora. Sua voz saiu em pequenas lufadas de ar fresco. "Obrigada. Quanto eu devo a você?"

"Nada. Eu devo a você pelas muitas vezes que você me fez pão.” Caralyn mordeu o lábio, lembrando-se da última vez que jogou o pão de Natal no lixo. "Posso ser honesta?"

"Claro."

Caralyn respirou fundo. "Eu nunca experimentei o seu pão."

"Mas eu..."

"Eu sei." Caralyn a interrompeu. "Eu realmente sinto muito. Eu nunca tentei. Se você não percebeu, não estou muito aberta a novas pessoas ou ideias."

Os olhos de Jan se ergueram. "É um grande passo reconhecer isso."

Uma pontada desconfortável se espalhou por ela como uma haste de rosa espinhosa. O tempo de compartilhar acabou. "De qualquer forma, eu quero dizer que sinto muito e me arrependo de nunca ter dado uma chance."

"Você *gostaria* de tentar? Posso fazer um lote hoje à noite. "

Ela ergueu uma sobrancelha. "Realmente? Você faria isso?"

Sua nova amiga acenou com a cabeça, mas antes que qualquer um deles pudesse falar, Bobby e Anna pararam e estacionaram na frente deles.

"Nossa." Caralyn disse. "O que eu digo?" Seus nervos embrulhados em nós enquanto ele descia do carro.

"Ei, vocês duas." disse Bobby, juntando-se a elas do lado de fora da loja de Janice. "O que está acontecendo?"

Apesar de seus impulsos internos lhe dizendo para ignorá-los, Caralyn sorriu brilhantemente e se voltou para a janela. "Ajudando Janice com suas decorações." *Bom trabalho, Caralyn.* Ela mentalmente deu tapinhas nas costas e sorriu para seu reflexo. A roupa dela estava um pouco melhor do

que no dia anterior. Calça social e um moletom velho que Bobby comprou para ela no aniversário dela. Um novo guarda-roupa estava em ordem, mas a velha lembrança era uma boa carta para jogar.

Quando ela se virou para pegar o próximo pacote que deixou no chão, Bobby se afastou de Anna e a ajudou com o outro lado da janela. Ela deu a ele um sorriso de apreciação. "Obrigada."

Seus olhos brilharam e ele sorriu de orelha a orelha. "Não é nada demais."

Ela olhou no reflexo da janela para ver Anna atrás dela, os braços cruzados, com uma expressão inquieta. Boa. As coisas iam ficar difíceis. Ela sabia o que precisava fazer agora.

Quando ela terminou de prender o visco, ela se virou. “Vejo vocês dois esta noite. Vou trazer Janice como minha acompanhante.” Caralyn enroscou o braço no de Jan e olhou em sua direção.

"Oh, isso parece divertido." disse Jan, dando-lhe uma piscadela. "Tem certeza de que está tudo bem comigo acompanhando?"

Se Anna não estava bem com o novo plano, Caralyn sabia que ela era muito respeitosa para dizer isso. "Quanto mais melhor. Certo, querida?" Ela enfiou o braço no de Bobby, sacudindo a nova confiança de Caralyn.

"Certo." Bobby retribuiu o sorriso, então retirou seu braço e terminou de prender seu lado do visco. "Vamos nos encontrar com vocês dois lá."

Não havia como recuar agora.

Depois do trabalho, ela planejou se encontrar no carro de Jan, fazer uma pequena farra de compras e acompanhar o. . . casal em uma churrascaria algumas horas depois.

"Pronta para ir?" Jan perguntou enquanto ela trancava durante a noite. “Eu conheço o melhor lugar para encontrar as roupas mais fofas.”

"Sim." Caralyn havia transferido uma grande quantia de dinheiro para sua conta de débito para fazer alarde. Já era hora, seu armário precisava de uma atualização. "Eu vou te seguir lá."

Quando Jan a levou a uma parte desconhecida da cidade, Caralyn ficou cética, mas depois de encontrar algumas calças novas, jeans e um vestido preto rendado com mangas compridas, as coisas estavam melhorando. Ela encontrou um lindo par de botas, um par de sapatos de salto da moda preto, bronze e marinho e alguns acessórios para combinar.

"O que devo vestir esta noite?" Caralyn perguntou a Jan antes de voltar para sua própria casa para se trocar.

Sua nova amiga bateu na lateral de sua bochecha com um dedo e girou as chaves com o outro. Um sorriso malicioso apareceu em seu rosto. “O vestido e as botas pretas. Isso vai deixá-lo de queixo caído.”

Mesmo depois de um banho rápido e uma simples troca de roupa, Caralyn chegou ao restaurante dez minutos mais cedo. Depois de reservar uma mesa, seus saltos bateram no

chão, emitindo um ruído agudo de impaciência. Ela estava uma pilha de nervos, e nem era *seu* par.

"Você está nervosa?" Ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Ela olhou para cima e viu Bobby vestindo uma calça bege e uma jaqueta esportiva combinando. Ele usava uma gravata estampada preta que combinava perfeitamente com o vestido dela. “Você sempre bate os pés no chão quando está preocupada.”

Era importante que ela demonstrasse uma atitude confiante. Ela se levantou e sorriu. "Um pouco, eu acho."

Quando ela se levantou, ele deu uma olhada, do rosto maquiado aos sapatos novos. Ele assobiou e levou o punho à boca. "Você está maravilhosa. Acho que precisamos conversar sobre...”

- “Aí está você.” - disse Anna, interrompendo a inspeção de Bobby. Seu rosto estava agitado, suas bochechas rosadas. “Nós poderíamos ter vindo juntos. Eu estava apenas alguns segundos atrás de você."

Caralyn ergueu uma sobrancelha. Eles não haviam dirigido juntos? E o que ele estava prestes a dizer? Eles precisavam conversar sobre o quê?

Anna olhou para Caralyn e deu uma daquelas risadas falsas irritantes que fez Caralyn querer socá-la. "Acabei de receber as chaves do apartamento para estadia prolongada, ou então teríamos dirigido juntos."

Isso chamou sua atenção. "Estadia prolongada? Achei que você estava aqui para uma conferência.” As palavras saíram mais duras do que ela pretendia.

- “Estou, mas você não esperava que eu deixasse Bobby na época do Natal, esperava? Preciso de tempo para convencê-lo a se mudar para casa.”

Caralyn congelou. Não! Já?

“Não estamos namorando e não vou a lugar nenhum.” disse Bobby, dando um passo à frente.

“Ainda.” Anna adicionou um segundo depois.

Logo Anna o convenceria a voltarem a ficar juntos, e então ele empacotaria tudo e a deixaria. A fazenda iria falhar e ela ficaria sozinha para sempre.

Anna continuou, ficando mais animada, completamente inconsciente da crise mental de Caralyn. “Eu tenho que ficar por aqui e ter certeza de convencê-lo de que voltar para a Geórgia é a melhor ideia.”

Os olhos de Bobby brilharam para Caralyn quando uma sensação de aperto no estômago se instalou. Ele realmente não iria embora, iria? “Ela só está falando. Eu disse a ela que ainda não estava pronto para me mudar.”

Ainda? Então, ele *tinha* considerado. Era apenas uma questão de tempo antes que ele continuasse de onde havia parado com Anna. Teria menos tempo do que ela pensava.

Caralyn enroscou o braço no dele e passou a mão em seus músculos. “É melhor eu fazer nosso tempo juntos durar então. Essas árvores não vão ser colhidas sozinhas.”

Seu olhar caiu para o chão, e ele franziu a testa.

Árvores? Por que ela mencionou o trabalho? Seu flerte precisava de algum *trabalho.*

Anna não parecia animada com sua sugestão enquanto enfiava o braço no braço livre de Bobby. “Sim, eu sei o quão duro você trabalhou com ele no passado. Mais como uma feitora de escravos, certo? O tempo dele seria melhor gasto na fazenda do que pegando suas compras e consertando seu carro velho.”

Ele *disse a* ela? Ela tentou capturar seu olhar, mas não estava funcionando. Com razão, ele parecia envergonhado, mas não era nada comparado à culpa crescendo dentro dela. Caralyn deixou cair o braço e respirou através da dor que se espalhava por seu peito. Ela confiou muito em sua ajuda, mas ele realmente sentia que ela se aproveitou dele? Ela mordeu o canto do lábio e se afastou dele. Por que ele não a enfrentou?

"Desculpem pelo atraso." disse Jan, aproximando-se furtivamente de Caralyn - apenas quatro minutos atrasada. Ela lançou um olhar preocupado em sua direção.

Caralyn engoliu o caroço impossivelmente grande em sua garganta e acenou com a cabeça em direção ao banheiro. “Nós já estaremos de volta. Vá em frente e sente-se, e nós o encontraremos em um minuto. Só preciso ir ao banheiro feminino.”

Jan ergueu uma sobrancelha, mas a seguiu em silêncio até o banheiro.

Depois de fechar a porta, Caralyn se virou e segurou seu rosto. “Eu não posso voltar lá. Isso foi humilhante.”

Jan pegou as mãos de Caralyn e a conduziu até a parede lateral, onde ficariam fora do caminho. Caralyn transmitiu a conversa para ela.

“Eu não posso acreditar que ele está falando com ela sobre mim. Se ele estava incomodado, por que não disse algo?"

Jan concordou. “Talvez ele seja o tipo de cara que serve outras pessoas com motivos puros e não se preocupa com as outras coisas. Pode ser que ele tenha falado com Anna sobre você para enviar uma mensagem clara, e ela distorceu as coisas. De qualquer forma, não devemos nos juntar a eles.”

Seu coração se elevou com a ideia de escapar. "Você concorda?"

Jan deu um tapinha nas costas dela. “Vamos lá, meu estômago está roncando. Vou levar você para jantar."

Depois de enviar a Bobby uma mensagem rápida dizendo que ela não estava se sentindo bem, ela e Jan seguiram em carros separados para um novo restaurante chinês. Eles estavam sentados e ordenados antes de Caralyn iniciar a conversa. “Então me fale sobre você. Você tem filhos? Um marido? Tenho vergonha de dizer que não sei muito sobre você.”

“Eu fui casada uma vez, quando saí do colégio. Nunca fui para a faculdade, mas me mantive ocupada, administrando seu negócio de encanamento. Isso me ajudou a colocar minha própria loja em funcionamento. O varejo é um negócio difícil. Tenho certeza de que a maioria das suas vendas também são online.”

Caralyn assentiu.

Jan encolheu os ombros. “As marés estão mudando e você tem que abandonar o navio ou se segurar. Decidi aguentar mais um pouco, mas quem sabe aonde meu navio vai me levar. Antes de morar aqui, John e eu nos mudamos pelo mundo. Quer dizer, há banheiros por toda parte. Não ajudou muito os negócios parar e começar tantas vezes, mas nós superamos os pontos difíceis juntos.”

A curiosidade dominou Caralyn e ela finalmente perguntou sobre o marido de Jan. "Onde está o John?"

“Oh, ele morreu alguns anos atrás. Foi quando parei de me mudar. Estávamos morando na Flórida na época. Ele gostava do sol e morreu de câncer de pele com melanoma.”

Instintivamente, Caralyn se inclinou para frente. "Eu sinto Muito. Minha mãe morreu de câncer de pulmão quando eu estava na faculdade. Lamento que você também tenha passado por isso.”

“Obrigada, querida.” ela disse, seus olhos brilhando com lágrimas. “Tínhamos uma boa vida juntos. Ele não podia ter filhos, e nós nunca adotamos, então eu me arrependo disso, mas tento viver cada dia para ele, me certifico de não dar por garantido o tempo que ainda tenho, sabe?”

A compreensão a invadiu e depois se arrependeu. Para alguém que odiava o desperdício de qualquer forma, Caralyn com certeza tinha perdido os últimos quatro anos sendo amarga por algo que não podia mudar. Ela queria honrar a memória de sua mãe, não usá-la como arma contra ela e os outros.

"Eu gostaria de ter me aberto para você antes."

Os olhos da mulher brilharam e ela cobriu uma das mãos de Caralyn. "Obrigada por dizer isso."

Enquanto Caralyn voltava para casa naquela noite, ela se sentiu mais leve do que nunca. Talvez esses sonhos não fossem tão ruins, e era hora de ela tirar sua vida pelas rédeas.

Quinze

Embora Caralyn tenha tomado um banho longo e agradável depois de sair com Jan, isso não impediu que Bobby fantasma a visitasse. “Achei que estava melhor.” ela suspirou ao acordar e vê-lo encostado na cama ao lado dela.

Ele sorriu. "Você merecia uma noite de folga."

“Isso significa que estou progredindo?”

Ele deu um breve aceno de cabeça. "Um pouco. Mas temo que as memórias desta noite possam atrasá-la. Preciso que você seja forte e, quando estiver sofrendo, tente se voltar para as pessoas que ama, em vez de ignorar sua dor.”

Caralyn endireitou o corpo, suando frio. Isso não soou bem. “Eu não quero, Bobby. Posso mudar sem ver isso novamente. Por favor, eu não posso.”

Apesar de seus protestos, em segundos, Bobby fantasma tocou sua mão e levou Caralyn até a cama de sua mãe, onde seu pai estava ajoelhado. O rosto de sua mãe estava pálido e ela mal conseguia levantar a cabeça para falar.

“Por favor.” sua mãe disse, sua voz um sussurro doloroso. “Fique perto de Caralyn. Ela pode afastar você por um tempo, mas não desista dela.”

A garganta de Caralyn se apertou. Então é por isso que ele a seguiu até a Califórnia. Quando ele ligou para dar a notícia, ela gritou com ele para começar uma vida e desligou

rudemente na cara dele. Apesar de sua irritação, ele continuou a ligar e mantê-la atualizada sobre sua vida.

“Eu prometo que não vou deixá-la.” ele finalmente disse.

As lágrimas turvaram sua visão.

"E também, você não pode deixar Caralyn viver sem uma mãe." Uma lágrima escorregou pelo rosto frágil de sua mãe. "Uma garota precisa de uma mãe."

O pai chorou, concordou com a cabeça e enterrou a cabeça no colo dela enquanto ela passava as mãos pelos cabelos.

Caralyn levou a mão ao estômago enquanto o jantar gorgolejava e lutava para escapar. Bobby fantasma pegou a mão dela e apertou.

“Ele nunca se permitiu seguir em frente.” Ghost-Bobby disse em uma voz suave que ainda a fez pular. A culpa destruiu sua mente e ela implorou que ele a devolvesse ao presente.

"O presente. Sim.” Bobby fantasma disse. "Veremos isso em breve."

Ele esfregou o polegar em sua palma, enviando-os para uma área gramada que era terrivelmente familiar. Um soluço ficou preso em sua garganta enquanto ela olhava para a lápide de sua mãe. Um pequeno grupo se reuniu para sepultar sua mãe, mas ninguém com quem ela se importasse. Bobby não foi capaz de fazer isso, e Caralyn sentou-se curvada em sua cadeira, uma sombra de quem ela era.

"Eu estava tão brava com você por não ter vindo." Sua voz se apertou quando a emoção agarrou sua garganta.

Bobby fantasma não olhou nos olhos dela. "Não havia como evitar."

Depois de um funeral acelerado, ela foi deixada sozinha na fileira de cadeiras enquanto as pessoas apresentavam suas condolências a seu pai. Seu coração doeu ao se ver tão vulnerável e fraca.

Depois de um tempo respeitável, ela fugiu de cena, com a mentalidade de arrumar suas coisas, voltar para a faculdade e nunca olhar para trás.

“Foi nesse dia que saí de casa. Eu me formei no semestre seguinte e deixei a Geórgia para sempre.”

Bobby fantasma acenou com a cabeça e continuou a assistir enquanto os frequentadores do funeral saíam em seus carros e corriam para casa para seus entes queridos.

"Não é hora de sairmos também?"

Bobby fantasma balançou a cabeça e adiantou o tempo. Só o pai dela estava lá, uma mão no caixão, a outra no coração. Enquanto ele chorava, seu peito se apertou e as lágrimas escorreram por seu rosto sem sua permissão.

"Ele a amava." disse ela, enxugando o rosto. "Não havia nenhuma dúvida sobre isso."

Um carro parou e Bobby saltou, indo para o topo da colina onde sua mãe estava enterrada. Seu coração bateu forte quando ele caminhou até seu pai, parecendo mais desgrenhado do que ela já o tinha visto. Um lado da barra da camisa estava solto ao lado do corpo, e ele nem se importou com a gravata.

“Desculpe pelo atraso.” Bobby ofegou, com as mãos nos joelhos enquanto recuperava o fôlego. Depois de se recompor, ele olhou ao redor do terreno vazio. "Ela está aqui?"

Seu pai balançou a cabeça e soluçou em suas mãos. “Ela estava fazendo as malas esta manhã, provavelmente voltando para a faculdade agora. Eu não posso perdê-la também.”

Bobby assentiu. - “Não vou deixá-la, senhor. Eu prometo."

Seu pai pegou a mão de Bobby e deu um tapinha nela. “Você não pode dizer a ela como se sente, filho? Ela é a única que não sabe.”

Bobby passou a mão pelo cabelo. "Estou com alguém agora."

Abaixando as mãos, seu pai olhou para ele. “Você está me dizendo que pode viver sem ela? Se ela se afastar de nós para sempre, você está bem com isso?"

A cena desapareceu antes que ele pudesse responder, e Bobby fantasma a levou para casa. O nó na garganta de Caralyn cresceu e se tornou tão grande quanto uma bola de boliche enquanto ela o estudava. "Você veio?"

Ele fungou e acenou com a cabeça.

"E você está comigo agora porque papai disse para você me seguir?" Quando ele não respondeu, as paredes ao redor de seu coração tremeram e racharam no meio.

Ela se sentou na cama e puxou os joelhos contra o peito. "Por que você não me disse que esteve lá?" ela disse, encontrando os olhos de aço de Bobby fantasma. “Não me lembro de você me perseguindo, ficando ao meu lado. Na

verdade, você não voltou das férias noivo de Anna?” Quando ele não respondeu, o nó em sua garganta se expandiu e ela choramingou. "Você desistiu dela por mim?"

Caralyn fechou os olhos e soluçou nas mãos. Quando ela levantou a cabeça novamente, ela estava sentada sozinha na escuridão. Ela correu para o interruptor de luz enquanto lágrimas quentes nadavam por seu rosto em fluxos pegajosos. Um grande peso pressionou seu peito e ela não conseguia respirar. Ela engasgou e tentou tomar algumas respirações calmantes para desacelerar sua frequência cardíaca. Seu coração batia perigosamente em seus ouvidos, oprimindo seus sentidos. Sem pensar, ela agarrou as chaves e correu para a porta.

O carroo não estava indo rápido o suficiente. Eram duas da manhã, mas os carros voavam ao seu redor até a casa de Bobby, mantendo sua adrenalina bombeando por ela, recusando-se a deixá-la parar.

Ela mal teve tempo de estacionar a caminhonete antes de desligar o motor e correr para a porta da frente. Ela tentou abrir a porta, mas é claro que estava trancada. Maldito seja suas medidas de segurança. Ela bateu de novo e correu para a porta lateral da garagem. Depois de bater na porta uma vez, seu transe pareceu quebrar e ela voltou para sua caminhonete. A porta da frente se abriu assim que ela agarrou a maçaneta. Bobby perscrutou a escuridão. Ele deu alguns passos antes de vê-la, de pijama e robe.

“Caralyn? O que está errado? Você está bem?" Bobby entrou na luz para vê-la.

O que ela estava fazendo lá? Ela choramingou algumas vezes e segurou o peito, dando tapinhas para parar a queimação intensa sob sua pele. Quando ela não respondeu, ele abriu os braços e gesticulou para que ela se aproximasse.

Sem hesitar um segundo, ela correu para ele. Seus braços quentes e protetores a pegaram, segurando-a com força pela cintura. Depois de um minuto, ele ergueu o queixo dela para que ela encontrasse seu rosto.

"O que foi?" Sua voz era um sussurro, mas ainda a sacudiu.

"Você foi ao funeral?" Sua voz saiu como um guincho.

Suas sobrancelhas se juntaram em confusão. "Você já tinha saído, mas sim, eu fui."

"Você ficou noivo em sua viagem?"

Seus olhos se arregalaram. "Como você..."

Ela deu um passo para trás, colocando algum espaço entre eles. “Alguns meses depois do funeral, você terminou com Anna e me seguiu para a Califórnia. Você desistiu dela por mim? Para manter a promessa que você fez ao meu pai de cuidar de mim?"

Sua boca abriu. “Eu não sei de quem você ouviu isso, mas você entendeu tudo errado. Não deixei Anna por causa da promessa que fiz.”

"Você não fez?"

Ele deu um passo a frente com ela, tão perto que ela podia sentir sua respiração em seu rosto. Seu cheiro a envolveu quando ele empurrou sua testa contra a dela, e sua

preocupação a invadiu. "Eu tentei te tirar da minha cabeça, mas não consigo."

O silêncio era eletrizante, e cada segundo marcava a lacuna clara entre eles. Ele abaixou a cabeça e segurou o rosto dela com suas mãos grosseiras e maravilhosas. A parte racional dela gritou para ele parar, que esta estrada que eles estavam seguindo arruinaria tudo. A outra parte física dela fechou os olhos e se virou para beijar seus dedos.

Ela abriu os olhos, chocada com o que acabara de fazer. A surpresa passou por sua expressão enquanto os lábios dela continuavam a pressionar contra sua mão. Seus impulsos reprimidos estavam lutando ao mesmo tempo, libertando-se das faixas que estavam segurando no lugar.

Ele avançou em direção ao rosto dela, e quando ela não se afastou, ele fechou a lacuna entre eles e pressionou seus lábios macios nos dela, uma, depois duas vezes, enquanto ela enganchava os braços atrás do pescoço dele e o puxava para mais perto.

Tudo sobre a sensação da boca dele contra a dela, seus dedos acariciando seu rosto e movendo-se em sua linha do cabelo, como seus corpos se encaixavam perfeitamente, era exatamente como ela tinha imaginado.

Suas paredes se separaram e o amor inundou seu coração. Ela engasgou e soltou Bobby para segurar seu peito.

"O que está errado?" ele disse, puxando-a para si novamente.

“Não faça isso. Por favor." Cada palavra foi dura de pronunciar.

Suas mãos caíram e ela deu um passo até que suas costas bateram na caminhonete. Ela não podia fazer isso, não até ter certeza.

"Você não pode ir assim." Sua voz falhou quando ele deu um passo em sua direção. "Nós precisamos conversar. Por que você saiu do restaurante?”

“Eu não deveria ter vindo. Sinto muito, Bobby. Podemos conversar sobre isso amanhã?”

Antes que ele respondesse, ela se virou, entrou e ligou a caminhonete. Ele ainda estava vindo em sua direção quando ela saiu da garagem, batendo descontroladamente e quebrando galhos ao sair.

Só quando estava a uma distância segura, ela parou e recuperou o fôlego. Ela acordou uma fera adormecida. Agora, o que diabos ela iria fazer?

Dezesseis

Ela não tinha certeza de como ela voltou para casa através de todas as lágrimas salgadas que embaçavam sua visão. Quando ela conseguiu ir para a cama, eram quase quatro da manhã e não havia como voltar a dormir. Não depois do que ela fez. Em vez de tentar descansar, ela tomou banho, vestiu-se para o dia e sentou-se em sua cadeira de balanço até pensar no que diria a Bobby no trabalho.

Foi um erro. Ela estava excessivamente cansada, e depois de ter um pesadelo com a morte de sua mãe e ver Bobby permanecer fielmente ao seu lado em um grande sacrifício pessoal, ela se virou para ele em um momento de fraqueza.

Quando era uma hora aceitável, ela dirigiu para o escritório e se enterrou no trabalho. Desde a publicação de novos anúncios até a organização de devoluções para festas de Natal, ela se manteve ocupada.

Bobby não apareceu naquele dia. Em vez disso, Marco entregou um monte de visco e disse a ela que Bobby passaria o dia no campo.

"Por que ele disse isso?" ela perguntou, irritada porque ele estava atrasando a conversa.

"Algo sobre dar espaço a você." disse Marco, esfregando a nuca.

Não foi culpa de Marco. Ela contraiu os lábios, agradeceu-lhe a carga e sentou-se no chão enquanto ele

escapava da sala. Ela suspirou e puxou seu telefone. Se ele não fosse enfrentá-la, ela teria que enviar uma mensagem para ele. Afinal, eles trabalhavam juntos e se envolver em um relacionamento com um funcionário não era bom para os negócios.

'Sinto muito pela noite passada. Falta de sono e um sonho com o funeral de minha mãe não foram uma boa combinação, e eu não deveria ter ido lhe pertubar. Obrigada por estar ao meu lado naquele momento, mas acho melhor voltarmos ao normal.'

Ela enviou o texto e depois o releu até que as palavras ficaram borradas em sua visão. Ela era uma covarde. Era só isso. Levou anos para eles voltarem ao normal, e agora, quando as coisas estavam confortáveis novamente, ela não queria bagunçar.

Ela havia embalado três pedidos quando ele respondeu.

'Ok.'

Ela não deveria ter esperado mais, já que era ela quem estava puxando seus sentimentos, mas ela esperava. Onde estava seu caminho habitual para conseguir o que queria? Ou talvez ele tenha concordado que foi uma decisão estúpida e ele ficou grato por ter deixado para lá. Seu habitual e agradável silêncio a irritava.

Quando ela estava prestes a desistir de vê-lo, Bobby abriu a porta do escritório com uma caixa de enfeites nas mãos.

Bobby ergueu a caixa. "Achei melhor tarde do que nunca." disse ele com um sorriso travesso nos lábios.

Arcos e fitas de cores vivas saíam da caixa. Caralyn balançou a cabeça. “Não, não agora, nem nunca! Não quero ver mais vermelho e verde do que o necessário.”

Suas mãos roçaram quando ela o empurrou de volta para a porta. Um choque percorreu seus dedos e ela deixou cair a mão.

“Você me beijou 'acidentalmente'”. disse ele. “Isso significa que posso opinar sobre o que acontece no escritório.”

“Você contribuiu.” ela disse, girando enquanto o calor enchia seu rosto. Não era assim que ela imaginava que falariam sobre isso. Em vez de rodeios, ele foi direto para o coração dela.

“Sim, eu fiz, e eu tomo posse total. Você?" Sua voz parecia forçada, nem um pouco o alegre Bobby que ela conhecia.

“Tudo bem.” ela finalmente disse, dando um passo para trás. "Basta fazer do lado de fora para que eu não tenha que ver enquanto trabalho."

"Vai servir." disse ele, como se ela tivesse uma palavra a dizer sobre o assunto. Então ele escapou pela porta da frente sem outra palavra.

O escritório parecia estranhamente reconfortante, sabendo que Bobby estava a apenas alguns passos de distância. Ele aparecia ocasionalmente para obter mais fita ou barbante. Em vez de sair para criticar seu trabalho, ela embalou cada caixa com cuidado e sorria sempre que um novo pedido chegava. Os pedidos estavam mais estáveis do que no ano anterior e, no final do Natal, haveria muito dinheiro para distribuir por todo o ano e até para ampliar o pomar. Marco

pediu algumas coisas para o vinhedo e Rita expressou interesse nos vinte acres ao lado deles. Seria um investimento inteligente.

"Tudo feito." disse Bobby, espiando a cabeça, mas sem encontrar os olhos dela. “Quer vir ver?”

Não. "OK."

Ela agarrou sua bolsa e saiu para o estacionamento antes de olhar para trás. Ele tinha embrulhado com bom gosto as janelas e a porta com visco e fitas. Um grande laço vermelho estava na porta junto com neve pulverizada em torno da guarnição. "Bonito."

"Não é? Achei que você gostaria.” Ele empurrou a caixa de decorações e suprimentos dentro da porta e trancou-a. "Você tem planos para o jantar?"

Ela mordeu o lábio, não querendo se esquivar de outro jantar com ele e Anna. “Provavelmente é melhor se não o fizermos. Tenho certeza que Anna não ficaria feliz em saber o que fizemos ontem à noite.”

Ele franziu a testa e deu um passo na frente dela para bloquear o frio. "Sim, e você ainda está evitando o tópico de por que isso aconteceu em primeiro lugar."

Caralyn fingiu indiferença. "Pesadelo?" Ela fez isso como uma pergunta, porque definitivamente ainda era. Por que ela beijou o homem? Isso só trouxe problemas para ela. “Olha, podemos seguir em frente? Foi um acidente e não farei de novo. Concentre-se em Anna.”

"Por que você desistiu do jantar?"

"Eu estava doente, lembra?"

Seus olhos se estreitaram. “Você acha que eu acreditei nisso? Você parecia bem dez minutos antes. Foi o que Anna disse, hein? Ela tende a dizer coisas sem perceber que machuca.”

O que isso importa? Os dois nunca dariam certo e a conversa estava girando em círculos sem sentido. "Ela está aqui para ver você, Bobby, e na noite passada eu atrapalhei."

Alcançando para segurar seus ombros, ele segurou seu olhar. "Nós somos apenas amigos. Ela está confusa sobre o que somos porque ela ainda está me segurando, mas eu não sinto o mesmo por ela.”

"Claro, mas não parece." disse ela, encolhendo os ombros e indo para sua caminhonete. A irritação ondulou sob sua pele fria, e ela precisava ir embora. Certo então. "Vejo você mais tarde."

Ele a perseguiu e segurou as costas de seus braços. “Estou preocupado com você, Urso Carinhoso. Você tem olheiras e sei que não está dormindo bem. Que tal se eu...”

Ela afastou os braços o mais suavemente possível. Ela estava errada e Bobby tinha todo o direito de estar confuso. Foi um erro. “Sinto muito se estou preocupando você, mas estou bem. Tenha uma boa noite, Bobby.”

Depois de comer o último Twizzler e alguns palitos de queijo, ela tomou um banho, na esperança de não ter sonhos. Aconteceu uma vez. A voz de sua mãe fantasmagórica voltou a ela, lembrando-a de que ela iria visitá-la novamente. Porcaria! Quando ela disse que viria? Justo quando ela pensava que as coisas estavam melhores.

Parecia que perderia o controle da escada e despencava em direção ao chão, de cara.

Naquela noite, Bobby fantasma foi até ela. Ela abriu os olhos turvos para vê-lo sentado na beira da cama. "Não! Por que você voltou? Eu não tive o suficiente na noite passada?"

Ele se virou para olhar para ela, um sorriso triste no rosto. "Não se preocupe, minha visita será curta esta noite, e não visitaremos lugar nenhum, exceto as paredes frias desta sala."

"Ei, eu liguei o aquecedor." Ela vinha fazendo um monte de coisas malucas, incluindo permitir que a porta e as janelas de seu escritório fossem decoradas e aumentar o aquecimento à noite.

"Quer dizer, você tornou as coisas suportáveis."

Ela franziu a testa e estudou o fantasma. Mesmo que ele se parecesse com Bobby, ele era mais cruel do que a versão real. Ele suspirou e deu um tapinha na mão dela. “Infelizmente, eu também mudei ao longo dos anos. Eu costumava enfrentá-la mais, mas isso foi antes de acreditar que cada palavra que eu dizia a afastava.”

"Por que você está aqui de novo se não vamos a lugar nenhum?"

Bobby fantasma sentou ao lado dela na cama e chutou o colchão. "Você absorveu muito na outra noite, e eu quero te dar um tempo."

“Se você fosse embora, eu estaria perfeitamente bem. Você interrompendo meu sono é um problema maior."

“É por isso que você foi para minha casa no meio da noite? Porque eu interrompi seu sono?"

Ela abriu a boca e fechou novamente. “Como você sabia disso? Você nem está aqui. Seu corpo real ainda está vivo e decorando meu escritório quando eu não quero.”

Seu sorriso desapareceu. “Eu vi o beijo. Por que você me confundiu assim?"

O coração de Caralyn disparou, e ela olhou para o teto brilhante em vez de para os olhos fantasmagóricos dele. "Eu não sei. Você apareceu no funeral e terminou com Anna para me seguir até aqui. Eu estava presa no momento e não estava pensando.”

Ele colocou a mão em seu joelho. “É isso que você faz com as pessoas que ama? Afastá-los?”

Seu coração recém-libertado batia sob sua pele, ainda sensível. "Amo? Eu não amo Bobby. Somos colegas de trabalho. . . amigos."

“É assim que você quer chamar? Diga-me que você não sente algo quando está perto do meu verdadeiro eu."

Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Eles tiveram vários momentos de conexão nos últimos dias, mas isso não provava nada.

Ele balançou sua cabeça. “Isso prova tudo.”

“Pare de ler minha mente.” ela disse, se afastando da cama e ficando de costas para ele.

“Deixe-me contar um pequeno segredo. Eu nunca mudei.”

Ela se virou e encontrou seu olhar intenso.

“Você ouviu na outra noite. Mesmo quando saí com Anna, você ficou no fundo da minha mente como cola que não cedia. Você foi a razão pela qual cancelei o casamento. Arrumei minha vida e te segui até a Califórnia. Você é a razão pela qual meu presente não pode seguir em frente.”

Cada acusação era um soco em seu estômago. A batida estava ficando fora de controle, balançando dolorosamente contra seu peito agora. Isso não pode ser verdade. Bobby teria dito algo nos quatro anos em que trabalharam juntos.

"Está tudo bem dizer que você sente coisas por mim, coisas que você sentiu no passado." Sua voz causou arrepios em sua espinha.

Ela balançou a cabeça, mas quando se virou para protestar contra sua afirmação ridícula, Bobby fantasma havia sumido.

Odiando ficar sozinha no escuro, Caralyn acendeu a luz e vasculhou o quarto. Ela girou para todos os lados, mas o fantasma se foi. Suas palavras correram por sua mente, impedindo-a de retornar para sua cama. Ela caminhou pela sala, cada respiração mais difícil do que a anterior. O quarto estava muito quente e ela não parava de puxar a camiseta de manga comprida e a calça do pijama de lã. Ela desceu para verificar a temperatura, mas estava em vinte e cinco graus, exatamente como ela havia deixado.

Seu coração apertou e ela bateu no peito e fechou os olhos com força. O que estava acontecendo? Era como se seu corpo estivesse derretendo e tudo funcionasse mal. Ela caminhou

pelo corredor algumas vezes antes de finalmente abrir a porta para um pouco de ar fresco da noite.

Quando ela abriu a porta, Bobby estava do lado de fora, com a mão pronta para bater.

"O que você está fazendo aqui?" ela perguntou. Ela enrolou o robe em volta dela enquanto o ar frio da noite deslizava por suas roupas e se agarrava a sua pele.

Ele franziu a testa e olhou para trás, como se alguém estivesse lá. “Eu estava prestes a perguntar a mesma coisa. Por que você está fora no meio da noite? E por que você está chorando?” ele enxugou seu rosto, deixando para trás um fluxo de umidade em sua mão. Ela olhou para a umidade maravilhada. Quando ela começou a chorar? Um soluço subiu em sua garganta.

Dezessete

A preocupação cintilou em seus olhos suaves. "Vamos entrar. Nós podemos falar aqui."

"E-espere."

Mas ele não fez isso. Ele passou por ela, agarrou sua mão e puxou-a para a sala da frente, o espaço vazio com seu piso de madeira e uma galeria de paredes brancas. Onde eles iriam se sentar?

Ele franziu a testa e fez sinal para que ela ficasse. Suas pernas estavam muito rígidas, então mesmo que ela tivesse vontade de fugir escada acima e se esconder dele, teria sido impossível. Ele entrou na sala, carregando as duas cadeiras da cozinha. Ele a guiou até uma delas e então subiu as escadas correndo e trouxe seu cobertor. Ele a envolveu, então procurou seu termostato.

“Por que você não está com o aquecimento ligado? Estamos no auge do inverno. Você não está com frio?"

Ela sorriu e compartilhou as cobertas com ele quando ele se sentou na cadeira em frente a ela. “Está um grau mais quente do que o normal. Isso não é nada como um inverno na Geórgia. Muito risível, na verdade.”

“Mas você se aclimatou. Não sou covarde, mas sua casa está congelando. Cada superfície está fria.”

Ela não podia discordar. O ar estava mais fresco quando ela estava na sala da frente e não havia outros

itens na área para conter o calor. Seus dentes batiam, mas ela não tinha certeza se era nervosismo ou temperatura.

“O que você está fazendo aqui no meio da noite? É como . . .” Ela olhou ao redor em busca de um relógio, mas lembrou que não havia nenhum.

"São três horas." Ele cruzou os braços e encostou-se na cadeira bamba. “Fiquei preocupado que isso acontecesse de novo, então decidi ficar de guarda lá fora, no meu carro. Eu sei que é um pouco assustador, mas não posso deixar você correndo pelas ruas e indo para minha casa com uma pergunta maluca em mente.” Sua voz estava rouca e ele parecia mais cansado do que ela já o tinha visto.

“Eu não ia para a sua casa.” disse ela, embora não tivesse certeza. Ela não pegou as chaves, mas passou por sua mente. "Eu estava superaquecendo e precisava de um pouco de ar."

Ele se inclinou para frente e a estudou. “Você estava superaquecida e queria um pouco de ar? Em dezembro? Na sua casa já fria e no meio da noite, está certa disso?”

“Na verdade, é o meio da manhã.” ela murmurou. "Você estava acordado esse tempo todo?"

Ele balançou sua cabeça. "Eu adormeci, mas sua luz me acordou."

Sua luz? Oh, ela tinha ligado. "Desculpe. Eu tive um..."

"Outro sonho?" ele perguntou. Ele se recostou na cadeira novamente e olhou para os braços cruzados. "Eu sabia. Eu sabia que algo estava acontecendo por que você não estava

dormindo, começou a agir estranhamente perto de mim, e então quando você veio ontem à noite . . .”

Ele ergueu o queixo e encontrou o olhar dela. Um arrepio percorreu suas costas enquanto seu olhar se aprofundava e ele parecia olhar através dela. “Eu não vou embora até que você me diga o que está acontecendo. Estarei lá fora da sua casa todas as noites para estar aqui quando isso acontecer novamente. Não me faça virar um perseguidor.”

Seu olhar se transformou em algo muito mais difícil. "Você não pode fazer isso."

Ele se levantou e puxou as chaves do bolso. “Voltando para o meu carro. Me observe."

Ela o puxou de volta para seu assento. "Bem, bem." As palavras que ela não podia dizer correram por sua mente, ameaçando sair de sua boca. Ela pareceria louca, embora suas ações nos últimos dias tenham provado isso. “Que tal uma situação hipotética?” ela finalmente disse após um longo silêncio.

Ele assumiu sua posição de guarda novamente, cruzando os braços sobre o peito. "Bem. Comece."

Ela suspirou e começou do início. "E se um fantasma estiver me assombrando?"

"Como um real?"

Ela pensou em Bobby fantasma. Ele não era uma pessoa real, apenas uma invenção da imaginação de sua mãe fantasmagórica. Ela decididamente deixou sua mãe fora da história. Um fantasma foi o suficiente. "Certo. Nós diremos isso. E ele está me visitando todas as noites.”

"É um homem?"

Com certeza! "Apenas me deixe pensar nisso."

Ele acenou com a cabeça e fingiu fechar os lábios.

“O fantasma vem na maioria das noites e me leva através do meu passado.” Ele ergueu uma sobrancelha, mas ficou quieto. “Ele me levou para casa para me ver como uma criança, principalmente na época do Natal, e para ver como eu me comportava como estudante. Ele até me levou de volta à faculdade para vê-lo naquela festa.”

"Ah." disse ele, olhando para ela com um brilho nos olhos. “Então é por isso que você perguntou. Isso não parece tão ruim.”

“É, no entanto.” ela disse. A represa de emoções que ela cercou balançou perigosamente. “Ele me levou a um tempo em que não me reconheço. Eu estava alegre e tudo era divertido e . . . feliz."

Bobby sorriu e olhou para o chão. "É assim que me lembro de você." Sua voz era suave e acariciava as partes atormentadas de sua alma.

“Mas o fantasma também me levou a lugares horríveis. Lembra da primeira vez que discutimos e eu saí da faculdade?”

Ele estremeceu, e ela sabia que ele estava se lembrando da mesma coisa que ela reviveu. “Ele me mostrou cenas de minha mãe ficando doente e eu não pude fazer nada a respeito.”

"Isso é horrível."

Ela congelou com a suavidade e familiaridade de seu tom. "Isso tudo é hipotético, lembra?"

"Certo. Eu lembro. O que hipoteticamente aconteceu na outra noite que a fez correr para minha casa no meio da noite?"

“Dia.” ela corrigiu. Ela fez uma pausa e inspirou profundamente. “Ele me levou ao funeral da mamãe. Foi como perdê-la novamente. Mas então, você apareceu no funeral . . . ”

O reconhecimento passou por seus olhos, e ela sabia que ele se lembrava. "Você me viu lá?"

Ela encolheu os ombros. “Me mostrou, hipoteticamente, o que aconteceu depois que eu saí. Você prometeu a papai que ficaria ao meu lado." A represa se rompeu, inundando seu corpo com alívio. "Você nem falou comigo quando voltei para a faculdade."

Suas sobrancelhas franziram. “Eu acho que você tem uma memória seletiva. Quando voltei das férias de Natal, liguei para você uma dúzia de vezes, até fui a sua casa e bati na porta até minha mão doer. Você se recusou a me ver.”

"Eu estava com raiva de você não ter vindo ao funeral."

"Mas eu fui."

“Sim, mas eu não sabia disso. Eu também estava sofrendo e senti como se tivesse perdido minha mãe e meu melhor amigo no mesmo curto período de tempo.” Ela baixou a cabeça entre as mãos enquanto um soluço subia por sua garganta e, um segundo depois, a cadeira dele se moveu e seu braço estava em volta de sua cintura. Uma mão a segurou

enquanto a outra acariciava suas costas e puxava o cabelo de seu rosto.

“Sinto muito, Urso Carinhoso.” ele disse, sua voz falhando. "Eu deveria ter estado lá para você, mas pensei que você queria espaço."

Quando a mão dele parou de se mover e seus soluços diminuíram para um gemido, ela se inclinou e colocou a cabeça em seu ombro. Ele passou os braços ao redor dela e a segurou perto de seu peito. O caroço enrugou em sua garganta e, finalmente, ela conseguiu respirar sem ofegar.

“Eu também sinto muito.” ela murmurou, virando-se para enterrar a cabeça em seu peito. “Se eu ficar entre vocês dois, quero que saiba, estou bem agora. Você pode consertar as coisas com Anna.”

Ele suspirou e balançou a cabeça. "Não é tão fácil. Meus sentimentos são os mesmos de anos atrás. Eu penso em você o tempo todo."

Caralyn ergueu a cabeça e encontrou seus olhos. “E quanto a Anna? Você ainda pensa nela?"

“Um pouco, mas não da mesma forma. Em um minuto você me deixa tonto de emoção e no próximo me deixa louco de preocupação.”

"Posso imaginar o quão assustado você está." Ela riu e relaxou os ombros para liberar um pouco da tensão. “Estou sonhando com você e indo para sua casa tarde da noite. Tenho sido uma bagunça confusa.”

Ele piscou. "Não que eu esteja reclamando." Ele estendeu os braços novamente, e ela se aconchegou contra ele, jogando toda a cautela para o vento.

Depois de alguns minutos, ela tentou fazer com que ele voltasse para casa, mas ele prometeu ir embora quando ela adormecesse. O tempo passou devagar e ela fechou os olhos e saboreou os braços fortes dele ao redor dela.

Quando ela acordou na manhã seguinte, ela estava em sua cama. Sozinha. Ele realmente a deixou? Ou ele estava lá fora no carro?

Ela desceu correndo as escadas e voou para a janela da frente mais próxima. Seu carro também não estava lá. Tudo o que aconteceu ontem à noite foi apenas mais um sonho? Ela coçou a cabeça e gemeu.

Os sonhos estavam destruindo sua realidade.

A porta da frente se abriu e ela se virou. Era Bobby com uma sacola em uma das mãos e um porta-copos na outra.

"Eu não vi seu carro."

“Está algumas casas abaixo onde eu estacionei ontem à noite. É um pouco assustador vigiar sua casa na garagem.”

"E não é assustador você vigiar minha casa em primeiro lugar?" ela perguntou, abrindo mais a porta.

"Verdade. Vou tentar ser menos assustador.” Ele entrou e deu um sorriso tímido. “Trouxe um chocolate quente e uma omelete. Está com fome?"

Ela olhou para o estômago para esconder o sorriso que se espalhou por seu rosto. "Morrendo de fome."

Depois que eles foram acomodados na cozinha, ela perguntou a ele quanto tempo ele ficou.

Ele tomou um gole de chocolate quente e encolheu os ombros. "Não há muitos lugares para eu colocar minha cabeça, então eu coloquei você na cama e voltei para o carro."

Ela franziu o cenho. Ela não gostava da ideia de ele ficar sozinho no frio. "Você vai para casa esta noite?"

Seu olhar varreu o dela e ele sorriu. "Não em sua vida. Não acho que sua hipótese seja tanto *hipo* quanto *teórica.*"

"Bem, você não pode ficar no seu carro."

Uma sobrancelha erguida. "Isso significa que eu posso dormir na sua cama e você pode dormir na cadeira de balanço?"

Ela empurrou seu ombro de brincadeira. "Hum, não! O que Anna diria se soubesse?"

Ele limpou a mão na barba por fazer no queixo. "Isso é uma coisa eu e você. Agora, não há eu e Anna."

Seu coração acelerou com as palavras dele, mas ela afastou qualquer sentimento de esperança. Ela gesticulou em direção à sala da frente. "É hora de comprar alguns móveis."

Ele se recostou quando um olhar de satisfação cruzou seu rosto.

"Pare com isso. Preciso mobiliar minha casa há um tempo. Acontece que agora preciso de uma cama para o quarto de hóspedes. Você também pode comprar uma que goste."

"Eu sou o homem certo para o trabalho! Qual é o meu orçamento?"

Ela olhou para sua bolsa. Mesmo que ela hesitasse em gastar dinheiro, se a cama era um investimento, isso não a deixava tão enjoada. “Gaste o que você acha que é apropriado para qualidade e custo. E se você vir um bom conjunto de sofá, compre também.”

Sua boca se abriu e ele se inclinou para acariciar sua bochecha. "Uau! Para onde foi meu Ursinho Carinhoso?"

Ela se encolheu quando sua mão fez contato.

Ele o abaixou quando a mágoa passou por seus olhos. "Desculpe." Ele se levantou e jogou o lixo fora.

"Está bem. Você me pegou desprevenida." Ignorando sua consciência dolorida, ela tirou a carteira da bolsa. “Tenho que movimentar algum dinheiro, mas estará lá quando você estiver pronto para comprar. E sem sofás vermelhos ou verdes. E talvez alguns relógios para meu quarto e sala da frente.”

“Nem sonharia em tentar espalhar alegria.”

Ela estendeu seu cartão de débito para ele. Em vez de pegá-lo, ele se virou e saiu da cozinha. “Ei, você não...” Ela trocou os cartões, agarrou o cartão de crédito com uma das mãos e correu atrás dele. Ela agarrou seu braço e bateu o cartão de crédito em suas mãos. “Tudo bem, leve isso em vez disso. Aqui, olhe. Eu tenho um limite muito alto no meu cartão de crédito. Enlouqueça."

"Aposto que sim." disse ele, girando o cartão de crédito.

Ela iria se arrepender disso. "Bem, não enlouqueça."

Ele bateu no nariz dela e saiu correndo pela porta da frente. "Confie em mim. Vou encontrar o melhor negócio que você já conseguiu.”

Aquele dia foi o melhor que ela teve em anos. Com a barriga cheia, ela foi para o escritório e aguentou as horas de trabalho. A conversa da noite anterior permaneceu em sua mente. Quando Bobby parou para deixar uma carga, ele manteve uma distância segura, mas isso não impediu os olhares feitos apenas para ela, olhares que a deixaram em uma poça confusa.

Bobby mandou uma mensagem quando ela estava voltando para casa, avisando que ele tinha planos para a noite, mas estaria estacionado do lado de fora no final da noite. Ela tentou não pensar demais nesses planos e, em vez disso, se concentrou no fato de que ele estaria a uma distância enorme.

Ela não tinha certeza do que estava acontecendo, mas se ela andasse com cuidado, talvez as coisas não explodissem em seu rosto.

Dezoito

Deslize, batida.

Os olhos de Caralyn se abriram e ela se virou para olhar a hora. Três horas. O que aconteceu com a consistência?

Ela ouviu sua mãe continuar a arrastar a cadeira de balanço escada acima. Quando os escorregões e baques pararam, Caralyn endireitou o corpo e esperou. A cadeira apareceu primeiro ao deslizar pelo chão. Em seguida, sua mãe.

Em vez de parecer alegre, os lábios de sua mãe estavam fortemente franzidos.

Oh garoto.

Caralyn ergueu as cobertas até o queixo e estremeceu. "Oi, mãe."

Sua mãe se sentou com um suspiro pesado. “Eu esperava não ter que voltar, mas não parece que você fez muito progresso.”

Caralyn largou as cobertas. “Eu fiz. Minha casa está mais quente, coloquei algumas decorações de Natal no escritório e Bobby e eu estamos nos dando bem. Até fiz amizade com Janice no escritório ao lado.”

Sua mãe sorriu. “E você conversou com as pessoas que mais importam? Que tal seu pai? E aquele pobre garoto, você empurrou Bobby depois de beijá-lo há menos de dois dias."

Suas bochechas queimaram com calor. Ela não tinha pensado em seu pai desde que o viu em seus sonhos. Mas

Bobby era alguém com quem ela havia lidado. “Eu não queria confundi-lo. E nós conversamos e as coisas estão bem agora.”

“Não, você o encarregou de outra tarefa, comprar móveis para você. Pense nisso, querida. Você precisava de alguém e procurou a pessoa em quem mais confia.”

"Mas como posso saber se ele realmente superou Anna?"

Sua mãe cruzou os braços sobre o peito e grunhiu. “Quantas vezes aquele menino tem que dizer que gosta de você, querida? Ele está disposto a ficar do lado de fora da sua casa, na chance de você sair correndo pelas ruas novamente. O que ele não faria por você?"

“Mãe, não posso seguir esse caminho até ter certeza. Eu não quero machucá-lo.” Ela sentiu como se sua mãe estivesse realmente ali, dando conselhos como sempre.

“E quanto ao seu pai? Você acha que ele merece o tipo de tratamento que você está dando a ele? Quando foi a última vez que você falou com ele?”

Lá estava. A culpa pressionando seus ombros e costas. Ela caiu na cama e cobriu o rosto com um travesseiro. “Eu não sabia que ele estava mantendo uma promessa para você seguindo em frente. Por que ele não me contou?" Sua voz estava abafada contra o travesseiro, mas ela esperou com a respiração suspensa pela resposta de sua mãe.

Finalmente, sua mãe levantou o travesseiro e seus olhos eram suaves como os de um fantasma. "Você teria ouvido?"

Ela balançou a cabeça e enxugou o nariz. "Não, mas pode ter me ajudado a entender."

“Seu pai também precisa me deixar ir, mas não pode. Não até que você me solte primeiro."

Ela se sentou e abraçou o travesseiro contra o peito. "Mas eu segui em frente, ou pensei que tinha."

“Você tem uma única peça de mobiliário em uma casa fria. Você não fala com seu pai, ama Bobby, mas não pode contar a ele e não pode confessar sua própria dor. Diga-me novamente como você está lidando?"

Os cantos do rosto de Caralyn se contraíram. Sua mãe falava com tanta naturalidade que era difícil negar a verdade por mais tempo. "Então o que eu faço? Eu faço as pazes com papai e saio com Bobby?"

“Eu não posso te dizer isso e você só tem alguns dias para descobrir. Voltarei no dia 20 para verificar seu progresso.” Sua mãe se recostou na cadeira de balanço e a bateu no chão algumas vezes. “Direi, porém, que se você não fizer algo, perderá a oportunidade de escolher. Esse menino não vai esperar para sempre.”

Caralyn passou o sábado recuperando o sono, limpando a casa para se preparar para a nova cama e evitando ligar para o pai. O telefone ficou a centímetros dela o dia todo, mas ela não conseguiu reunir coragem.

Mesmo que ela não tenha entrado no escritório, ela trouxe uma caixa de visco e a remessa de suprimentos para casa, então ela preencheu os pedidos e os levou ao correio antes

que fechasse. Então ela parou no supermercado e escolheu alimentos mais saudáveis.

O dia todo, ela revisou a conversa com sua mãe. Se ela não fizesse um movimento logo, perderia Bobby novamente. O medo de perdê-lo já ameaçava estrangulá-la.

Naquela noite, ela reuniu coragem e ligou para o pai. “Oi.” ela disse quando ele atendeu após o terceiro toque.

"Aí está minha Cara!" disse ele, alegre como sempre. "Como vai você?"

Sua garganta se apertou. Seu amor nunca mudou, não importa o quão cruel ela tenha sido. "Pai." disse ela, forçando as palavras antes que pudesse se conter. "Eu realmente sinto muito por não termos conversado muito." Houve uma longa pausa. Demasiado longo. "Você está aí?"

"Sim estou aqui." Sua voz quebrou, trazendo lágrimas aos olhos dela. Ela não aguentava mais.

"Eu realmente sinto muito por ter sido tão dura com você." Ela não queria trazer à tona o que Bobby fantasma havia mostrado a ela. Um simples pedido de desculpas teria que bastar.

"Obrigado, Cara." Sua voz era suave.

Isso era tudo que ela tinha nela. Era muito desconfortável. Muito cru. “Eu tenho que ir, pai, mas eu queria pedir desculpas. E eu estarei no seu casamento.”

Sua voz estava muito ansiosa depois disso, então ela permitiu que ele falasse sobre seus planos de casamento. Depois de desligar o telefone alguns minutos depois, ela precisava de um banho. Um longo, quente e

calmante. Mesmo se os sais não estivessem funcionando, acalmavam suas arestas cruas.

No caminho para o banheiro, ela ouviu uma batida na porta. Ela não tinha pedido nada. Ela espiou pela janela e viu a caminhonete de Bobby. A única pessoa com quem ela não estava pronta para lidar. Ela abriu a porta com um suspiro.

Ele olhou para ela por um segundo em seu robe, então seus olhos voaram para o teto. “Hum, desculpe. Só queria dizer que a cama estará em sua casa na segunda-feira.” Ele pegou o cartão de crédito dela e deu um sorriso tímido. “Acabei não usando.”

Ela estreitou os olhos e pegou o cartão de volta. Ela apenas pagaria a ele o que ela pensava que ele merecia em seu próximo pagamento. Ele mudou seu peso para o outro pé e sustentou o olhar dela. Havia algo mais. Ele poderia ter devolvido o cartão para ela na segunda-feira. Por que ele estava realmente lá?

Ela agarrou a maçaneta da porta. "Obrigada por isso."

Ele parou a porta com a mão e a soltou quando ela arregalou os olhos. "Uh, na verdade, há outra coisa."

Ela cruzou os braços sobre o peito. "OK. E aí?"

“Olha, os últimos dias foram ótimos, estranhos e confusos. Eu só preciso saber.”

Suas palavras enviaram medo por seu coração. Ela sabia antes que ele perguntasse.

“Existe uma chance para nós?”

Lá estava - o zumbido em seus ouvidos, as palmas quentes e suadas. Era como se ela nunca tivesse saído da

faculdade e ele fosse apenas um cara flertando com uma garota. Mas eles não eram mais essas pessoas. Se ele quisesse começar um relacionamento, ela não poderia pegá-lo em um minuto e quebrá-lo no próximo.

Ela olhou para o chão e balançou a cabeça. “Eu não posso. Pelo menos não até ter certeza de que sei como me sinto.” Ela ergueu o queixo para verificar sua expressão. Seus lábios estavam unidos em uma linha tensa e ele deu alguns passos para trás.

"Tudo certo. Entendi. Obrigada por ser honesta.”

Antes que ela pudesse pará-lo ou explicar, ele correu para o carro e foi embora. Até que ela descobrisse seus sentimentos, talvez fosse o melhor.

Ela suspirou e foi para o banheiro. Seria uma longa noite de banho.

Dezenove

Algo tirou Caralyn de seu sono. "Acorde! É hora de ir!" Embora seus olhos estivessem fechados, só poderia ser uma pessoa a esta hora da noite.

Seu corpo tremia de fadiga. Não deve ter passado muito tempo desde que ela se deitou. Ela fechou os olhos e empurrou Bobby fantasma para longe. "Não essa noite. Não tenho uma pausa depois da repreensão da minha mãe?"

Quando ela finalmente abriu os olhos, ela engasgou. Em vez de sua roupa de faculdade, ele usava a mesma calça jeans e uma velha camiseta que estava usando naquele dia. "Você trocou de roupa."

Ele franziu a testa. “Nós realmente parecemos iguais?”

Como um balão, ela desinflou. “Espere, o verdadeiro Bobby não sabe sobre você. Por que você se parece exatamente com ele? Onde está o seu chapéu?”

“Nós mudamos para o presente agora. Eu perdi meu visual de faculdade.”

Ela sorriu. "Ok."

"Você tem que admitir, sou muito mais bonito do que a pessoa real."

"Certo. Ok, fantasma do presente, o que está na agenda para que eu possa voltar para a cama e não parecer um zumbi amanhã de manhã?"

“Eu sou dedicado, no mínimo.” ele disse com um sorriso malicioso. Ele se sentou na beira da cama e brincou com o lado do edredom esfarrapado de estrelas e sol que ela tinha desde a faculdade. “Eu ouvi sobre a visita de sua mãe. Você está bem?"

Ela suspirou e recostou-se na cabeceira da cama, enxugando o sono dos olhos. Talvez ela tivesse dormido uma hora. "Estou bem. Ela nem está aqui, e não consigo atender às expectativas dela.”

Bobby fantasma passou a mão pelo cabelo. Estava mais fino do que antes, mas não muito. Ele foi abençoado com belos genes de cabelo. “Talvez devêssemos adiar outra noite. Eu não quero atrapalhar você.”

"Por quê? Eu posso lidar com o presente. ”

Bobby fantasma ergueu uma sobrancelha enquanto pegava a mão dela. "Ok, se você pensa assim."

Eles desapareceram e apareceram na casa de Bobby, onde ele estava esticado em seu sofá. Seus olhos estavam inchados e ele tinha a mesma expressão sombria de Bobby fantasma.

De repente, o telefone tocou e o verdadeiro Bobby sentou-se e atendeu.

Caralyn se aproximou para ver o que ele estava fazendo e congelou quando as informações do telefone de Anna apareceram na tela. Uma sensação de afundamento cresceu na boca do estômago.

Seu comportamento iluminou-se enquanto ele falava. “Ei, Anna. . . O que eu estou fazendo?" Ele fez uma pausa e olhou

para o teto. "Nada. Não estou fazendo nada . . . Podemos assistir a um filme na minha casa, com certeza."

O buraco se alargou, puxando suas entranhas. Não, ele não deu a ela tempo para processar. Ela se virou para o fantasma. "Você com certeza se move rápido. Poucas horas atrás, você estava perguntando se havia uma chance, e agora está namorando Anna."

Ele encolheu os ombros e recuou. "Há algo de errado com isso? Você foi avisada que poderia me perder, e agora é hora de lidar com as consequências."

Bobby fantasma tocou seu braço e, em vez de seguir Bobby, a cena mudou para a casa de seu pai. Ele morava em um apartamento de dois quartos perto da Prefeitura de Los Angeles. Mesmo sendo pequeno, o apartamento tinha móveis bonitos e uma decoração decente. Provavelmente de seus anos de vida com mulheres. "Eu não o visitei nenhuma vez desde que ele se mudou há três anos."

Bobby fantasma franziu a testa. "Talvez seja hora de corrigir isso." disse ele.

Caralyn o empurrou e observou a nova noiva de seu pai entrar pela porta da frente.

A pequena senhora sorriu timidamente para ele. "Aí está você. Você recebeu meus textos? Por que não saímos hoje à noite?" Ela tinha um corpo esguio e estava vestida para impressionar com acessórios dourados para combinar com seu vestido preto.

Um lampejo de interesse passou por seu rosto, mas um segundo depois, ele pegou um livro ao lado dele na

cadeira. “Prefiro ter uma noite tranquila. Por que você não sai com seus amigos e eu te vejo amanhã?”

Caralyn franziu a testa com a cena. Talvez ser rude fosse algo de família. A mulher obviamente se importava com ele, então o que ele estava fazendo? As outras memórias de seu pai passaram por sua mente, e ela percebeu que ele a estava afastando, preparando mais um casamento para fracassar.

“Não acho que esse sonho tenha ajudado. Sua mente está decidida a seguir em frente.” ela disse calmamente.

"Se você diz." Bobby Fantasma tocou seu ombro, e eles avançaram para quando os verdadeiros Bobby e Anna terminaram o filme e estavam sentados frente a frente no sofá. Caralyn riu quando Sammy cruzou a sala e sibilou quando Anna tentou pegá-lo.

O fantasma riu quando Bobby pegou o gato e o trancou em um quarto. “Sammy nunca gostou de Anna. Não sei por quê. Toneladas de animais a amam, mas Sammy não.”

Caralyn se permitiu um sorriso malicioso. "Bom gato. O que há de tão bom em Anna, afinal? Você a deixou por um motivo. Você não vai voltar para ela, vai?"

Bobby Fantasma encolheu os ombros. “Não havia nada de errado com nosso relacionamento. Se qualquer coisa, eu sou o motivo do fracasso, já que não pude esquecer você.”

Ela se virou quando Bobby pegou a mão de Anna.

"Como eu posso acreditar em você?" Anna disse com lágrimas nos olhos.

Espere, o que ela perdeu? O pânico tomou conta de Caralyn quando ele passou um braço ao redor de Anna e a segurou.

“Você está trabalhando com ela todos os dias. Você realmente tem que ficar? Existem inúmeras empresas na Geórgia que poderiam usar sua experiência, ou na minha empresa. Você é um gênio com os números. E também temos visco, se preferir. Mas, apenas volte para casa.”

Ele decidiu se arriscar com ela?

“A Califórnia está crescendo em mim e gosto do meu trabalho. Caralyn e eu trabalhamos bem juntos. ”

Anna se levantou e colocou as mãos nos quadris. “Esse é o meu ponto, querida. A maioria das pessoas não trabalha com pessoas por quem anseia.”

Ele levantou-se. "Eu nunca te disse isso."

“Não significa que eu não sabia. Vocês dois cresceram juntos, eu entendo. Mas é hora de colocar o passado onde ele pertence.”

“Que tal se eu a convidasse para jantar? Então você verá. Ela não tem nenhum sentimento por mim.”

“Já tentamos isso, lembra? Ela saiu reclamando de dor de cabeça. Acho que ela tem mais desejo do que admite."

Em vez de discutir com ela, ele abraçou Anna pela cintura. "Você se preocupa muito." Ele fez cócegas em seus lados até que ela começou a rir.

"Tudo bem." disse ela, ainda rindo no meio de cócegas. "Podemos levar isso devagar, e vou ficar por aqui para ter certeza de que vale a pena mantê-lo novamente."

Quando ela veio para um beijo, ele recuou. "Você prometeu que iríamos devagar."

Ela assentiu. "Tudo certo. Você está certo."

Antes que Caralyn pudesse ver o resto da noite se desenrolar, o fantasma a levou de volta para seu próprio quarto.

Bobby fantasma ainda estava com ela, agarrado à sua mão. Ela jogou fora a mão dele e caiu na cama. “Você saiu na parte crucial! Agora não sei o que aconteceu.”

“Eu não a beijei. O que mais você precisa saber?"

"Mas você irá."

“Você é estúpida às vezes, Urso Carinhoso. Ainda há uma chance para você, então não me deixe escapar.”

Encarar os olhos de Bobby fantasma enquanto falava sobre si mesmo era uma experiência estranha fora do corpo, mas ele estava certo. Jan estava certa. Não havia nenhum anel e nenhuma razão para que ela não pudesse lutar pelo amor de Bobby. Vê-lo com outra mulher clareou sua mente e era hora de agir.

Era madrugada e ela estava exausta, mas não podia voltar para a cama. Ela calçou os tênis e um moletom, pegou o telefone e um mini frasco de spray de pimenta e saiu para dar uma volta no quarteirão.

Ela virou à esquerda depois de trancar a porta da frente e ficou na calçada. A noite estava clara, apesar de ser muito tarde. A maioria das luzes de Natal estava apagada, incluindo as luzes estridentes dos vizinhos do outro lado da rua. Ela

checou seu telefone. Ninguém em sã consciência estava acordado às três e meia, a menos que precisasse.

Passos soaram atrás dela, enviando uma onda de adrenalina por ela. Ela acelerou, sabendo que provavelmente estava em sua cabeça, ou algum fantasma. Na chance de ela estar errada, ela segurou o dedo no spray de pimenta em sua mão, pronta para derrubar qualquer um que fosse corajoso o suficiente para abordar alguém no meio da noite. Estava claro o suficiente para ver as rachaduras no cimento, mas escuro o suficiente para perder o pavimento irregular. Ela bateu com o dedo do pé em um pedaço de calçada e caiu para a frente, mas alguém a alcançou e a agarrou antes que seu rosto atingisse o chão.

"Saia de perto de mim!" Ela se virou, fechou os olhos e pressionou o dedo com toda a força que pôde, liberando um jato de spray de pimenta.

Uma voz familiar gritou em meio a uma rodada de tosse. "Caralyn!" Mais tosse e gemidos. "Por que você fez isso? Ai!"

Ela abriu os olhos no momento em que um pouco do spray restante atingiu seus olhos. “Ai! Merda, não consigo ver. Bobby?” Ela apertou os olhos e imediatamente se arrependeu quando a dor ondulou sob suas pálpebras. Ela os enxugou com o moletom, mas também havia borrifado e só fez a queimação se intensificar. "É você? O que você está fazendo aqui?"

“Quem mais seria burro o suficiente para estar aqui neste momento? O *que esta* fazendo Você acha que um pouco de spray de pimenta pararia alguém?"

"Funcionou com você."

Ele rosnou e passou os braços em volta da cintura dela. O arrepio subiu de seus braços até a cabeça e, apesar da queimação em seus olhos, ela sorriu. O destino era uma coisa engraçada.

"Estou feliz que tenha sido você."

“Chega de falar até entrarmos.” ele latiu.

Ela abriu os olhos a tempo de ver que ele a estava empurrando para o lado errado. "Provavelmente parece que estou atacando você."

“Por aqui.” ela sussurrou, sufocando uma risadinha apesar da dor. Eles deram passos lentos de volta para a casa dela enquanto a ardência aumentava. Os dois correram para a pia quando voltaram, Bobby na pia do banheiro, ela na pia da cozinha. Caralyn esfregou os olhos com água até que viram mais hidratação do que todo o seu corpo via em um dia. Ela pegou dois pacotes de vegetais congelados e foi se juntar a Bobby no banheiro. Felizmente, ele levou um jato na testa em vez de diretamente nos olhos. Graças a Deus por sua má pontaria.

Assim que o acomodou em uma cadeira da cozinha, colocou um saco de vegetais sobre os olhos dele e se sentou na cadeira oposta.

Ele gemeu e esfregou os olhos novamente. “Cara, por que os sofás não foram entregues hoje?”

“Uh, sim, desculpe por isso. E desculpe pelos olhos. Se você tivesse me dito que estava lá. . . ”

“Eu estava a segundos de falar quando você me deu me atacoh. Dormir no meu carro tem sido horrível e não tenho uma boa noite de sono há dias. Você vai parar de sair a qualquer hora da noite como uma louca?”

Ela semicerrou os olhos para ele em meio à dor. Sua cabeça ainda estava escondida atrás do pacote de ervilhas. “O que você está fazendo aqui? Achei que você tivesse um encontro com Anna esta noite." Dez longos segundos se passaram e ele não falou. "Bobby, você está dormindo?"

Ele deu uma risada. “Não, não com essas costas rígidas, querida. E com Anna. . . Não tenho certeza de como você sabia disso, mas saímos mais cedo e ela voltou para casa.”

O sangue latejava em seus ouvidos enquanto ela tentava captar cada palavra.

“Eu disse que ela poderia me visitar, disse que sairíamos juntos, mas ela está pronta para voltar para onde estávamos antes de eu sair, e eu não posso fazer isso.”

"É por isso que você não a beijou?"

Ela o ouviu remover a bolsa. Quando ela abriu os olhos pela metade, ele estava movendo sua cadeira para mais perto e olhando em sua direção. “Isso é duplamente estranho. Como você soube disso?"

Ela sorriu embaixo de sua própria sacola de vegetais. "Palpite de sorte."

“Bem, você está certa. Não quero me comprometer com nada até saber que há. . . ”

Ele parou de falar de repente e correu para o banheiro. "Ai, isso queima." Entre tosses e cuspidas, ele continuou a falar com ela. “Se importa se eu ficar aqui esta noite? Não achk que poderei dirigir para casa.”

"Não sei onde você vai dormir, mas com certeza." Ela sorriu para si mesma. Foi uma boa coisa que ele não se comprometeu com Anna, porque agora havia espaço suficiente para mostrar a ele que ela estava pronta. Pronta para tudo o que ele jogou em seu caminho.

Vinte

Eram nove horas quando Caralyn rastejou para fora da cama. Seus olhos pareciam machucados e sensíveis a piscar muito rápido, mas nada muito ruim. Ela desceu correndo as escadas para ver como estava Bobby, que havia tirado um saco de dormir de sua caminhonete e colocado no chão da sala da frente, mas ele havia sumido. Uma nota estava na mesa da cozinha.

Vou sobreviver, mas você me deve.

Ela sorriu, pronta para dar a ele tudo o que ele pedisse. Antes de subir na cama às cinco da manhã, ela teve uma ideia maluca. Pedir a ele para ficar iria mantê-lo perto dela e resolver seus problemas à noite. Se ela pudesse fazê-lo concordar.

Uma batida soou na porta e ela correu para abri-la.

“Entrega para Miss Caralyn? Um sofá e uma cama? O cara que comprou está a caminho, mas disse algo sobre não poder ver bem, então pode demorar um pouco.”

Ela escondeu um sorriso. “Claro, sim. Entrem. Vou sair para o trabalho em breve, mas se ele está a caminho, vocês podem começar.”

Ela tomou banho e demorou-se pela casa o máximo que pôde, mas Bobby não apareceu e ela se sentiu atrapalhada com tantas caixas e tantos móveis envoltos em

plástico. Trabalhar nos fins de semana era incomum para ela, mas não era impossível durante a temporada de festas..

Um monte de visco estava no chão do escritório, esperando por ela, e bom também, os pedidos triplicaram. Ela mandou uma mensagem a Marco para agradecê-lo por deixar uma carga no dia anterior e começou a trabalhar.

Mais tarde, suas mãos doíam e ela tinha cortes em quase todos os dedos. Depois de colocar as caixas em sua caminhonete para deixá-las no correio, ela verificou se havia novos e-mails. Mais alguns pedidos haviam chegado, o que teria de esperar até amanhã e depois. . .

Ela leu o último e-mail e engasgou.

'Meu nome é Gina Howell e sou amiga do seu pai. Ele me disse que você dirige um negócio de visco e que estamos muito necessitados, se você tiver algum sobrando. Nosso fornecedor usual está totalmente fora. Sou a chefe do comitê de decoração do próximo baile de Natal da cidade e adoraria sua experiência sobre como e onde pendurá-lo. Deixe-me saber sobre seus preços e, claro, podemos conseguir alguns ingressos de cortesia para o baile. Entre em contato comigo o mais rápido possível.'

Caralyn discou o número de Bobby e, depois que ele atendeu no segundo toque, retransmitiu a mensagem. "Você acha que teremos o suficiente?"

“Marco lhe contou sobre a área arborizada que encontrei? Vamos precisar de todos para conseguir o

suficiente, mas há muito o que decorar para uma festa. Quanto visco eles estão pedindo?”

Caralyn pensou no e-mail. "Não tenho certeza, mas provavelmente o suficiente para cobrir todas as portas e algumas peças penduradas ao longo da pista de dança."

“Vai ser apertado, mas de qualquer forma, eu não acho que devemos usar nosso próprio visco. Estamos acabando e há um produto grátis a uma hora de distância. Só preciso ligar para a cidade e pedir permissão. Mas eu duvido que eles se importariam que nós arrancassemos das plantas de suas árvores.”

"OK. Vou avisar que estamos dentro. O baile é em três dias. Devemos todos sair para colher amanhã?"

"Parece bom para mim."

"Como estão seus olhos?" ela perguntou antes que ele pudesse desligar.

Ele riu. “Ainda queima como um louco, mas estou forçando a barra. O chuveiro foi uma má ideia.”

Ela riu. "Concordo. Desculpe por isso de novo.” Ela mordeu o lábio e, em seguida, forçou a próxima pergunta. “Você pode ficar aqui de novo esta noite? Meus sonhos estão piorando, e se eu correr para a rua novamente? Terei uma cama de verdade para você dormir desta vez."

Ele ficou em silêncio do outro lado por alguns segundos. "Talvez eu deva."

A adrenalina correu por seu sangue quando ela se lembrou de sua conversa com Anna. “Eu não quero que

você fale com Anna sobre isso. Ela sabe que você comprou mantimentos para mim e consertou minha caminhonete e quem sabe o que mais. Nosso relacionamento é privado. Se você tiver problemas com algo que estou fazendo, fale comigo.”

Ele estalou a língua. "Eu só disse a ela porque ela tirou conclusões precipitadas sobre sermos mais próximos do que deveríamos."

O sangue latejava em seus ouvidos. “E o que há de errado nisso? Nós somos próximos, não somos? Só porque eu não disse que queria um relacionamento imediatamente, não significa que não quero um. Ela tem todo o direito de se preocupar. ”

“Podemos falar sobre isso mais tarde? Quer dizer, eu realmente quero conversar. . . sobre isso, mas o entregador está parado na sua porta com o seu sofá.”

"Oh, certo. Segurança primeiro. Acho que te vejo hoje à noite, então?"

Ela falou na forma de uma pergunta, esperando que ele lhe assegurasse que iria ficar, mas tudo o que ele disse foi “Ok, tchau.” e desligou.

Só o tempo diria. Ela apertou o cinto e terminou mais uma hora de trabalho. Primeiro, ela retornou o e-mail de Gina e confirmou sua participação, depois preparou as caixas para os pedidos de amanhã. Se eles estivessem trabalhando em outro lugar durante a maior parte do dia seguinte, ela queria estar preparada. Depois disso, ela embalou o resto das caixas na caminhonete e as deixou no correio. Eles não seriam

enviados até o dia seguinte, mas seria uma coisa a menos com que se preocupar.

No caminho para casa, ela ligou para Jan. “O que você vai fazer esta noite? Bobby virá mais tarde e preciso de alguma distração. Quer me fazer companhia?”

"Certo. Na verdade, estou visitando um amigo não muito longe. Devo encontrar você em sua casa?"

Ela mordeu o lábio. “Uh, talvez. Pode estarr uma bagunça. Comprei alguns móveis novos hoje e não voltei para casa desde que trouxeram tudo para dentro. Vou mandar uma mensagem com o endereço para você, pego uma pizza e encontro você lá.”

Caralyn sorriu ao desligar a ligação. As coisas finalmente estavam melhorando com Bobby, ela meio que se reconciliou com seu pai e estava se tornando rapidamente amiga de Jan. Deixar as pessoas entrarem em seu presente parecia melhor e melhor a cada dia.

A pizza balançou nas mãos de Caralyn quando eles se aproximaram de sua porta uma hora depois. Além de Bobby ou de uma visita ocasional com seu pai, ninguém mais tinha estado em sua casa e, até então, ela não se importava em qual estado estava. Dando a Jan um olhar de desculpas, ela disse: "Estou em uma fase um pouco minimalista, e minha casa não é nada legal.”

“Não se preocupe com isso. Você falou sobre fantasmas e, se ainda não a julguei, isso não vai acontecer. Aqui, você precisa de suas mãos livres. Dê-me a pizza.”

O alívio se espalhou por Caralyn e aliviou o enjôo em seu estômago quando ela passou a caixa de papelão, destrancou e abriu a porta.

Caralyn congelou na porta. Ela entrou na casa errada? Um grande sofá secional azul marinho ficava na sala da frente. Um lindo relógio antigo e uma decoração combinando adornavam suas paredes brancas.

"O que está errado?" Disse Jan, com as sobrancelhas franzidas. "É outro fantasma?"

Uma risada escapou de Caralyn. Graças a Deus, Jan estava lá. Do contrário, ela não tinha certeza se conseguiria rir da situação. “Não, não um fantasma. Apenas um amigo mandando muito bem.” Ela abriu mais a porta e entrou. Um tapete luxuoso foi adicionado ao corredor, e belas fotos foram espalhadas pelo corredor. Bobby deve ter levado o dia inteiro.

"Já volto." disse ela enquanto se apressava para o quarto de hóspedes. A cadeira de balanço tinha sido substituída por uma cama, e as paredes estavam cheias de espelhos pendurados e molduras que ela poderia preencher mais tarde. Mas onde estava sua cadeira de balanço? Ela deixou Jan na cozinha para encontrar os pratos de plástico e correu escada acima.

A cadeira de balanço estava em um canto, uma cadeira confortável no outro. Ela sorriu apesar do choque de ver uma casa praticamente nova.

Ela pegou o telefone e enviou uma mensagem de texto para Bobby.

Você é incrível. Eu amo isso! Vou jantar com Jan, mas quando você vier mais tarde, tenho algo para você.

Sem esperar por uma resposta, ela vestiu roupas confortáveis e desceu correndo as escadas. "Vou fazer isso, Jan." disse ela ao entrar na sala da frente, onde Jan estava arrumando tudo no pufe de couro branco.

"E o que seria isso?" Jan passou para ela um prato de pizza e as duas se enroscaram em um dos lados do sofá.

“Eu vou me abrir com ele. Experimentar sair com ele.”

Jan largou a pizza em sua mão, fazendo Caralyn rir.

“Foi ele quem decorou esta casa, comprou este sofá, tudo. . . ” Sua voz caiu enquanto sua garganta se encheu de emoção. “Por que demorei tanto para perceber o que ele fez por mim? O que ele *é* para mim?”

Jan deu um longo gole em seu refrigerante. “Isso foi muito decisivo de sua parte. A jornada é importante, mas tenho certeza de que é o resultado final com o qual a maioria das pessoas se preocupa. O seu aconteceu foi que você o botou de lado como seu melhor amigo. Não é um lugar ruim para se estar, na verdade.”

Caralyn sorriu e descarregou sobre os eventos dos últimos dias, incluindo seu envolvimento desastroso com spray de pimenta. A pizza era uma pizza típica de cinco dólares, mas a conversa e o cenário faziam com que parecesse a melhor pizza que ela já provou.

Quando Jan começou a bocejar, Caralyn pegou a caixa de papelão e levou a amiga para fora de casa."Já que não estarei no escritório na segunda, você quer almoçar na terça?"

"Parece bom." Jan se virou quando um SUV subiu a calçada e estacionou atrás da caminhonete de Caralyn. Ela encontrou os olhos de Caralyn e gritou. "Divirtam-se vocês dois."

Quando Jan se afastou em seu Honda Accord, o coração de Caralyn bateu forte em seus ouvidos. Ela não se permitiu mover de seu lugar ao lado da porta, nem mesmo quando ouviu a porta de Bobby fechar ou seus passos ritmados contra o pavimento.

"Olá."

Ela esperou até ouvir sua voz para olhar para ele, para encontrar seus lindos olhos. "Ei." Ela escondeu as mãos trêmulas atrás das costas. "Você comeu? Ainda temos alguns pedaços de pizza sobrando."

Ele balançou a cabeça e seguiu alguns passos atrás dela.

"A casa está incrível. Como você sabia do que eu ia gostar? O sofá azul marinho, o pufe branco, todas as decorações mauticas. É perfeito. E a cadeira no andar de cima também é perfeita. Vai ser bom ter a cadeira de balanço mais perto."

Ele a pegou pelas costas dos braços e a virou para que ela olhasse para ele. Sua garganta apertou quando ela encontrou seus olhos verdes. "Você com certeza está falando rápido."

Ela fez uma careta. "Você entende?"

Ele ergueu uma sobrancelha. “Sim, há algo errado? Você está louca?"

Ela riu, ou tentou. O nó na garganta tornava isso quase impossível. Seus olhos se encheram de lágrimas quando as palavras certas vieram à sua mente. Ela gostava dele. Muito! O calor de suas mãos ao redor de seus braços escorreram até seu rosto e encheu suas bochechas. Como ela poderia contar a ele depois de todo esse tempo? Seria muito tarde?

Suas mãos deslizaram ao redor de sua cintura e a seguraram com força. "Está bem. Me diga o que está errado."

Ela baixou o olhar para os três botões em seu moletom preto. Levantando a mão trêmula, ela tocou cada botão suave. “Nas últimas semanas, passei por muitas coisas pessoais.” A mão dela parou no último botão e ela ergueu a cabeça para encontrar os olhos dele. Sua expressão felizmente permaneceu impassível, então ela continuou. "E eu sou grata que depois de todo esse tempo, você ainda está ao meu lado." Sua voz falhou. "Não sei onde estaria sem você."

Ele mudou de posição, mas não disse nada. A casa estava tão silenciosa que ela podia ouvir a torneira do banheiro pingando contra a banheira de porcelana. O silêncio respondeu a todas as perguntas em sua mente.

Quando ela ergueu a cabeça novamente, ela o viu olhando para o teto, um olhar pensativo em seu rosto. "Ontem . . . por que você não falou sobre isso ontem?"

Ela franziu a testa quando a decepção e o arrependimento invadiram seu estômago. Muito tarde. "Eu não sabia como me sentia até ..."

“Até eu não estar disponível?”

"Isso significa que você e Anna estão juntos?"

“Não sei para onde vão as coisas, mas estou pronto para começar a procurar por alguém.”

Uma pequena vibração de esperança encheu seu peito. “Isso significa que você pode namorar outras pessoas ao mesmo tempo? Casualmente?"

Ele baixou a cabeça e olhou para ela. "Você está sugerindo que gostaria de ser uma dessas mulheres?"

Sem hesitação. "Sim." A palavra soou tão confiante em sua cabeça, mas ainda saiu como um guincho. Ela limpou a garganta e tentou novamente. "Sim. Se é isso que você quer, estou pronta para namorar. Conte comigo." *Muito melhor.*

Ele suspirou e pousou as mãos nos quadris dela. “Uma abordagem lenta seria boa. Eu não quero te assustar.”

"Não se preocupe. Eu não estou indo a lugar nenhum."

Ele pressionou sua testa na dela e suspirou. “Você não sabe quanto tempo eu esperei para ouvir você dizer algo assim. Dê-me algum tempo para resolver as coisas com Anna. Eu sei que ela está esperando por mais entre nós, e eu não quero machucá-la."

Caralyn acenou com a cabeça e se inclinou para ele, permitindo-se demorar em todos os sentidos que ela negou a si mesma. Seu cheiro, seu toque, seus olhos.

A resposta dele não foi a que ela esperava, mas foi alguma coisa. E estar em seus braços, sentir seu calor, era o suficiente por agora.

Vinte e Um

Na manhã seguinte, Caralyn acordou e espreguiçou-se enquanto os raios da manhã espiavam pelas cortinas. Ela correu para a janela e puxou a cortina de lado para permitir a entrada de tanto sol quanto possível.

Estava ensolarado e prometia ser um dia mais quente de inverno. Eles trabalhariam desde o nascer do sol até que o trailer estivesse cheio de visco antes de deixá-lo no prédio da cidade naquela noite. E a cada passo do caminho, Bobby estaria com ela.

Uma batida soou na porta, fazendo-a pular. “Eu trouxe o café da manhã. Pronta para ir?"

Sua voz enviou uma emoção através dela. "Sim."

Mesmo que eles tivessem limpado a cozinha na noite anterior e comprado um edredom para a cama extra, foi facilmente o melhor primeiro encontro que ela já teve. Se seu abraço fosse um indicador de química suficiente, havia muitas coisas pelas quais esperar.

Ela se levantou de um salto e começou a vestir roupas velhas de trabalho, incluindo seus tênis de confiança. "Já saio."

"Bom dia." disse ele quando ela apareceu, entregando-lhe uma caneca de chocolate quente e um ovo cozido. Ele já estava vestido e de olhos brilhantes.

"Você trouxe roupas extras com você?"

Ele acenou com a cabeça e liderou o caminho para seu carro. “Estou sempre preparado.”

"Perfeito. Eu deveria saber.” ela disse, abrindo mais a porta. “Onde está minha cabeça? Estou feliz por ter passado a noite sem nenhum sonho.”

"Isso é ótimo. Devo ser o seu amuleto da sorte.”

"Deve ser."

Assim que eles estavam na estrada, Bobby pegou a mão dela. “Depois de deixarmos nossa carga no prédio da cidade, quer ir para outro encontro?”

Um exército de borboletas se aglomerou em seu estômago com sua ousadia. “Uh, claro. Para onde?"

“Não vou dizendo. Você vai ter que pensar sobre isso o dia todo.”

O sorriso em sua voz enviou uma onda de excitação por ela. “Hum, claro. Eu preciso de algo para isso?”

Ele apertou seus dedos suavemente. "Não, eu só preciso de você."

"Parece bom."

No caminho para o escritório, seu pai ligou. "Ei, você recebeu a referência que enviei?"

“Sim, estamos aceitando o trabalho. Obrigada por pensar em nós."

“É uma ótima notícia.” disse ele. "Sem pressão, mas ela é minha noiva."

A mulher loira que ela viu em seu sonho?

"Querida você ainda está aí? Eu sinto Muito. Não sabia se você se ofereceria para ajudá-la, mas se for estranho...”

"Não, pai, está tudo bem." Ela franziu os lábios. Eles teriam que se encontrar algum dia, e quanto mais cedo ela pudesse embarcar, mais cedo ela poderia perder seus fantasmas para sempre e tentar se reconciliar com seu pai.

“Isso é ótimo, Cara. Ela vai te amar.”

Enquanto seu pai falava sem parar, seu nível de conforto atingiu o máximo, mas olhar para o queixo de Bobby ajudou um pouco. Como esse homem ficou solteiro por tanto tempo? Ela iria garantir que ele ficasse fora do mercado. Indefinidamente.

“Ela é a melhor cozinheira e sempre ilumina a sala com seu sorriso.”

"Pai, eu preciso ir." As palavras saíram de sua boca com um tom áspero, mas velhos hábitos eram difíceis de quebrar. Ela inalou, soltou um suspiro lento e fez questão de usar um tom mais suave. “Estou feliz por você, mas estou dirigindo para o trabalho com Bobby. Estamos recolhendo uma carga para levar à Prefeitura esta noite. Talvez possamos nos encontrar para jantar em breve e ter uma apresentação adequada.”

“Ah, Bobby é um cara legal, não é? Um jantar seria bom.”

Os cantos de sua boca puxaram para cima. Ela o imaginou radiante, talvez até com uma lágrima nos olhos.

Ela desligou antes que o carro pudesse se encher de uma atmosfera cafona, mas segurou o sorriso.

"Esse era o seu pai?"

“Mmm.” ela disse. “A pessoa que me enviou o e-mail é a noiva dele.”

“Estou impressionado que você foi capaz de manter as coisas calmas. Talvez esses sonhos não sejam tão ruins. Se ao menos eu pudesse acompanhá-la, ver as coisas que você está vendo.”

Oh, ele tinha acompanhado bastante. Caralyn escondeu um sorriso enquanto olhava pela janela pelo resto da viagem até o escritório. Marco rebocou o trailer e levou alguns minutos para eles o engatarem na parte de trás do SUV de Bobby. Quando ele a chamou do escritório onde ela estava no meio de uma embalagem com sobras de visco do dia anterior, já eram oito horas.

“Hora de ir.” ele disse, ajudando a empilhar as caixas contra a lateral do escritório enquanto ela juntava suas coisas.

Todos entraram no carro de Marco e, depois que ela trancou a porta, ela foi para lá também. Bobby a pegou pela mão. "Venha comigo."

Ela acenou com a cabeça enquanto sua equipe olhava para os dois. Depois que os dois se acomodaram no carro, e ela não viu mais os rostos dos funcionários, ela bateu no joelho de Bobby. "O que você está fazendo?"

Ele sorriu brilhantemente. “Misturando negócios com prazer.” Suas bochechas se encheram de calor e quando ela desviou o olhar, ele riu. "Você é adorável. Eles sabem há um tempo o que eu sinto por você. Acho que você é a única que não fez idéia.”

“Você poderia apenas ter me dito como se sentia. Isso teria consertado as coisas imediatamente.”

Ele balançou a cabeça e saiu do estacionamento com a caminhonete de Marco o seguindo. "Eu poderia ter feito, mas estava disposto a esperar até que você viesse até mim."

Ela acenou com a cabeça e pegou a mão que ele deixou em seu joelho. Pela primeira vez em muito tempo, ela sentiu esperança e um suspiro de felicidade.

A floresta ficava a uma hora de carro de Wildomar, em uma direção que ela nunca tinha ido. Ela não tinha visto muito da cidade desde a compra da fazenda de visco. Trabalho e casa eram sua vida. Esse pensamento de repente a deixou triste.

"Algo errado?" Bobby disse. Sua voz era suave enquanto ele olhava para o rosto dela e depois de volta para a estrada. "Você estava sorrindo até um momento atrás."

Ela olhou pela janela, perguntando-se quando seus sentimentos se tornaram tão transparentes. “Eu realmente não vi muito da área. Vou de um lugar para outro e sempre volto para a base. Eu me mantive muito segura.”

"O que te fez pensar sobre isso?"

Ela franziu a testa e traçou o contorno da janela. “Estamos na Califórnia! Você sabe quanto tempo tivemos que dirigir para chegar a algum lugar na Geórgia?”

Ele apertou a mão dela e as colocou de volta no volante. “Você quer mudar isso?”

"Não tenho certeza. Foi só um pensamento." Caralyn ficou quieta pelo resto da viagem.

Quando eles chegaram e se juntaram à equipe na floresta, Marco assobiou enquanto examinavam a área. Uma dúzia de acres de cada lado da rodovia estava repleta de carvalhos

crivados de visco. “A cidade ficou mais do que feliz em pegarmos o que quissermos. Há o suficiente aqui para fazer desta uma parada anual.”

“Nossa, isso é o suficiente para atendermos os pedidos até fevereiro.” disse Caralyn. "Espero que você tenha trazido uma escada alta."

"Eu trouxe todas as escadas que temos." disse Bobby com um sorriso. Ele se virou para Caralyn e piscou. "Vamos conseguir um pouco de poder para beijar."

Seu estômago vibrou quando ela pensou em seus lábios contra os dela novamente. Oh, ele era um excelente beijador. Eles poderiam ter feito um bom uso do visco se Bobby não quisesse ir devagar.

Caralyn ficou com Bobby enquanto Rita e Marco seguiam na outra direção com uma escada e um catador. Como estavam em uma floresta mais densa, eles usavam protetores contra galhos ásperos e insetos nas copas.

“Vou subir primeiro.” disse Bobby, depois de colocar a escada perto de uma árvore alta. Sua voz vibrou dentro de sua máscara, mas seus olhos estavam claros e sorridentes como sempre.

Ela se inclinou para mais perto dele e quase caiu.

Ele estendeu a mão e a manteve estável. “Firme.” Ele puxou alguns sacos de lixo pretos do bolso. "Vou deixá-lo cair, se você juntar."

Ela assentiu. "Tenha cuidado lá em cima."

Ele pressionou perto o suficiente para que suas máscaras se tocassem e tudo desaparecesse, exceto seu rosto. Ele

sorriu, seu lindo sorriso preenchendo o pequeno espaço. "Obrigado. Você também."

Na hora do almoço, Caralyn estava encharcada de suor e eles ocuparam apenas metade do trailer. Ela e Rita haviam usado algumas das árvores menores que alcançaram apenas se esticando até que seus galhos parecessem estar prontos para quebrar junto com as folhas caindo ao redor deles.

Quando as escadas foram carregadas e o trailer estava cheio ao máximo com sacos de lixo cheios de visco, as árvores ao redor deles estavam livres dos parasitas e os braços de Caralyn estavam prestes a cair.

Ela os esfregou no caminho de volta para o carro. Bobby correu para o lado dela e abriu a porta. "Ainda vamos sair esta noite, certo?"

“Saber que você iria me levando para sair esta noite é a única coisa que me ajudou a passar o dia. É melhor que seja bom.”

Ele bateu no nariz dela e a ajudou a entrar no carro. "Linda garota."

Quando o carro parou, ela olhou em volta com os olhos turvos. Estava anoitecendo e a caminhonete de Marco não estava atrás deles. "Para onde Rita e Marco foram?"

“Nós dois podemos descarregar as caixas, então eu os mandei para casa. Eles estavam tão cansados quanto você."

Apesar de se sentir muito cansada para se mover, ela deu a ele um sorriso agradecido. "Desculpe por adormecer."

"Você tem um ronco bonitinho."

"Eu não ronco."

"Ronca sim. Agora ligue para quem você precisa para que possamos sair daqui."

"Tudo bem, mas eu não ronco." Ela pegou o telefone e ligou para o número que a mulher da cidade havia enviado para ela. Poucos minutos depois, a senhora loira que ela vira em seu sonho saiu da frente do prédio, praticamente correndo para apertar sua mão.

"Olá, sou Gina. É tão bom finalmente conhecê-la, Caralyn. Seu pai acabou de passar por aqui." ela disse imediatamente. "Deixe-me ir buscá-lo e nós ajudaremos a descarregar."

O coração de Caralyn bateu dolorosamente. Bobby deu a ela um sorriso tranquilizador enquanto a seguia até a parte de trás do trailer.

"Vai ficar tudo bem, Caralyn."

Eles começaram a dividir o que queriam manter para o escritório e o que precisaria ficar para a festa.

"Ei, vocês dois." disse o pai dela, espiando por trás da porta do trailer. Seu sorriso era brilhante e alegre e muito mais agradável do que o que ele compartilhou dias atrás.

"Ola pai."

"Uau! Que carga você encontrou. Achei que você disse que as árvores estavam começando a ficar nuas, Bobby."

"Encontramos uma mina de ouro, hein?"

Os quatro moveram sua carga para o salão principal, onde a festa seria realizada no final da semana. Depois de

fechar o trailer, eles ficaram na calçada, olhando para a vista espetacular da cidade.

"Você pode ter o salão de baile pronto na sexta-feira?"

Caralyn assentiu. “Provavelmente levará alguns dias para decorar, já que é um pouco grande e só podemos decorar à noite.”

Gina deu um passo à frente e deu um tapinha em seu ombro e, felizmente, Caralyn não vacilou. "Ok, parece bom. Planejaremos alimentá-los todas as noites, já que vão trabalhar mais.”

Bobby apertou a mão do pai dela. “Nos vemos amanhã então. Vou levar essa senhora para casa, já que tivemos um longo dia.”

“Oh, sim.” seu pai disse, caminhando para o carro. “Durmam bem. Vocês dois parecem exaustos."

“Obrigada a todos. Te vejo amanhã." Por dentro, Caralyn gemeu ao entrar no carro novamente. Cada parte dela doía.

Ela pressionou a cabeça contra a janela enquanto Bobby se afastava do prédio e voltava para a rodovia. Já era muito tarde. Onde ele planejou levá-la?

A viagem de uma hora e meia de volta a Wildomar foi rápida enquanto eles relembravam o passado.

"Nós crescemos separados no colégio, hein?" Bobby perguntou quando as coisas ficaram mais sérias. "Tivemos algumas aulas juntos no primeiro ano, mas eu estava ocupado com esportes e você com a escola."

Ela assentiu. “Não é como se nossa amizade tivesse mudado. Ainda torci por você nos jogos de futebol.”

“E eu vim a todas as suas peças. Ainda me lembro de quando você era Chapeuzinho Vermelho em *Into the Woods*. Você estava tão fofa naquela pequena capa."

O calor encheu suas bochechas e desceu pelo pescoço. "Você gostava de mim no colégio?"

Ele limpou a garganta e pela primeira vez não olhou nos olhos dela. "Não tenho certeza se houve um momento em que não senti algo por você." Ele fez uma pausa, e as palavras penetraram. Como poderia ser isso?

“Eu gostei muito de você e isso me assustou. Tentei namorar outras garotas, mas simplesmente não sentia o mesmo. Você nunca se perguntou por que acabamos na mesma faculdade?”

Sua boca caiu. “Porque eles têm um bom programa de agricultura e negócios?”

"Ok, vamos continuar com isso." Ele riu e pegou a mão dela. “Mas nós conversamos o suficiente para que eu soubesse onde você estava indo depois do ensino médio. Você raramente muda seu curso depois que sua mente está definida, então a ideia permaneceu em minha mente também."

"Uau." disse ela. “Você é como uma caixa de Pandora. Um toque e seus segredos voarão dessa boca sulista.”

Ele riu e ligou o rádio. “Chega de revelações. Vamos cantar um pouco de country. Estar na cidade me lembrou o quanto eu odeio essa vida agitada.”

No resto da viagem para casa, eles cantaram canções country antigas e riram das novas com batidas de hip hop.

Quando ele parou em sua saída, ela olhou para o relógio. Nove horas não era terrivelmente tarde, mas seu corpo gritava por descanso.

"Mesmo que eu queira sair com você esta noite," disse Bobby, puxando-a de seus pensamentos, "se você se sente como eu, um banho de imersão na banheira de hidromassagem seria mais adequado."

"Realmente?" Oh cara, isso parecia bom. “Gostaria de ter umas dessas.”

“Hum, *eu* quero. Arrume o que você precisa e dirija quando estiver pronta.”

Ela suspirou e esticou as pernas. Uma banheira estava longe de ser tão boa. "Estou ansiosa por isso."

Vinte e Dois

Caralyn esticou as pernas doloridas na água quente. Era tarde, muito tarde, mas ela precisava relaxar depois de seu longo dia de trabalho.

Bobby salpicou seu braço enquanto se movia ao lado dela. “Você perdeu o controle sobre mim. O que você acha?"

Ela suspirou e afundou mais na água para que seus ombros nus esquentassem. “O ar noturno está perfeito.”

Ele chegou mais perto até que suas pernas e braços roçaram um no outro. Tanta pele. O calor inundou seu rosto e pescoço, mas a sensação era tão boa que ela não queria ceder.

Bobby estava levando as coisas devagar, como ele disse que faria, mas ela estava pronta para seguir em frente. Seu queixo roçou sua bochecha quando ela olhou para cima para pegar sua expressão. Seus olhos estavam fechados e um pequeno sorriso apareceu em seus lábios.

"Sobre o que é esse sorriso?" ela perguntou com uma risada. Seus olhos se abriram e ele esfregou os narizes nos dela uma vez antes de encontrar seu olhar.

"Eu só estava pensando."

"'Sobre o quê?"

"Sobre nós?"

“Essas frases curtas não estão levando você a lugar nenhum. Elabore ou vou sentar bem ali.” Ela apontou para a banheira de hidromassagem.

Ele balançou a cabeça e puxou-a para mais perto. "Não. Você é minha. Eu sonhei como seria. Nós." ele disse quando ela deu a ele um olhar questionador. "Achei que você nunca me veria como algo mais do que um amigo, ou pior ainda, um empregado." Pressionando sua bochecha fria contra a quente dela, ele suspirou como se tudo no mundo não importasse, desde que estivessem juntos. Ou talvez seja apenas como ela se sentia.

Ela estalou a língua. "Talvez você devesse ter me contado antes. Você poderia ter me pego há muito tempo."

Ele ergueu a bochecha e encontrou os olhos dela. "Realmente?" Ela assentiu e ele se inclinou para beijá-la. Um pequeno beijo perfeito. Seus olhos brilharam enquanto ele se afastava. "Oh cara, pensei que você fosse se afastar."

Ela se virou para encará-lo e colocou os braços em volta do pescoço dele. Ele levantou uma sobrancelha e se inclinou. Fechando os olhos, ela esperou pela sensação suave de seus lábios, mas nunca veio. "O que está errado?" ela perguntou, abrindo os olhos novamente.

A atenção de Bobby não estava nela, mas atrás dela.

Ela se virou para ver o que prendia o olhar dele, e seu estômago embrulhou em seus pés.

Anna estava lá em um biquíni azul elétrico aparecendo por baixo. "Parece que entrei na festa um pouco tarde. Achei que você disse que estava cansado demais para sair."

Caralyn olhou para Bobby, mas ele não olhou nos olhos dela. "Desculpe. Foi um longo dia e nós dois precisávamos de um bom banho. Quer se juntar a nós?"

Anna ergueu as sobrancelhas. “Parece que você precisava de mais do que isso. Eu adoraria me juntar a *você,* mas precisamos conversar primeiro.”

Hora de ir. Caralyn se levantou e agarrou sua toalha da borda de concreto da banheira. “É melhor eu voltar para casa. É tarde e temos um grande dia amanhã.”

Salpicos soaram atrás dela, mas ela não olhou para trás. Deixe que ele converse com Anna. Seria melhor se tudo ficasse claro de qualquer maneira.

Bobby fantasma a sacudiu de seu sono horas depois. Ela abriu os olhos e gemeu. Cada músculo doía. Ela ergueu o braço para testar as coisas e fez uma careta. “Trabalhamos muito hoje. Preciso descansar ou sua outra metade vai notar.”

“Fico feliz em ver que você não está totalmente brava comigo. Ouvi dizer que o fim da sua noite foi difícil.”

Ignorando a dor em seus músculos, ela se sentou na cama e sorriu. "Está certo. Você pode me mostrar o que aconteceu.”

Ele balançou sua cabeça. “Não é justo que você veja minha vida por dentro, mas não tenho ideia do que você está pensando. Você sabe como fiquei triste depois que você me deixou com ela?"

“Pare de falar na primeira pessoa quando você nem é uma pessoa real. Leve-me até Bobby.”

"Ainda não. Primeiro, precisamos verificar algumas outras pessoas.”

"Eu pensei que não tinha muito no meu presente."

Bobby fantasma sorriu e estendeu a mão. “Você fez progresso. Estou orgulhoso de você."

Ela sorriu e se agarrou a ele. “Se não fosse no meio da noite, eu teria o prazer de receber um elogio. Agora, preciso dormir mais.”

"Não vai acontecer. Vamos."

Em vez de levá-la para ver Bobby, o fantasma a levou para a casa de Jan.

"Porque estamos aqui?" ela perguntou ao fantasma.

"Porque Janice está no seu presente agora."

Caralyn sorriu apesar de sua confusão. A casa de Jan era mais bonita do que a de Caralyn e tinha o tamanho perfeito. Três gatos circulavam seus pés enquanto ela servia comida de gato para eles. Depois de acariciar cada um deles, Jan se preparou para dormir e segurou um porta-retratos do marido perto do peito enquanto ela adormecia.

"Eu deveria saber que ela estava sozinha."

Bobby fantasma acenou com a cabeça uma vez. "Você poderia fazer algo sobre isso."

Caralyn assentiu. "Anotado." Sem marido ou filhos, não havia muito mais do que seus gatos para onde voltar. Talvez Jan estivesse disposta a ajudar com a decoração da festa de visco e ir dançar com Caralyn no final da semana.

Antes que ela pudesse sugerir seu novo plano, a sala desapareceu e o apartamento de seu pai apareceu. Ele estava assistindo ao noticiário com Gina no sofá. Ela sentou-se o

mais perto que pôde de seu pai, sem sentar em seu colo, enquanto ele falava sobre a notícia.

"Isso é interessante." disse Gina. “O outro jornal não disse algo completamente diferente?”

Ele olhou para o telefone e acenou com a cabeça. "Sim. Faz você se perguntar quem está certo e quem está espalhando mentiras.”

Foi interessante ver os dois juntos. Seu pai diria algo, e ela responderia com uma declaração de acompanhamento que o apoiou. Caralyn e Bobby raramente concordavam nas coisas, mas ela percebeu que Gina fez um esforço para ouvir e responder pensativamente.

“O que você achou da minha garotinha? Ela não é incrível?”

As bochechas de Caralyn queimaram enquanto falavam sobre ela.

“Aquela garota tem espírito. Eu gosto dela. Posso dizer que ela é trabalhadora e uma mulher de negócios inteligente. Ela e Bobby ficavam muito fofos juntos. Eles estão namorando?”

Seu pai deu a Gina um sorriso preocupado. “Mais ou menos, mas seria bom se eles ficassem juntos um dia. Bobby gosta dela desde o ensino fundamental.”

Caralyn riu. "Até o papai sabia."

Bobby fantasma cruzou as mãos sobre o peito e acenou com a cabeça. "Você é a única que estava alheia."

Gina deu um tapinha nas costas do pai e os dois foram para a cozinha. Caralyn seguiu atrás de seu pai quando as bordas do sonho começaram a desaparecer.

“Trabalhamos muito esta noite.” disse Gina. "Vamos alimentá-lo."

Os cantos da boca de Caralyn se curvaram em um sorriso e o casal desapareceu lá dentro.

“Ela não é tão ruim.” ela murmurou enquanto Bobby fantasma a arrastava para a próxima memória - no carro de Bobby.

Ele já havia deixado o trailer na fazenda e estava se afastando de casa. Seu rosto estava torcido em confusão, e depois de uma milha de silêncio estúpido, ele desviou para a direita e estacionou. Mesmo que ela estivesse perfeitamente segura no sonho, os carros passando por ela pareciam reais enquanto sacudiam o carro dele na estrada.

Ele pegou o telefone e ela se inclinou a tempo de vê-lo pressionar o minúsculo ícone do telefone nas informações de contato de Anna. Seu coração parou.

- “”Ei, querido.” - disse Anna, sua voz tão alta que Caralyn podia ouvir. “Estou saindo do banho. Devo estar aí em menos de uma hora.”

“Ei, eu sei que você mandou uma mensagem de texto que está vindo, mas preciso cancelar. Tenho andado por aí e estou exausto. Precisamos conversar, mas podemos fazer isso outra noite?”

“Bobby, você sabe que eu vim aqui por você, certo? Claro, eu queria ir a esta conferência de negócios, mas escolhi

porque sabia que você morava aqui. Estou sentada no meu apartamento esperando sua ligação. Você não vai me deixar ir trabalhar com você, está cansado demais para me ver depois do trabalho e, nos últimos dias, não te vi nada. Vou embora no final da semana, a menos que as coisas mudem."

Bobby deixou cair o rosto nas mãos e esfregou-o. "Olha, eu não queria dizer isso por telefone, mas acho que seria melhor."

O coração de Caralyn bateu forte quando a linha ficou em silêncio. Bobby parecia atormentado com sua decisão. Ela se inclinou para ver se Anna ainda estava lá.

"Podemos pelo menos falar sobre isso?" Anna perguntou entre fungadas dramáticas.

Caralyn revirou os olhos. "Oh, controle-se. Ele mudou."

"Que tal se eu levar você para almoçar amanhã, e podemos conversar."

Mesmo sendo difícil ouvir Bobby consolar Anna, ele escolheu Caralyn naquela noite.

"Bem, isso é promissor, certo?" disse Bobby fantasma, pegando seu cotovelo.

Quando o carro de Bobby desapareceu e ela foi devolvida ao quarto, Caralyn estava pronta para protestar. "E depois que eu saí? O que ele disse a ela? Eles falaram? Eles vão sair amanhã?"

Bobby colocou as mãos nos quadris e franziu a testa. "Eu só posso ver o que já aconteceu. E se eu te mostrar tudo, como você vai ter fé em mim? Você não confia em mim agora?"

Caralyn ignorou o comentário dele. Não havia ninguém em quem ela confiasse mais do que Bobby. Mas Anna, nem tanto. “Tudo bem, mas eu sei que o futuro Bobby está chegando. Estou morando no Conto de Natal, um muito mais romântico. Você me beijou esta noite."

Bobby fantasma sorriu e deu um tapa no joelho. "Sim eu fiz. Quase fiz de novo. Agora, descanse um pouco. Posso não saber o futuro, mas sinto que coisas boas estão por vir.”

Vinte e Três

No final da noite de quinta-feira, todas as janelas e portas estavam cobertas de folhas de visco. Os três dias anteriores foram longos, mas divertidos. Sua equipe trabalhava 24 horas por dia, enviando pacotes de visco durante o dia e decorando o prédio da cidade à noite.

Nos últimos três dias, ela se aproximou de sua equipe e de Gina e Jan, que ajudavam todas as noites. Isso ajudou a aliviar a inquietação que ela sentia por não saber exatamente como Bobby se sentia por Anna. Em vez disso, ela se concentrou na atenção extra que ele dava a ela quando jantavam juntos ou trabalhavam lado a lado amarrando fitas vermelhas e prateadas nas bolas de visco e inserindo velas falsas dentro antes de pendurá-las na sala principal.

Antes de fazerem as malas na noite de quinta-feira, Gina fez um círculo completo no centro da sala. “Tudo parece tão bom. As fitas, as luzes, as bolinhas de visco. Tudo parece tão maravilhoso.”

"Obrigada. Foi muito divertido e nos deu uma pausa na programação normal.”

Tinha sido uma longa semana e Caralyn estava pronta para cair na cama. Seus braços, pulsos e dedos doíam de tecer luzes por longos períodos de tempo enquanto esperava que os homens de sua equipe pendurassem tudo no local perfeito.

"Você parece cansada." disse Gina enquanto os ajudava a empacotar suas coisas. “Nós podemos fazer qualquer toque final antes da dança, então venha amanhã à noite. Você fez um trabalho incrível.”

"Parece bom."

Caralyn enxotou os outros membros da equipe de volta ao carro e reuniu suas ferramentas. Quando ela chegou ao carro, ninguém estava lá, exceto Bobby.

"Onde todos foram?"

Ele deu um sorriso tímido. “Marco dirigiu, então eles seguiram em frente. Eu disse a eles que queria você para mim esta noite."

Ela engoliu em seco e o seguiu até a caminhonete. Estar em um espaço fechado com ele sempre fazia seu coração disparar.

Assim que chegaram à rodovia, Bobby iniciou a conversa. “Percebi que você está começando a escrever mensagens pessoais para cada caixa que enviamos. Isso é incrível.”

Ultimamente, em seus sonhos, Bobby fantasma a levara para as casas e empresas para onde seu visco estava sendo enviado. Foi divertido vê-los surpresos com as notas pessoais que ela incluiu em cada caixa. “É apenas algo pequeno, mas acho que vai nos ajudar a longo prazo. Eu odeio receber um produto em uma caixa sem nada mais. Quero mostrar aos nossos clientes que cada compra é importante para nós, para que continuem voltando.”

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e voltou a colocar a mão no volante. “E quanto ao pacote de bônus para o instituto do câncer que Rita me contou? Você tem feito todos os tipos de coisas.”

Seu elogio a encheu da cabeça aos pés. “Tínhamos todo aquele visco extra e era de graça, exceto pelo nosso trabalho. Parecia um desperdício não fazer nada de bom com isso.” Ver o pacote sendo aberto com Bobby fantasma a fez chorar. O dono da empresa ligou pessoalmente para ela no dia seguinte para agradecê-la. “Eu acho que se eu puder salvar a mãe de outra pessoa, tudo valerá a pena.”

Bobby largou a mão no assento até que estivesse a centímetros da dela. Ela flexionou os dedos lentamente, aproximando-os. E então, de repente, ele pegou a mão dela. Seu calor viajou por seu braço e fez cócegas em seu peito. Segurar as mãos sempre pareceu tão íntimo. Pele tocando, esfregando o polegar, dedos se encaixando perfeitamente. O sentimento nunca envelheceu.

“Eu queria ficar a sós com você a semana toda, mas havia muito o que fazer.”

Ela sorriu, pensando exatamente a mesma coisa.

A viagem foi rápida, muito mais rápida do que ela queria. Quando ele puxou a saída em direção à casa dela, ele virou à esquerda em vez de à direita.

"Onde estamos indo?"

Ele acenou com a cabeça em direção ao relógio no painel. "É mais cedo do que nas noites anteriores, então eu

esperava que pudéssemos marcar esse encontro." Ele piscou, enviando uma emoção através dela.

"Certo. Hoje não foi tão ruim quanto a noite em que colhemos visco, mas meus braços ainda estão doendo."

Ele assentiu. "Não se preocupe. Esta atividade exigirá apenas que você aponte."

"Apontar?" Ela murmurou a pergunta para si mesma, esperando que ele desse mais dicas, mas ele estava decidido a manter o segredo. Poucos minutos depois, ele entrou em um estacionamento gigante cheio de carros.

Bobby encontrou uma vaga na parte de trás e estacionou o carro. Ele se inclinou até que seu rosto estivesse a centímetros de distância. "Essa coisa de namorar você, eu realmente gosto." Ele roçou um beijo como uma pena contra seus lábios.

Oh, ela gostava de sair com ele também. Talvez demais. Caralyn tentou não pensar demais nas coisas, mas o pensamento dele com Anna permaneceu em sua mente como cola.

"Você pode me dizer o que estamos fazendo?"

Um sorriso travesso apareceu em seus lábios perfeitamente beijáveis enquanto ele retirava a mão para desligar o carro e pegar sua carteira. "Você não pode dizer?"

Ela levantou uma sobrancelha e olhou ao redor. Havia outros carros no estacionamento e as pessoas circulavam, mas ela não conseguia enxergar bem no escuro. "Não. Um Drive In?"

"Bem, estive pensando. . . "

"Isso nunca é um bom começo." disse ela, sorrindo, apesar da pontada desconfortável rastejando em sua consciência.

"Achei que era hora de iluminar um pouco a sua casa." Ele saiu do carro antes que ela pudesse dizer que ele já tinha feito isso.

Ela o encontrou na frente do carro e se espreguiçou. Casais e famílias passavam, balançando os braços e indo para o final do estacionamento. Parecia que eles estavam de volta ao campo e não no meio de uma cidade lotada. "Você não decorou minha casa o suficiente?"

“Isso não conta. Precisamos decorar para a próxima semana.” Ele pegou a mão dela e seguiu as famílias.

Decorar? Isso é o que eles estavam fazendo há dias. O que restou fazer?

Sinos retiniram ao longe e cheiros de chocolate quente e cidra passaram por ela. *Ah não!* Ela olhou ao redor do estacionamento, procurando no topo dos carros. Seu olhar congelou em um caminhão já carregado com um fardo pesado.

Assim que o reconhecimento apareceu, Bobby falou. “Esta temporada não estaria completa sem uma árvore de Natal.”

Caralyn parou de andar e puxou a mão dele. “Bobby, eu sei que tenho passado por algumas mudanças ultimamente, mas não estou pronta. Desde que mamãe morreu, não comemoro o Natal. Eu não posso suportar fazer isso sem ela aqui."

Bobby pegou a mão dela novamente e levou-a à boca. "E o que ela diria sobre isso?" Seus lábios roçaram sua pele enquanto falava, aliviando seu desconforto. "Você acha que ela ficaria feliz sabendo que você estava vivendo sua vida dessa maneira, ignorando momentos especiais e negando-se a memórias preciosas, só porque ela não está por perto?"

Ela largou a mão e agarrou o peito. Suas palavras a atingiram bem na parte mais suave e vulnerável de seu coração, a parte que ela finalmente expôs depois de anos de cura. Era como se ele tivesse se transformado em Bobby fantasma e a estivesse repreendendo por não viver a vida ao máximo. “E-eu não posso...” ela sussurrou. “Não consigo seguir em frente.”

Ele a pegou pela curva do braço e a puxou entre dois carros para que não ficassem no caminho. “Eu não estou pedindo para você esquecer sua mãe. Estou dizendo que você precisa continuar vivendo para ela.”

Caralyn pensou na conversa que tivera com Jan na semana anterior. Jan sentia falta do marido, mas ela continuou vivendo, mantendo-o em seu coração e apreciando o tempo que lhe restava.

“E se for muito difícil? Praticamente tudo sobre o Natal me lembra dela.”

Ele pressionou os lábios em sua testa uma vez. “Tenho certeza que será difícil da primeira vez, mas você não está sozinha. Esta noite, a única coisa com que você precisa se preocupar é apontar para a árvore certa.”

Apontar para uma árvore? Isso seria bastante fácil. Reunindo coragem, ela balançou a cabeça e fechou os olhos. Ela poderia fazer isso. "Tudo bem vamos lá."

Ele passou o braço pelo dela e a conduziu para o fundo do estacionamento. Ela relutantemente espiou através de suas pálpebras bem fechadas. O estoque das árvores de Natal era em um lugar barulhento e bagunçado. Pinheiros altos se erguiam acima das fileiras de abetos espalhados a cada poucos metros. O ar estava cheio de cheiros de pinho e cidra. Um homem vestido de Papai Noel tocou um sino, pedindo doações para os pobres, e as crianças se esquivaram das árvores enquanto seus pais discutiam qual delas levar para casa.

Seu estômago se revirou enquanto observava a cena. Se ela não saísse de lá logo, eles iriam embora sem o conteúdo de seu estômago também. Ela apontou para a primeira árvore decente que viu. "Aquela."

"Está?" Bobby ficou ao lado dela e a estudou. Ele tocou a árvore Charlie Brown. “Parece meio surrada. Tem certeza de que não quer olhar mais ao redor?”

“Você me disse para apontar, e eu fiz. Minha parte acabou. Se você quer uma árvore, eu quero aquela com aparência abatida que ninguém mais quer.”

Ele olhou para a árvore novamente e depois para ela. "Este é um bom ponto. Acho que qualquer árvore pode se tornar bonita.”

Ela assentiu, embora não tivesse certeza do que ele quis dizer. A árvore estava inclinada para a esquerda e, embora não fosse perfeita de forma alguma, parecia tão desgastada

quanto ela se sentia e serviria perfeitamente. Alguém tinha que levar os entes menos queridos para casa também. "Vamos."

Ele riu e foi para a frente pagar. Ela ficou perto da árvore enquanto ele pagava e deu a qualquer um que passasse por ela um olhar de aço. Agora que ela a estava segurando, muitas pessoas pareciam interessadas nela. Só precisava de um pouco de atenção.

Assim que Bobby voltou, ela o ajudou a amarrar a árvore no topo do carro. “Cuidado com os galhos.” ela murmurou enquanto ele o prendia. “Ela já passou por muito.”

Bobby sorriu e jogou a corda para ela se enrolar no carro. “Parece que você se apegou à nossa árvore.”

Ela bufou e subiu na caminhonete. "Não sei do que você está falando."

No caminho para casa, ela manteve o foco na noite escura durante todo o trajeto. Sua mãe ficaria feliz com suas mudanças sutis? Ela disse que voltaria a visitar no dia 20. Isso estava chegando em breve. Seus esforços seriam suficientes? Ela não conseguia deixar de se preocupar com a possibilidade de desapontar a mãe mais uma vez.

Eles pararam no drive-through da Burger Shoppe, compraram hambúrgueres e batatas fritas e foram para casa. Enquanto ela comia suas batatas fritas, Bobby parou em sua garagem e estacionou ao lado de sua caminhonete.

"Você quer terminar o seu jantar no carro enquanto eu arrumo tudo?" ele perguntou.

Ele não tinha falado muito durante todo o caminho para casa, e ela estava grata pelo tempo extra que teve para

processar, mas agora parecia cedo demais. “Conseguimos tudo?”

Ele se inclinou e pressionou seus lábios nos dela para um beijo rápido. "Você vai ver. Espere aqui."

Ela o ajudou a desembrulhar a árvore e tirá-la do carro, mas então ele a enxotou de volta para a caminhonete, onde ela terminou suas batatas fritas. Uma luz se acendeu na entrada da frente, e embora ela não pudesse vê-lo quando ele estava na sala da frente, ela viu um movimento atrás da cortina fina.

Para dar a ele mais tempo, ela abriu um aplicativo em seu telefone e jogou enquanto esperava. Assim que ela empacotou o lixo e jogou na lata do lado de fora, a luz da sala da frente se apagou. Alguns segundos depois, a porta da frente se abriu e Bobby espiou a cabeça para fora. "Vamos. Está na hora."

Apesar de sua relutância em ter uma árvore de Natal em sua sala da frente, a emoção a percorreu. Era a mesma sensação que tinha quando criança, ansiosa para correr para a sala da frente para ver os presentes.

Bobby pegou a mão dela assim que ela alcançou a porta, então cobriu os olhos dela com a mão livre. Ele pressionou os lábios em seu ouvido e falou baixinho. "Você ainda terá que decorá-la, mas isso é parte da diversão."

Ela suspirou e deu pequenos passos em sua casa. Ele a segurou com força com uma mão em sua cintura e a outra sobre os olhos enquanto a conduzia para a sala da frente. A luz espiou pelas rachaduras de sua mão. Ela sorriu apesar de sua hesitação.

Ele largou a mão. "Surpresa. O que você acha?"

Pequenas luzes brancas estavam amarradas firmemente ao redor de cada galho da árvore. Seus olhos caíram para o chão onde a familiar saia vermelha e verde de sua família estava envolvida amorosamente em volta da árvore. Ela se ajoelhou e passou a mão no feltro áspero. “Eu costumava deitar nisto e olhar para as luzes. Onde você achou isso?"

“Seu pai me deu outra noite, quando estávamos fazendo uma pausa na decoração do prédio da cidade. Ele queria dar a você esta caixa de enfeites por um tempo, mas não tinha certeza se você iria querer.”

Ela olhou ao redor da sala e engasgou quando seus olhos pousaram na caixa. Sua boca se contraiu enquanto seus olhos se encheram de lágrimas. As decorações familiares de Natal apareciam em uma grande caixa ao lado da árvore. Algumas ela tinha visto em seu sonho. Ela se levantou e deu um passo mais perto de sua infância. "Bobby, eu... Obrigada."

Ele sorriu e passou um braço em volta da cintura dela. “Foi tudo seu pai. Eu sou apenas o mensageiro.”

"Parece que estive errada sobre ele o tempo todo."

"Como assim?"

Ela encolheu os ombros e se deitou sob a árvore e suas belas luzes, a saia áspera da árvore tocando sua nuca. "Talvez um dia, eu tenha coragem de te dizer."

Ele estava deitado ao lado dela, a cabeça a alguns centímetros de distância. Ele cobriu a mão dela. “Ficarei feliz em ouvir isso quando você estiver pronta. Eu não vou a lugar nenhum."

Caralyn engoliu o grande nó que se formou em sua garganta. As coisas pareciam muito perfeitas. Um tempo fácil juntos. De mãos dadas, uma longa viagem, um jantar para viagem. Era tão insignificante, mas tão significativo ao mesmo tempo.

"O que você está pensando?"

Ela suspirou. “Estou apenas contente. Hoje foi um dia chato e normal. Trabalhamos, comemos e descansamos debaixo de uma árvore. Isso é típico para esta época do ano. Mas tudo parece tão especial.”

Ele se afastou da árvore e se apoiou no cotovelo. Com a mão livre, ele traçou os lados do rosto dela e sorriu. "Estou feliz que você e eu pensamos da mesma forma."

Ela olhou para a árvore e ficou maravilhada com as camadas. “Tudo é perfeito neste momento. Estou com um pouco de medo de que a realidade se intrometa e tire um pedaço da minha felicidade.”

"Honestamente, eu também, mas não vou deixar isso me impedir." Ele se deitou ao lado dela novamente, seus dedos fazendo cócegas nos dela. Cada segundo foi carregado com sua proximidade.

Ela suspirou e fechou os olhos, ainda vendo as luzes brilhantes atrás de suas pálpebras. "Quando você me disse que queria levar as coisas devagar, fiquei preocupada que tivesse algo a ver com ter sentimentos por Anna."

Ele apertou suavemente a mão dela. “Eu sei que Anna estar aqui te deixa ansiosa, mas não há nada para se preocupar. Ela e eu terminamos há muito tempo. E no que

diz respeito a querer levar as coisas devagar, é porque eu realmente tenho tesão por você e se você decidir desistir, isso pode me esmagar.”

Ela se afastou para poder ver seu rosto. Honestidade, confiança, amor, ela viu tudo em seu olhar firme. "Você não sabe, uma vez que eu decido fazer algo, estou dentro?"

Seus olhos procuraram os dela. "Na outra noite, quando Anna acabou de se qheixar, ela me pediu para levá-la ao aeroporto."

"OK."

Ele franziu a testa e pegou as mãos dela. “É na noite do baile. Ela vai ficar perto do aeroporto e depois pegar o ônibus na manhã seguinte.”

A inquietação deslizou em sua mente. "Isso significa que você não irá?"

“Não, estarei lá, mas vou levar Anna comigo. Pareceu rude não pedir a ela para vir comigo uma vez que soube de meus planos, mas eu realmente quero levar você."

Ela assentiu. “Mesmo que eu não ame a ideia, eu entendo e confio em você. Mas acho que vou encontrar outra carona. Eu ia pedir a Jan para ir comigo.” Não era uma mentira total, mas agora que as palavras saíram, ela definitivamente queria convidá-la. "Mas talvez você possa me levar para casa."

"Absolutamente. Estou triste por não ficarmos juntos a noite toda, mas salve-me todas as suas danças."

“Absolutamente.” ela ecoou de volta para ele.

Seu olhar caiu para os lábios, mas ela não precisava perguntar. Ele pressionou seus lábios nos dela e a beijou até que ela estivesse tão brilhante e alegre quanto as luzes acima dela.

Vinte e Quatro

No dia seguinte, depois de uma noite sem sonhos, o dia de trabalho se arrastou. As pessoas tinham pedidos urgentes de um dia, e Caralyn se dirigiu até o correio várias vezes antes de finalmente trancar o escritório algumas horas depois.

Ela olhou para a calçada e viu Jan esperando na frente de sua loja, balançando uma bolsa. “Pronta para gastar algum dinheiro?”

Caralyn forçou um sorriso. Além de algumas roupas novas, seu armário estava faltando no departamento formal. "Estou supondo que meu vestido preto novo não vai servir em uma festa de Natal."

"Não. Vamos."

Quando chegaram à loja de vestidos meia hora depois, Caralyn estava determinada a escolher o primeiro vestido que visse. Sabendo disso, Jan caminhou à frente dela, passando os dedos pelos vestidos no cabide antes que Caralyn pudesse vê-los.

"Por que Bobby não convidou você para o baile?" Perguntou Jan. “Quer dizer, estou feliz em levá-la à festa. Parece um pouco estranho, já que vocês dois finalmente estão namorando."

Ela suspirou e afastou um vestido roxo escuro que definitivamente não queria, apesar de ter dito que escolheria o primeiro vestido que visse. "É uma longa

história. Ele vai deixar Anna no aeroporto hoje à noite e permitindo que ela o acompanhe. Mas acho que não importa. Fizemos bons progressos na noite passada. ”

A loja era a mesma que Jan a levara antes, então pelo menos Caralyn estava otimista de que encontrariam *algo* interessante. Enquanto revistavam as prateleiras, Caralyn relatou o encontro deles na noite anterior.

Jan parou e Caralyn bateu nas costas dela. Com um vestido nas mãos, ela se virou para Caralyn com um sorriso. "Acho que encontrei." Era um vestido prateado que ia até o chão com um decote bordado em vieiras e um corpete de renda. O vestido era pontilhado com detalhes cintilantes, um detalhe na cintura drapeada e uma saia de chiffon com corte A que caía graciosamente no chão. Era elegante e o vestido perfeito para ficar ao lado de qualquer pessoa em uma sala.

“Bonito.” foi tudo o que Caralyn conseguiu dizer. Um vestido era um vestido.

Jan deu uma olhada em Caralyn e seu sorriso se alargou. “Tamanho perfeito também. Você vai ficar linda.” Jan virou o vestido e o segurou na frente de Caralyn. "Você acha que vai caber?"

Caralyn respirou fundo e encolheu a barriga. Ela não era magra como uma modelo, mas não tinha problemas com excesso de peso. "Talvez."

Jan entregou a ela e acenou com a cabeça em direção ao provador. “Você vai parecer uma princesa ao lado de Anna. Eu sei que você está desconfiada dela, mas uma noite com este vestido vai convencê-la a seguir em frente. Confie em mim."

Anna não se convencia facilmente, mas Caralyn não precisava de sua aprovação para namorar Bobby. Seria bom ter certeza de que Anna sabia seu lugar no coração de Bobby. Inexistente.

Suspirando, ela pegou o vestido. "Tudo certo. Vou dar o meu melhor.”

Depois de passar pelas portas da Prefeitura, pelo corredor e pelo longo corredor, Caralyn e Jan entraram no salão de baile principal, onde o baile seria realizado. Caralyn olhou ao redor da encantadora sala cheia de luzes, visco e alegria de Natal. Embora a visão uma vez a incomodasse, ela não podia negar que era de tirar o fôlego.

"Ooh, as bolinhas de visco ficaram lindas." disse Jan. “Elas ficam bonitas com as fitaa vermelhas e as luzes.”

“Não poderia ter feito isso sem a sua ajuda.” disse Caralyn.

Eles os penduraram meticulosamente no teto alto em pelo menos três dúzias de pontos. Todo o esforço valera a pena, porém, e inúmeros convidados apontaram para o teto com expressões deslumbradas.

Jan estava linda em seu vestido de noite de chiffon vermelho cereja que flutuava em torno de seus saltos combinando. Foi um alívio ter a doce mulher ao seu lado, já que a maior parte da sala estava cheia de grupos de casais. Caralyn assegurou-se de que suas varreduras visuais da sala nunca demorassem muito. Ela verificou seu vestido

outra vez e seu coque francês para ver se algum fio de cabelo havia se soltado.

Ela encontrou um par de saltos prateados que eram tão brilhantes quanto seu vestido e clicavam alto a cada passo.

- “Pare de se preocupar, querida.” - sussurrou Jan. "Você está bonita. Você vai fazer aquele menino cair de costas."

Caralyn sufocou uma risada e se dirigiu para a mesa de comida. Antes que ela pudesse alcançar um prato, alguém a segurou pelo cotovelo.

“Querida, você está linda.” disse o pai dela, deixando cair a mão e colocando-a atrás das costas. Gina se aproximou dele e sorriu.

Caralyn e seu pai se viram mais na última semana do que desde que ela se mudou para a Califórnia. Mas seu coração bateu forte de decepção por não ter sido Bobby atrás dela.

"Obrigada, pai." Ela encontrou os olhos de Gina e sorriu. Nos últimos dias, a mulher provou ser digna de seu pai, mais do que digna.

“Tudo parece tão mágico.” disse Caralyn. “E o lugar está lotado.”

Gina sorriu. “Eu acho que seu visco adicionou o melhor toque. Muitas pessoas elogiaram as luzes suspensas.”

"Aí estão vocês." Caralyn congelou quando Bobby e Anna se juntaram ao grupo. Embora ele não a estivesse segurando, Anna ficou ao seu lado. “Uau, você está linda Caralyn.” disse Bobby.

Até aquele ponto, ela evitou encontrar seus olhos, mas ela não podia mais. Ela olhou para cima, vendo-o

totalmente. Um smoking preto, um sorriso só para ela e o rosto mais bonito que ela já tinha visto. Suas bochechas se encheram de calor enquanto seu olhar nunca vacilou. "Obrigada."

Apenas Anna parecia irritada. Ela puxou seu braço. "É bom ver vocês, mas nós vamos dançar."

Por meio segundo, o rosto de Bobby piscou de aborrecimento, mas ele se virou e a seguiu até a pista de dança onde uma música tinha acabado de começar.

"Quero dançar?" seu pai perguntou a ela.

Caralyn olhou para sua mão estendida, e o desejo de ver sua mãe cresceu em seu peito. Mas sua mãe não estava lá, e quanto mais cedo ela aceitasse o fato, mais cedo ela poderia começar a viver no presente. Sua mãe fantasma ficaria orgulhosa.

"Claro, pai."

Ele a conduziu para o salão, felizmente longe o suficiente de Bobby e Anna para que eles não pudessem olhar para eles, mas perto o suficiente para que ela pudesse espiar através dos casais e ter um vislumbre ocasional.

"Estou muito orgulhoso de você, Cara."

Ela parou de procurar por Bobby e olhou para o pai. “Não tenho feito muito para te orgulhar, hein? Me desculpe por isso."

“Ah, você é muito dura consigo mesmo. Tenho visto e ouvido falar de você mais nos últimos dias do que nos últimos quatro anos.” Ele visivelmente engoliu em seco e olhou por cima do ombro, dando tapinhas em suas costas como tinha

feito em muitos bailes de pai e filha. “A vida nunca é fácil, mas é mais fácil com aqueles que você ama ao seu redor.”

“Pai, você sabe que pode seguir em frente com a mamãe, certo? Gina é muito legal. Eu sei que você *gosta de* Gina, mas está tudo bem em amá-la também. Mamãe gostaria que você fosse feliz. Acho que Gina é perfeita para você.”

Ele pisou no pé dela e se desculpou, mas uma expressão de choque nunca deixou seu rosto. "Você acha?"

“Mamãe sempre estará em nossos corações, mas acho que é hora de seguirmos em frente e continuar vivendo.”

Ela encontrou o rosto de Bobby novamente assim que ele olhou em sua direção. Seus olhos se estenderam para ele, ansiavam por ele. Bobby franziu a testa e se virou para falar com Anna. O peito de Caralyn se contraiu e ela colocou a mão no peito rendado.

"Acho que preciso de um pouco de ar."

"Quer que eu vá também?" Os olhos de seu pai estavam cheios de amor e preocupação.

"Não. Eu ficarei bem." Caralyn se virou e gesticulou para Gina sozinha. “Vá chamar Gina para dançar. E encontre um cara legal para Jan. Ela está sozinha esta noite.”

Sem olhar para o pai, ela fugiu para um conjunto de portas duplas que davam para a varanda. Havia outros casais olhando para o céu escuro, claro demais para qualquer estrela cintilante ser vista, mas ela se desviou de todos e se dirigiu para a área do jardim com vista para a cidade.

Por que foi tão difícil ver Bobby com Anna juntos? Bobby garantiu a ela que a tinha superado. Ela inalou o ar fresco

profundamente. A noite estava linda, e pensar em Anna roubando Bobby dela era uma perda de tempo.

“Bom trabalho, Cara.” ela disse, dando tapinhas em sua perna. "Você está muito velha para ter ciúmes."

"Você está com ciúmes?"

Ela se virou e bateu no peito de Bobby. Ele estava lá, sozinho, olhando em seus olhos. “Eu não sabia que você ia me seguir.” disse ela.

"Eu acho que gosto de você com um pouco de ciúme." Sua voz era suave e aliviou a tensão em seus ombros.

Ela deu um passo para trás para colocar algum espaço entre eles, mas ele segurou os lados de seus braços. Arrepios escorreram por seus braços enquanto seu calor a enchia de fora para dentro.

"Onde está Anna?"

Ele pressionou sua testa na dela e suspirou. "Ela decidiu pegar um táxi para o hotel."

"Isso foi rápido."

Ele gemeu. "Eu posso ter dito a ela que ela não tem chance comigo, e eu iria passar o resto da noite com a pessoa de quem gosto."

Ela ergueu a cabeça. "Realmente?"

“Sim, e estou pronto para me comprometer de todo o coração. Nada mais de ir devagar. Todos os dias, você está mudando, e eu sinto que vou ficar para trás se não segurar você agora.”

Ela agarrou as laterais de seu smoking e puxou-o para mais perto. “É você.” ela disse, sua voz falhando. Foi a

resposta mais verdadeira que ela conseguiu encontrar. Bobby fantasma estava mostrando o caminho, e agora era sua escolha segui-lo. "*Você* está me mudando."

Bobby ergueu uma sobrancelha e se inclinou até que seus lábios estivessem a centímetros de se tocar. "Não tenho certeza de como, mas..."

Ela ficou na ponta dos pés e fechou o pequeno espaço entre eles, pressionando a boca na dele.

Depois de um beijo longo e sem fôlego, ela se afastou dele. “Um dia eu vou te dizer.” ela disse, sua voz saindo como um sussurro. “Mas, por enquanto, sou toda sua. Sem devolução.”

Ele a beijou mais uma vez, e então manteve seu olhar fixo nela. "Como se eu fosse deixar você."

Ela riu e deu um tapa de brincadeira no ombro dele. "Vamos, acho que você me deve uma dança."

Vinte e Cinco

Na manhã de hoje, Caralyn acordou com o tamborilar da chuva. Ela fechou os olhos e repassou a noite anterior em sua mente. Dançando juntos, a volta para casa com Bobby, os muitos beijos de boa noite. Em um instante, seus olhos se abriram.

Ela agarrou seu telefone e o ligou. Uma mensagem de Bobby apareceu na tela.

'Bom dia linda. Ligue-me quando acordar e irei fazer o seu café da manhã.'

Seu coração acelerou e ela chutou as cobertas enquanto gritava como uma adolescente. A vida era tão boa!

Ela mandou uma mensagem de volta, então correu para tomar banho e se preparar antes que ele chegasse. Quando ela terminou e vestiu uma calça jeans e um moletom, ele estava na cozinha, fazendo panquecas. Um buquê de flores rosa em um vaso estava próximo ao fogão.

Ele largou a espátula assim que a viu e puxou-a para um beijo rápido. Com um hálito fresco de menta, ele a beijou novamente antes de se soltar.

"Por que as flores?" ela perguntou, pegando as flores e dando uma cheirada profunda.

Ele segurou sua cintura com um braço e virou as panquecas com a outra. "Essas flores são porque você fica adorável nesse moletom."



Caralyn sorriu e se afastou para colocar a mesa, embora ele mantivesse um dedo preso na parte de trás do cinto sempre que ela estava perto.

O fim de semana continuou no mesmo modo feliz. Fazendo refeições deliciosas juntos, a maioria cozinhada por ele, aninhados no sofá e falando sobre o passado e, claro, trabalhando, porque a semana mais movimentada do ano estava chegando. Não parecia um trabalho quando ela era capaz de beijar o namorado entre embalar cada caixa. Namorado. Ela nunca pensou que chamaria Bobby assim.

Sempre que ela pensava que era tudo um sonho, ela estendia a mão e tocava nele para ter certeza. Sua pele quente era prova suficiente.

Fazia dias desde que Bobby fantasma apareceu, e Caralyn teve o melhor fim de semana de sono que ela teve desde novembro. Ela estava cautelosamente otimista por sua casa estar livre de fantasmas.

Domingo de manhã, ela dirigiu até a casa de Bobby, e eles tomaram o café da manhã juntos, empacotaram alguns pedidos e tiveram o resto do dia pela frente.

"O que deveríamos fazer?" Caralyn perguntou, não querendo ficar enfiada dentro de casa de novo.

“Nós poderíamos explorar.” Bobby sugeriu, um sorriso começando em seu rosto. “Você disse que queria ver mais da cidade. Nós podemos fazer isso."

Ela deslizou a mão na dele e se encostou em seu peito, sentindo seu cheiro. "Certo. Podemos encontrar um novo

restaurante ou visitar um parque. Estou bem, contanto que você esteja comigo.”

Bobby abaixou a cabeça e beijou seus lábios suavemente, forte com gosto de açúcar em pó. Depois de um minuto sem fôlego, ele se afastou. "Meus sentimentos exatamente. Vamos indo. Tenho uma surpresa e quero mostrar a vocês quando voltarmos.”

Ela ergueu uma sobrancelha, mas ele se recusou a dar mais dicas.

"Então, para onde estamos indo?" ela perguntou assim que chegaram à garagem. Em vez de escolher seu SUV, ele a levou para o outro lado, onde estava seu carro esportivo. Era um Chevrolet Corvette Stingray vermelho chamativo. Muito chique para seu gosto.

“Estamos dando uma escapadela de fim de semana.”

“Mas não fui a muitos lugares por aqui.”

“Eu também, mas estive em Griffith Park, onde você pode chegar bem perto do letreiro de Hollywood, e já visitei museus muito legais e estive na praia com meus pais. É divertido e espero fazer tudo de novo com você algum dia. Mas esses lugares estão superlotados e, como temos o dia inteiro pela frente, eu queria fazer um passeio romântico.”

Tingles subiu por seus braços e pernas. . . e bem, em todos os lugares. Ter algo pelo qual ansiar no futuro previsível foi incrível. “Ok, estou no jogo. Onde estamos indo?"

Ele bateu em seu carro de fim de semana e sorriu. “Vamos subir a Rodovia 101, a via costeira é de longe a rodovia mais bonita em que já estive. Quero levar você a

Ventura e talvez a Santa Bárbara, se o trânsito não estiver muito ruim. Caramba, podemos ir tão longe quanto o estado de Washington ou até mesmo o Canadá, se você quiser, mas não hoje."

Ela cruzou os braços com os dele e se inclinou para ele. "Vamos."

O tempo estava um pouco fresco, mas com uma jaqueta leve e o sol brilhando sobre eles, eles baixaram as janelas e ela deixou o braço esticado enquanto viajavam pela bela rodovia ao longo da costa.

A conversa foi leve e fácil, e o passeio foi rápido.

Depois de algumas horas dirigindo, eles pararam em Santa Bárbara e caminharam pelas lojas para turistas antes de voltar. Eles tomaram sopa de mariscos em um café à beira da rodovia antes de voltar. Os olhos de Caralyn começaram a cair alguns minutos na viagem de volta, o almoço pesando em seu estômago.

"Você está cansada?" Bobby apertou a mão dela. Ela o segurou com os dois.

"Sim, desculpa." Ela piscou por muito tempo, então se sentou e balançou a cabeça.

"Durma." ele disse, sua voz lavando sobre ela como um cobertor quente. "Vou aumentar a música e ficar bem."

Ela parou de lutar e fechou os olhos. Estar com Bobby deu a ela uma sensação de paz, e sua vida oscilou à beira da perfeição.

Vinte e Seis

Caralyn abriu os olhos e estremeceu com a luz brilhante. Ela ergueu o braço para cobrir os olhos e gritou de dor.

“Calma, garota. Você bateu com a cabeça com força, e o braço que acabou de levantar está quebrado.”

Era Bobby. Ela reconheceu a voz dele, mas não queria olhar para ele. A luz do quarto disparou uma dor em seus olhos que ressoou em sua cabeça. "Ai."

“Vou fechar a cortina. Fred, você quer acender as luzes? E diga ao médico que ela finalmente acordou.”

"Onde estou?" ela perguntou, sua garganta tão seca quanto o deserto da Califórnia.

As luzes diminuíram e ela apertou os olhos abertos. Muito melhor. Alguém segurou seu braço bom e pousou a mão na dela. Calejado, mas confortável. A mão de Bobby.

“Nós sofremos um acidente.” A voz de Bobby vacilou. Ele estava chorando? Ela abriu um olho e o viu descansando ao lado de sua cama, a mão livre cobrindo o rosto.

O pânico a invadiu. “Estavamos na caminhonete da mamãe? Eu a destrui?"

Ele ergueu a cabeça. "O que? Não, estávamos no meu Corvette. Está uma bagunça agora, mas acho que vai ficar tudo bem.”

"Seu Corvette?"

Ela retirou a mão da dele e esfregou as têmporas. Eles bateram contra seu crânio e bloquearam os sons por alguns segundos. "O que está acontecendo? A última coisa de que me lembro é de carregar os pacotes em seu carro e ir para o correio."

Sua expressão se encheu de confusão. "O que? Não, querida, nós estávamos..."

"Com licença." disse um médico, passando por Bobby. Ela não tinha certeza do que ele estava prestes a dizer, mas não importava. Hoje era primeiro de dezembro, o início de sua temporada agitada na fazenda de visco. Quanto mais cedo ela saísse de lá, mais cedo ela poderia voltar ao trabalho. Qual foi seu total anual? Estava no preto? Vermelho? E por que Bobby a chamou de querida?

"Olá, sou o Doutor Smith. Parece que você teve um solavanco."

Bobby espiou a cabeça em volta do médico. "Eu sinto muito, Urso Carinhoso. Adormeci ao volante e..."

O Dr. Smith se virou e deu um tapinha em seu braço. "Está tudo bem, filho. Acontece. Deixe-me fazer uma pequena avaliação para ver do que Caralyn se lembra. Ela bateu a cabeça com força."

Em vez de ficar ao lado dela, Bobby foi para o fundo da sala e caminhou ao lado de seu pai. O que ele estava fazendo lá? Uma mulher estava ao lado dele, tão imóvel quanto poderia estar. Ele não ia se casar de novo, certo? Eles não se falavam há meses, talvez até um ano.

"Caralyn, você pode me ouvir?" O médico acenou com a mão na frente dela lentamente. Ela piscou rapidamente e acenou com a cabeça.

"Sim, desculpe. O que você perguntou?"

"Qual é o seu nome?"

Caralyn suspirou e respondeu. Durante a meia hora seguinte, talvez mais, Caralyn respondeu a todas as perguntas perfeitamente. Ela sabia seu nome, sua data de nascimento e onde morava. Ela sabia que tinha um negócio e Bobby era seu amigo e seu pai era. . . menos amigo, mas ainda membro de sua família. Dolorosamente, ela se lembrou da morte de sua mãe e de tudo o que isso acarretou. Eram perguntas fáceis, mas tediosas.

“Só mais uma pergunta.” disse o médico, batendo na tela onde estava digitando suas anotações. "Que dia é hoje?"

"Primeiro de dezembro."

O médico olhou para ela, depois de volta para o pequeno grupo congelado no final de sua cama. O que? Ela disse a coisa errada?

“Caralyn, hoje é 20 de dezembro. São dez horas da manhã e você esteve aqui para observação a noite toda.”

Ela se mexeu desconfortavelmente e olhou para a única pessoa em quem confiava para verificar.

Bobby acenou com a cabeça. Lágrimas encheram seus olhos quando a compreensão o atingiu. Vinte dias importantes se passaram e ela não conseguia se lembrar de nada.

“É muito possível que você tenha cabeça forte e recupere sua memória de curto prazo em algumas horas ou dias.”

“Mas o negócio. . . esta é nossa temporada ocupada. Eu não posso perder...”

Bobby suspirou e deu um passo à frente para pegar a mão dela novamente. “Tudo está funcionando perfeitamente. Fizemos um baile no fim de semana passado para o qual fornecemos visco, e que nos colocou bem no azul, então você alcançou seus objetivos *e os* superou este ano. A equipe pode administrar o escritório até que você se recupere.”

A irritação correu por ela, e ela puxou a mão. “Eu gostaria de saber do que você está falando, mas eu não sei. E por que você continua segurando minha mão? Você é meu empregado, não meu namorado.”

A boca de Bobby se abriu, e seu pai deu um passo à frente e deu um sorriso cuidadoso. “Querida, acho que muita coisa aconteceu nos últimos dias e é difícil de explicar. Você e Bobby estão namorando há alguns dias.”

Seus olhos estavam tão arregalados que Caralyn os sentiu secando. Que diabos? De jeito nenhum ela teria considerado namorar um funcionário. E especialmente Bobby. Eles eram amigos e ela nunca quis estragar isso. Ela olhou para Bobby, mas seus olhos nunca vacilaram. Ele não estava mentindo!

Bobby pegou a mão dela novamente, e desta vez ela não a soltou. "Eu sei que é confuso, Urso Carinhoso, mas explicarei tudo lentamente, e tenho certeza que sua memória estará de volta em breve."

“Tudo parece eom em seus exames.” explicou o médico. “Não houve sangramento interno e, exceto a pequena fratura em seu braço, tudo parece bem.”

O médico saiu e ela ficou em uma situação muito confusa. Não importa como Bobby ou seu pai garantiram que tudo estava bem, parecia tudo menos certo.

Caralyn odiou as próximas horas. Os médicos fizeram mais perguntas e Bobby a colocou a par do assunto. A noiva de seu pai, Gina, foi apresentada, para seu desgosto, e ela foi convidada para o casamento. Quando Bobby falou sobre um baile de Natal e sobre a compra de um sofá e uma árvore para sua casa, ela sabia que era hora de pisar no freio mental.

“Isso tem sido muito para absorver. Você acha que eu poderia te ver amanhã quando eu for trabalhar? Espero trabalhar algumas horas quando tiver alta amanhã de manhã.”

"Você precisa descansar. Podemos cuidar...”

“Eu gostaria de voltar ao normal o mais rápido possível. E leve meu pai e sua noiva com você. Eu posso lidar com as coisas sozinha.”

Sua mandíbula trabalhou forte, mas ele finalmente concordou em ir para casa. “Eu estou levar você para casa, no entanto. Você não pode dirigir sem o seu braço bom. Vou buscá-la, levá-la para o trabalho se é isso que você quer e levá-la para casa depois.”

"Bem. Obrigada. Agora vá. Preciso de algum tempo para processar tudo.”

O pai dela soprou um beijo para ela, pegou Gina pela mão e todos foram embora.

Quando a porta finalmente se fechou e tudo o que ela podia ouvir era o zumbido das máquinas ao seu redor, Caralyn desabou contra o travesseiro. “Ai,” ela disse, tocando sua cabeça dorida com a mão boa. Ainda bem que a temporada agitada acabou. Ter apenas uma mão seria impossível, e os e-mails provavelmente estavam estourando em sua caixa de entrada. Seu telefone não estava à vista, mas talvez fosse melhor. Se ela fosse voltar ao trabalho amanhã, ela precisava de cada pedaço de sono que pudesse conseguir.

A exaustão dos eventos do dia caiu em suas pálpebras e pesou sobre eles. A inquietação borbulhava em seu estômago e, embora nada estivesse realmente errada, ela sentiu um vazio por dentro. E de repente, ela queria Bobby ao seu lado novamente.

Vinte e Sete

Depois de um longo dia de cutucadas, mais perguntas e pura exaustão por estar sozinha, Caralyn se acomodou para passar a noite. Algum tempo depois, ela acordou assustada e olhou ao redor. Alguém estava em seu quarto. O médico voltou? Por que ela mandou Bobby para casa?

Thump.

Thump.

Ela se sentou rapidamente, sacudindo o IV em seu braço. "Ai!"

"Calma, eu não vou a lugar nenhum."

Caralyn gritou e olhou ao redor da sala. Estava escuro, mas ela podia ver uma linha tênue de luz sob a porta de seu quarto de hospital. Ela se levantou, segurando o gesso para evitar que as coisas se mexessem mais. "Quem é?"

Thump.

Thump.

Caralyn semicerrou os olhos e viu o contorno de uma cadeira no canto. Essa era sua cadeira de balanço? E era. . .

Ela engasgou. "Mamãe?" Ela se levantou e congelou enquanto seus pés frios gelavam sua coragem. "O que você está... como você está?"

Sua mãe se levantou e a levou de volta para a cama. Como no mundo? Em vez de parecer doentiamente cinza como da última vez que vira sua mãe doente, ela

estava saudável e vibrante, apesar da aparência fantasmagórica em seus olhos.

“Sente-se e eu explicarei. Você está fazendo um trabalho muito melhor me aceitando como um fantasma do que na primeira vez que apareci para você."

O queixo de Caralyn caiu. “Esta não é a sua primeira vez?”

Sua mãe suspirou e gentilmente a empurrou contra o travesseiro. Ela então começou a contar a Caralyn uma história horrível de visitas a suas memórias do passado e do presente.

"Você quer dizer que eu sou como o Scrooge."

Sua mãe sorriu e deu um tapinha em sua mão. “Sim, acho que é semelhante à velha história, mas nesta versão, você tem um guia bonito que ficará com você durante todas as estações da sua vida.”

"É você?"

Sua mãe franziu a testa e cruzou os braços. “É Bobby. Bobby fantasma é como você o chama." Ela riu disso. “Você estava progredindo muito até o acidente. Você até tem uma árvore de Natal em sua casa.”

"Mas eu não gosto do Natal, não desde..."

Sua mãe deu um tapinha em sua mão novamente, leve como o ar. "Eu sei. Você descobrirá que muitas coisas mudaram em sua vida.”

Caralyn coçou a cabeça. "E se eu não me lembrar?"

Sua mãe suspirou. “Bem, então Bobby fantasma vai ter um trabalho difícil para mostrar a você um pouco de como

a vida seria em seu futuro. Se você não mudar, você será a mesma mulher de negócios solitária que se preocupa mais com sua conta bancária do que com as pessoas mais próximas."

Caralyn coçou a cabeça e depois tirou o cabelo do rosto. Nada fazia sentido. Ela não tinha certeza de como foram os últimos vinte dias, mas Caralyn estava realmente assustada.

Os lábios de sua mãe formaram um sorriso paciente. "Você fez um grande progresso, Cara. Não deixe que esse obstáculo de memória o impeça de vencer." A voz de sua mãe suavizou e quebrou. "Você e eu só temos dez dias restantes."

Uma mão invisível apertou a garganta de Caralyn, ameaçando sufocá-la. As lágrimas se juntaram em seus olhos, mas Caralyn se recusou a deixá-las cair. "Eu gostaria de saber do que você está falando."

Sua mãe sorriu para ela, enchendo-a de esperança. "Eu sei que você vai descobrir, querida. Só não afaste Bobby."

Na manhã seguinte, Caralyn acordou determinada a deixar o hospital o mais rápido possível. Seu gesso estava pronto, mas sua memória não havia retornado. Além de ter uma noite de sono agitada, ela estava pronta para voltar à vida cotidiana.

Como foi liberada algumas horas mais cedo e não tinha telefone, contratou um motorista para buscá-la e levá-la ao escritório.

Um táxi parou junto ao meio-fio quando ela saiu. O ar estava fresco, e ela abraçou sua bolsa mais perto dela. Um cara abaixou a janela do táxi e sorriu. "Feliz Natal. Para onde estou levando você?”

Ela forçou um sorriso com a menção do Natal. "Corona, por favor." Ela retransmitiu o endereço do escritório e recostou-se no assento.

A viagem foi longa durante essa hora do trânsito da tarde. Quando ela chegou ao escritório, agradeceu ao homem e pagou, ela estava exausta. Felizmente, as chaves dela estavam na bolsa e ela foi destrancar a porta. Já estava desbloqueado. Ela girou a maçaneta e rezou para que fosse Bobby dentro e não mais ninguém. Não havia tempo para ladrões.

Um monte de visco esperava por ela no escritório, assim como toda a sua equipe reunida no chão, as caixas a serem enviadas descansando em seus colos. Seu minúsculo escritório estava lotado ao máximo.

“Oi, querida.” disse Rita, levantando-se e se espreguiçando. "Como você está se sentindo?"

Ela sorriu educadamente e se dirigiu para sua mesa. "Ótima, obrigada."

Bobby também se levantou e a encontrou na mesa. "Eu disse que pegaria você."

“Eu não tinha telefone e eles me liberaram algumas horas antes.” Sua preocupação excessiva com ela estava começando a incomodar Caralyn. Ela olhou ao redor da sala, não

acostumada a ver Marco ou qualquer outra pessoa ajudando a embalar as caixas.

"O que todo mundo está fazendo aqui?"

“Acompanhando os pedidos.” disse Rita, sorrindo. “Tivemos um grupo inteiro vindo no fim de semana. Não sei como você arruma isso tão rápido. Já fomos ao correio uma vez para abrir espaço e há mais uma dúzia de pedidos que vieram de boca em boca depois da festa. Pequenos, mas ainda assim, muito trabalho.”

Caralyn franziu a testa e olhou para o monte de visco no chão. “Obrigada pela ajuda, pessoal, mas eu posso cuidar de tudo daqui.”

Marco se levantou e se espreguiçou. “Bom, porque ficar dentro dessas quatro paredes está me dando uma reação alérgica. Estou feliz por você assumir.”

Rita deu um tapa no braço dele. “Ela está machucada, Marco. Com apenas uma mão, ela não pode fazer muito sozinha.”

Caralyn ergueu o braço e mordeu o lábio inferior para conter um estremecimento. “Estou bem, pessoal. Muito obrigada por nos manter em movimento, mas gostaria de começar a trabalhar.”

Rita deu de ombros e puxou Marco. "Tudo bem, mas nos ligue se for demais."

Quando a porta se fechou atrás deles, Bobby ainda estava na sala com uma caixa de visco no quadril. “Você não tem coisas para fazer na fazenda?” ela perguntou.

Ele balançou sua cabeça. "Não. Os outros dois podem ser facilmente colocados de lado, mas eu não. Há muito o que fazer, e parece que você precisa de uma soneca."

Um bocejo forçou seu caminho até sua garganta, mas ela o parou a tempo. "Estou bem. E se você vai ficar, não fale. Minha cabeça está girando."

Ele suspirou e deu alguns passos mais perto. "Você comeu?"

"Eu comi enquanto esperava pelos papéis de alta. Agora pare de se preocupar comigo."

Ele assentiu e seus lábios formaram um sorriso forçado. "OK."

Caralyn se sentou à mesa e se obrigou a se concentrar, embora sua cabeça gritasse de dor. No meio da tarde, ela tomou o remédio prescrito, o que só piorou as coisas. Pouco antes de sua cabeça bater na mesa de metal em exaustão, Bobby a segurou.

"É isso aí. Vou te levar para casa e, para garantir, você também não vai voltar amanhã. Eu sou bastante eficiente. E no vigésimo segundo dia do mês, os pedidos começarão a diminuir."

Ela bateu com a mão ilesa na mesa, assustando-se. "Posso trabalhar em casa."

"Não, você não pode. Se você não descansar, vai se machucar mais. Você não pode dirigir tomando seus remédios e eu não vou buscá-la."

A raiva ferveu em seu sangue, mas ela estava cansada demais para fazer qualquer exigência. Chamar um táxi

seria caro, e pegar o ônibus seria uma tortura. Ainda assim, havia outras opções. Se precisasse, ela pararia de tomar o remédio, entraria na caminhonete e dirigia com uma das mãos. "Tudo bem, apenas me leve para casa."

Ele pegou a última das caixas e acenou com a cabeça. "Feito."

Foi uma longa viagem para casa. O trânsito estava horrível, mas felizmente ela dormiu a maior parte do tempo.

Quando ele parou em sua garagem, ele saiu do carro antes que ela pudesse agradecê-lo.

"Onde você está..."

Ele abriu a porta dela, pegou suas coisas e a ajudou a sair do carro. “Você pode não se lembrar de como é sua casa, mas eu sim. Eu não quero que você fique mais chocada ou com raiva de mim."

Ela o seguiu entorpecida quando ele assumiu o comando e abriu a porta da frente. Ele suspirou e pegou a mão dela.

“Lembre-se de que você concordou com todas essas mudanças.”

"Ok." disse ela, prolongando a palavra. Agora ela estava preocupada. Ela lembrou que ele disse algo sobre uma cama, ou era uma árvore?

Caralyn engasgou quando ele abriu a porta. Decorações na parede, tapete no corredor e um sofá? Ela parou quando viu a árvore de Natal, decorada com todos os enfeites antigos de sua família. Lágrimas turvaram seus olhos enquanto ela percorria a sala.

Com a mão na cabeça, ela chorou. “Eu não entendo. Por que eu concordaria com isso?”

Agarrando seus ombros, ele a levou para o sofá. "Espere aqui. Não vou embora tão cedo, então fique quieta."

Caralyn recostou-se no sofá, que era muito luxuoso. Mais do que ela estava disposta a pagar. Era como se ela tivesse entrado em outra dimensão onde claramente não pertencia. Movimentos fora do personagem estavam acontecendo como fogo rápido, e ela não conseguia acompanhar.

Ela encostou a cabeça na lateral do sofá enquanto Bobby se movia em volta dela, apoiando-a nos travesseiros, cobrindo-a com um cobertor e ligando o aquecedor, mesmo quando ela protestou para que ele parasse.

Sua cabeça girava enquanto o mundo se inclinava. Ela se encostou no travesseiro e fechou os olhos. Nada fazia sentido, e ela não tinha certeza de que faria.

Vinte e Oito

Caralyn abriu os olhos algum tempo depois. Sua mãe a avisou que ela teria sonhos sobre o futuro, mas os analgésicos devem ter feito seu trabalho porque era de manhã e ela não conseguia se lembrar de uma visita fantasmagórica.

Em frente a ela, as luzes da árvore estavam apagadas, fazendo a árvore parecer menos espetacular. Não importa o quanto ela se opusesse a isso, ver a decoração de sua família tinha sido maravilhoso. Fazia anos.

Bobby estava no lado oposto do sofá, suas longas pernas penduradas na metade. Seu rosto estava contorcido de preocupação, mesmo durante o sono. Ela sorriu, apesar das incertezas da vida. Se não fosse por sua ajuda, a noite teria sido muito mais difícil.

Ela olhou para o novo relógio na parede, um belo relógio emoldurado com madeira preta. Já eram nove.

"Bobby." disse ela, levantando-se. Ela segurou a cabeça enquanto o sangue corria para seu rosto. "Levante. É hora de ir."

Seus olhos se abriram e ele voou para fora do sofá. "O que? O que está errado?"

Ela quase riu da expressão perplexa dele. "Por quê você está aqui? Você não foi para casa ontem à noite?"

Ele balançou sua cabeça. "Não. Eu não poderia deixar você. Você acordou no meio da noite gritando de dor. Eu te dei um remédio e você desmaiou de novo."

Ela tinha? Ela não se lembrava de acordar. Ela pigarreou e foi até a cozinha para beber água. "Bem, estou bem agora. Você deve começar a trabalhar."

Ele olhou para o relógio e passou a mão pelos cabelos. "Aposto que Marco e Rita ficariam bem sozinhos."

Ela balançou a cabeça. "Se você não entrar naquele carro agora e for trabalhar, eu mesmo irei dirigir até lá."

Ele gemeu e começou a calçar os sapatos. "Mas quem vai te ajudar..."

"Posso pedir comida para viagem, chamar um táxi se precisar ir a algum lugar, definir alarmes no meu despertador para tomar remédios e trabalhar de casa." Caralyn o estudou enquanto ele juntava suas coisas. Era doce que ele se importasse tanto, e em um mundo perfeito, ela estaria interessada nele. Mas não era um mundo perfeito. "Basta trazer um pouco de visco e alguns suprimentos de transporte e eu ficarei bem."

Bobby fechou a boca com força, e a covinha em sua bochecha direita se contraiu enquanto ele mexia no queixo. "Bem. Sei que você está doente e não se lembrou das coisas, então vou. Mas eu não gosto disso." Ele se dirigiu para a porta, então se virou. "E estou deixando meu telefone aqui e comprando um novo para você. O seu foi esmagado em pedacinhos no acidênte." Ele caminhou mais alguns metros e

parou novamente. “Ligue-me se precisar de alguma coisa. Voltarei para casa a qualquer hora.”

Ela suspirou e apontou para a porta. "Tudo certo. Eu vou ficar bem. Vá trabalhar. Não quero atrasar os pedidos, e você sabe quantos envios de um dia estarão esperando.”

Ele suspirou e acenou com a cabeça. “Espero que você se lembre que o trabalho não é tão importante quanto *nós*. Você se tornou meu tudo, Caralyn.”

O calor subiu por suas bochechas, e ela estava feliz por ele ter partido antes que ela pensasse em uma resposta.

Depois que Bobby fechou a porta, Caralyn não conseguiu mais olhar para a árvore e se enfiou no quarto. Ela ficou surpresa ao ver algumas mudanças lá também. Ela suspirou e descansou contra a cabeceira da cama. Vinte e dois de dezembro. Mais três dias e a temporada de fériados terminaria. Ela podia fazer isso!

Não foi tão fácil como Bobby dissera que seria ficar em casa e descansar. O tédio era o pior inimigo de Caralyn. Ela jogou no telefone de Bobby, checou seu e-mail e ligou para o escritório com frequência para se certificar de que o trabalho estava progredindo, mas não ocupou as horas que ela tinha, sentada no escuro. Finalmente, ela acendeu algumas luzes. Não foi muito melhor, mas foi uma melhoria.

Depois de um longo dia, a fechadura da porta sacudiu por volta das sete horas. Seu coração batia forte no peito, embora ela não tivesse certeza se era porque era Bobby ou se ela

tinha ficado sozinha por muito tempo, sem nada para fazer. Pegando o telefone dele, ela desceu correndo as escadas.

Ele escorou a porta com um pé e deslizou em uma grande caixa de visco e suprimentos de transporte. Uma pizza estava em uma mão e seu novo telefone preto na outra.

Sua boca se contraiu. “Você pensa em tudo, hein? Quer ficar para o jantar?”

Ele ergueu uma sobrancelha. "Sim e não. Faz um tempo que não vou em casa e o gato precisa ser alimentado.”

“Eu sinto falta de Sammy. Dê uma massagem nele por mim."

Ele deu uma risadinha. "Você o viu outro dia, mas tudo bem."

“Certo.” ela disse, lembrando que eles estavam namorando. “Obrigada pelo telefone e pela pizza. Estou faminta. Deixe-me saber o que devo a você e eu irei compensar isso no salário do próximo mês.”

Ele suspirou e empurrou a pizza na mão dela. "Vejo você logo, Urso Carinhoso."

O que? Ela disse algo errado? Antes que ela pudesse se desculpar, ele empurrou a caixa de visco pelo corredor para que ela ficasse ao lado do sofá e saiu.

“Eu tenho o suficiente aqui para durar até depois do fim do feriado. Provavelmente. Vou mandar um cara do serviço postal aparecer no final do dia de trabalho.” Seu rosto mostrou uma expressão de dor enquanto ele silenciosamente a olhava. “Se você precisar de alguma coisa, me ligue. Vou trabalhar na fazenda e tirar o Natal de folga.”

Talvez ele pudesse simplesmente ficar e trabalhar com ela. Enquanto ele esperava na porta ela dizer algo, ela se acovardou. "Ok. Natal. Ok, isso parece certo. Obrigada por tudo."

Ele hesitou mais uma vez, mas quando ela não conseguiu se forçar a pedir para ele ficar, ele saiu e ela ficou em silêncio novamente. Em vez de comer na cozinha, ela se sentou no sofá, comeu sua pizza e descobriu seu novo telefone.

Uma memória dela sentada no chão vazio com sua vizinha do escritório, Janice, passou por sua mente. A senhora do pão de abóbora? Ela riu alto, assustando-se. "Isso nunca teria acontecido."

Ela ligou para Bobby para ter certeza de que não estava louca, mas desligou um pouco antes de o telefone tocar. Não há necessidade de deixá-lo preocupado. Ela ligou um programa de TV para ouvir algum ruído de fundo, comeu mais algumas fatias e jogou a caixa na geladeira para o café da manhã de amanhã. Ia passar alguns longos dias sozinha.

Em vez de ficar acordada e trabalhar como havia planejado, Caralyn mergulhou em um banho quente, cuidando para que seu braço não se molhasse, tomou o remédio e se enfiou na cama cedo. Ela teria gostado da visita de Bobby, ou de um fantasma, mas ninguém apareceu.

O dia seguinte seguiu com poucas mudanças. Era difícil embalar caixas com uma mão, mas como ela não tinha muita escolha, ela fez funcionar. Ambos os braços doíam no final

do dia e, em vez de pedir ajuda, ela se afogou em remédios para dor e adormeceu cedo.

Na véspera de Natal, ela acordou cedo, sentindo-se melhor do que há dias. Ela interpretou isso como um bom sinal e ligou para Bobby.

"Do que você precisa?" ele perguntou quando respondeu.

"Uh." Ela não esperava que ele fosse tão baixo. “Eu estava me perguntando se você já estava no escritório. Se não, talvez você pudesse...”

“Cheguei mais cedo para terminar a tempo de ir a uma festa.”

Ela franziu o cenho. "Certo." Seu amigo amante do Natal certamente estaria comemorando, como sempre fazia sem ela. Ela murchou, apesar de saber que ele era assim há anos.

“A menos que você queira que eu vá para sua casa em vez disso. Posso trazer o jantar.”

Ela mordeu o lábio. “Não, eu não quero estragar seus planos.”

Ele suspirou, algo que ele vinha fazendo muito. "Para ser honesto, não estou com vontade."

“Tenho certeza de que você se sentirá melhor quando chegar lá. Você ama o Natal.”

"Sim. Olha, é melhor eu ir, mas me liga se mudar de ideia. Prefiro ver você.”

Suas bochechas se encheram de calor quando a suavidade de sua voz tocou as partes fracas de sua alma. Deve ser verdade. Ele nunca tinha falado com ela desse jeito antes. "OK." Depois de se despedir, ela desligou o telefone e

o segurou contra o peito. Algo estava acontecendo dentro dela, e mesmo que ela não se lembrasse, ela não podia negar como se sentia. Ela sentia falta de Bobby e não queria nada mais do que ele estar com ela. Talvez se o dia avançasse e ela ainda se sentisse bem à noite, ela ligaria para ele.

Depois de se preparar para o dia, ela se sentou no sofá ao lado do visco e abriu seu e-mail. Sem pedidos. Ela franziu a testa e atualizou a página. Como isso foi possível? Eles sempre tinham pedidos, mesmo no dia de Natal.

Ela mandou uma mensagem para Bobby sobre isso e recebeu uma mensagem alguns minutos depois.

'Temos as coisas sob controle. Apenas descanse.'

Mais fácil falar do que fazer.

Seu telefone tocou e ela correu para verificar o identificador de chamadas. Em vez de Bobby, como ela esperava, era seu pai.

“Ei, Cara. Só queria convidá-la para algumas das festividades. Vamos dar uma festa no condomínio hoje à noite e é claro que adoraríamos que você ficasse para o jantar de amanhã. Parte da família de Gina está vindo para jantar em família. Falei com Bobby ontem à noite e ele está disposto a levá-la se você quiser. Será como nos velhos tempos.”

Ela cerrou os dentes e fechou os olhos. Bobby disse que ela perdoou o pai, embora ela não tivesse certeza de como. Seu pai esqueceu sua mãe, e Caralyn de seu pai. “É melhor não. Ainda estou me recuperando e gostaria de descansar em casa.”

"Compreendo. Ligue-me se precisar de alguma coisa.”

Caralyn agradeceu e desligou. Não importava o quanto ela sentia falta de estar perto das pessoas, era melhor ficar em casa e esperar o feriado passar.

Ela jogou o telefone no sofá e suspirou. Se ela acreditava nisso, por que se sentia tão mal por dentro?

Horas depois, quando ouviu canções de natal passando por sua casa, ela olhou para a hora. Bobby provavelmente estava em sua festa. Ele tinha ido para a casa de seu pai? Ou era um amigo com muitas outras mulheres solteiras? Um ciúme inesperado invadiu seus pensamentos quando ela o imaginou dançando nos braços de outra mulher.

Espere, *outra* mulher? Dançando? Algo se mexeu no fundo de sua mente. Eles dançaram, ela e Bobby. Mas quando? Ela fechou os olhos e tentou se lembrar. No ensino médio? Em um baile na faculdade? Não, ela não conseguia se lembrar. Uma imagem dela em um vestido prateado dançando com Bobby passou por sua memória. Assustada, ela abriu os olhos e se levantou. Ela não tinha visto um vestido em seu armário quando ela se vestiu? Ela correu escada acima e abriu a porta do armário com um floreio. Lá estava. O vestido prateado.

Depois de fechar o armário, desceu as escadas correndo e ligou para Bobby. Ele atendeu após o primeiro toque. Havia uma música suave de fundo. "O que está errado?"

Ela riu nervosamente. "Nada. Estou bem, só tenho uma pergunta.”

"O que é?"

“Nós fomos a um baile recentemente? E eu usei um vestido prateado?”

Ele inalou profundamente. "Você se lembra? Fomos a uma festa de Natal. Recebemos uma grande comissão para a festa da cidade de Gina.”

Ela se recostou no sofá. "Gina?"

"A noiva do seu pai?"

"Hmm. Eu não lembro.” Talvez ela não quisesse.

“Vai voltar para você a qualquer hora. Estou certo disso."

Uma música mais alta soou no alto-falante do telefone. “Eu acho que você está na sua festa. Eu não queria interromper." A música parou de repente.

“Você não está interrompendo. Decidi não ir.”

"Você não foi?" A esperança cresceu em seu peito. “Quer vir então? Eu não jantei ainda.” Ela nem tinha almoçado. Antes que ele pudesse responder, a campainha tocou. "Hum, espere." disse ela, levantando-se. Ela verificou seu reflexo no espelho e franziu a testa. Desleixada e sem maquiagem, mas pelo menos ela havia tomado banho. “Alguém está aqui. Provavelmente um engano.”

Ela abriu a porta para ver Bobby parado na porta, uma sacola de comida para viagem nas mãos.

"Jingle Bells." disse ele com um sorriso.

Vinte e Nove

Caralyn sentiu vontade de correr para seus braços, mas isso era muito estranho. Em vez disso, ela abriu mais a porta e sorriu. "Você estacionou do lado de fora de novo?" Ela franziu o cenho. De onde isso veio?

Ele ergueu uma sobrancelha, mas por outro lado não pareceu pensar que ela havia dito nada estranho. “Na verdade, eu estava vindo para cá com o jantar. Assim que decidi não ir, fui a sua churrascaria favorita.”

Seu estômago roncou quando o cheiro de churrasco passou por seu nariz quando ele se aproximou. De repente, seu braço livre estava em volta de sua cintura e ele estava apertando seu lado. Um abraço lateral. Ela poderia lidar com isso. Ela relaxou contra seu toque e saboreou a sensação fria de sua pele. “Brr. Está frio lá fora. Vamos para a cozinha.”

Ele deixou cair o braço, mas ficou perto.

Eles levaram alguns minutos para organizar tudo na mesa antes de se sentarem para comer. Ele puxou uma lata de Squirt e abriu a tampa e deslizou para ela. “Encontrei alguns em uma loja de doces no centro da cidade na semana passada.”

"Eu amo esse refrigerante." Ela tomou um longo gole e suspirou. "Cara, isso é gostoso."

Ele acenou com a cabeça e cavou em seu peito. "Eu também."

Ela lançou alguns olhares para ele enquanto comiam. Cada vez, ele estava olhando para ela também, um pequeno sorriso no rosto. Puxa, ele era fofo!

"O que você está pensando?" ele perguntou, interrompendo seus pensamentos.

Ela voltou seu olhar para a grande porção de macarrão com queijo. *Você.* “Uh, não muito. Apenas pensando nas coisas.”

Ela ergueu a cabeça para vê-lo sorrindo novamente.

"Que tipo de coisas?"

"Nos. Tipo, como ficamos juntos.”

Ele baixou o garfo e olhou para o teto. “Bem, eu entrei na sua vida. Você não resistiu ao meu charme diabólico."

Ela riu. “Parece plausível.”

“Na verdade, não tenho certeza de como as coisas aconteceram. Quando Anna veio me visitar, isso me lembrou de todas as razões pelas quais deixei ela e a Geórgia em primeiro lugar.”

"Anna estava aqui?"

Ele acenou com a cabeça e demorou mais um pouco antes de responder. "Sim, veio e foi como o vento."

"Então, por que você deixou a Geórgia, e por que não funcionou com Anna?"

Ele se inclinou para frente e bateu em seu nariz. “Você já sabe, mas vou lembrá-lo. Naquela época, quando você me disse que estava se mudando para a Califórnia, entrei em pânico. Procurei empregos na área e pesquisei apartamentos e passagens aéreas e quanto custaria para despachar as

coisas. Conversei com meus pais e os preparei antes de ter um emprego. Eu simplesmente sabia que tinha que seguir você até aqui.”

Uma calma reconfortante a invadiu. "Então é por isso que você aceitou o emprego no mesmo dia que eu ofereci."

Ele assentiu. "Foi um sonho."

"E você gosta de mim há um tempo?" Ele assentiu. Um gesto simples, mas que foi suficiente para ela. "E você planeja ficar por aqui?"

"Se você deixar."

"E se minhas memórias não voltarem?"

Ele pegou o garfo e mexeu na comida. “Então eu acho que tenho que melhorar meu jogo.”

Eles comeram em silêncio enquanto Caralyn refletia sobre suas palavras. "E se eu decidir que quero que as coisas continuem iguais?"

Largando o garfo novamente, ele olhou para a mesa. "Acho que vou enfrentar isso se acontecer."

Ela assentiu e começou a comer novamente. Bobby era sensato e acalmou seus temores. "Estou feliz por não me lembrar da visita de Anna."

Ele riu e pegou o garfo novamente. "Confie em mim, você não perdeu nada."

Depois que terminaram de jantar, eles se sentaram na sala da frente no sofá e assistiram a um show em seu laptop. Ele ficou um espaço respeitável de distância, mas uma parte dela queria que ele se inclinasse mais, para abraçá-la, beijá-la até.

Quando seus olhos começaram a cair, ela se encostou no encosto do sofá e fechou os olhos. Em sete anos, tinha sido sua véspera de Natal favorita. A culpa deslizou em sua consciência por não ser capaz de compartilhar isso com sua família, especialmente com sua mãe. Ela fechou os olhos pesados, bloqueando as lágrimas que começaram.

Alguns segundos depois, ela sentiu o braço de Bobby deslizar em torno de suas costas e puxá-la para mais perto. Ele guiou a cabeça dela para seu ombro e, instintivamente, ela se aninhou contra ele. Mesmo que a mente de Caralyn não combinasse com sua memória, pela primeira vez, ela queria seguir seu coração.

Caralyn não tinha certeza de quanto tempo se passou, mas Bobby deve tê-la levado para o quarto dela porque alguém a sacudiu bruscamente da cama.

Ela se endireitou e olhou ao redor. "Bobby?"

"Bobby fantasma se você se lembra."

Ela se endireitou e estudou a pessoa.

Era este o fantasma que sua mãe havia dito? Bobby fantasma era mais velho com o cabelo grisalho salpicado com o cabelo escuro. Seus olhos verdes frondosos ainda brilhavam, e ele era um belo homem mais velho. Ela teria rido se não fosse por sua expressão séria.

"O que está errado? Por que você está tão velho?"

“Eu sou o Fantasma do Natal do Futuro.”

Ela bateu na lateral da cabeça e suspirou. “Ah, eu deveria saber. Tudo bem, fantasma, vamos acabar com isso."

A tristeza cintilou em sua expressão. “Sinto muito pelos tempos difíceis que você está passando. Fiquei longe para ver se você se curaria por conta própria, mas estou preocupado que você não encontre suas memórias a tempo."

"Ok. Bem, o que precisamos fazer para que este sonho termine?”

Ele franziu a testa ao tocar o braço dela e eles desapareceram. Ela abriu os olhos para ver um Bobby adulto mais jovem em casa, colocando os copos de sua cozinha em uma caixa. Sua casa estava uma bagunça, com caixas em todas as partes da bancada e no chão.

“Essa é a sua casa na Califórnia. Onde você vai?"

“Estou fazendo as malas.” respondeu Ghost-Bobby.

O medo passou por ela quando Bobby fantasma mostrou o outro Bobby colocando a última caixa em seu carro. "Mas por que? Eu voltei para a Geórgia?”

Bobby fantasma franziu a testa e a cena mudou para mostrá-lo parando no escritório em seu carro lotado. Caralyn se sentou atrás da mesa, vasculhando papéis e com raiva batendo-os na mesa em vez de olhar para Bobby, que deixou as chaves da fazenda em sua mesa.

“Um ano depois que você perdeu a memória, me mudei para casa e você encontrou outro trabalhador para fazer o meu trabalho.”

Caralyn olhou para trás com horror quando a cena mudou para seu escritório, onde Bobby disse seu último adeus.

“Lamento que as coisas não tenham funcionado.” disse Bobby, dando um passo para trás.

Ela cruzou os braços sobre o peito. “Você não tem que sair, você sabe. Mesmo que não estejamos namorando, temos uma boa relação de trabalho e você sempre será meu amigo.”

O conflito brilhou em seus olhos. “Sempre haverá uma parte de mim que estaria contente o suficiente para ficar aqui, esperando. Mas eu mereço seguir em frente.”

Seu rosto caiu. "Bem, tenha uma viagem segura.”

Caralyn queria se sacudir. Certamente ela poderia impedir que Bobby fosse embora. A única pessoa que ainda se importava com ela estava indo embora. Bobby estava quebrado, praticamente pedindo a ela para amá-lo, e aqui estava ela o sacudindo como uma mosca.

Bobby passou a mão pelo cabelo e se virou. "Até mais, Urso Carinhoso."

Assim que a porta se fechou, Caralyn largou os papéis na mão e se levantou. Ela correu para a janela e colocou a mão contra o vidro. "Não saia." Uma lágrima rolou por sua bochecha enquanto ele se afastava, sem olhar para trás nenhuma vez.

"Porque você foi?" ela disse, sua voz embargada. "Nós brigamos?"

"Sim e não. Acabei ficando cansado de ter que ver você todos os dias. Você se fechou novamente e gradualmente

me afastou. Depois que você terminou comigo para sempre, eu não aguentei mais."

Antes que ela pudesse processar o que Ghost fantasma tinha dito, a cena mudou novamente, e ela estava na igreja onde seu pai deveria se casar com Gina. Exceto que ele estava sentado na última fileira sozinho, olhando para frente. Seu pai parecia frágil sentado, perdido em seus pensamentos.

"O que está errado?" ela perguntou. "Ele não se casou?"

Bobby fantasma balançou a cabeça. "Quando você não apareceu no casamento, ele não pôde fazer isso. A razão pela qual ele se casou novamente é para você, para tornar sua família inteira e para manter a promessa que fez a sua mãe."

"Ele fez uma promessa para a mamãe?"

"Sim, e espero que você se lembre antes que seja tarde demais."

Ghost fantasma estendeu a mão e a tocou, e a cena mudou, mostrando seu pai sozinho em sua casa. Ela podia sentir a ociosidade e a escuridão no ar enquanto seu pai assistia à TV e ficava no sofá. Uma foto de sua mãe estava ao lado da poltrona e, ocasionalmente, ele estendia a mão e sorria.

"Ele morreu alguns meses após o casamento cancelado."

Ela engasgou e cobriu a boca. "Mas por que? Não há nada de errado com ele."

Bobby encolheu os ombros. "Dizem que foi um coração partido."

"Isso não é real. Papai não pode morrer."

Bobby fantasma olhou de soslaio para ela e franziu a testa. "Como você ainda é tão teimosa?" Ele ergueu a mão e agarrou o braço dela com ferocidade.

A cena mudou, e a sala girou trazendo-os para uma igreja. Um homem estava na frente, um sorriso sereno no rosto. "Esse é você?" disse ela, apontando para o homem no final do corredor da igreja. Ele era alguns anos mais velho do que agora. A mulher estava com véu, mas parecia bonita de costas. Uma bela loira.

"Você se casou com outra pessoa?"

Bobby fantasma olhou para o chão e chutou a lateral de um banco da capela. “Eu não tinha razão para não seguir em frente. Eu a conheci no escritório em que trabalhava na Geórgia.”

A cena passou por várias visões de sua vida com a estranha loira, as duas garotas que eles tiveram juntos e de sua vida como uma família. Depois que suas filhas tinham idade suficiente para se mudar, mostrava-o assinando papéis do divórcio e passando seus últimos anos sozinho.

"Você não ficou com ela?" Quando ele balançou a cabeça, ela perguntou: "Você se casou de novo?"

"Não. Eu nunca fui muito feliz.”

O peito de Caralyn apertou e ela balançou a cabeça em descrença. Ela não tinha certeza do que a assustava mais, que Bobby não estivesse satisfeito com sua vida ou que ele não faria mais parte de seu futuro. Ambos eram finais horríveis com os quais ela não queria ter nada a ver. "Eu não quero ver isso."

Bobby fantasma franziu a testa e se virou para ela com um olhar que a assustou profundamente. "Temo que você não goste mais da última cena."

A cena brilhou em uma sala iluminada. Havia uma dúzia de cadeiras vazias colocadas em frente a um pequeno altar. Um caixão cor de vinho escuro estava em cima. O medo tomou conta de Caralyn quando a imagem de Bobby mudou para a de uma figura encapuzada, seu rosto completamente escondido dela, envolto em preto da cabeça aos pés e escondido apenas com um buraco negro no rosto. Se ela não estivesse tão assustada, ela teria rido.

Ele gesticulou para que eles dessem um passo à frente.

“Bobby, eu sei quem é. Eu li o livro e vi todos os filmes de natal.” Sua voz estava trêmula, e ela estendeu a mão e tocou o fantasma. Ela apontou para todas as cadeiras vazias. “Ninguém veio me velar.. Eu não era amada como Scrooge?” Sua garganta se apertou quando ela engoliu o nó crescente.

Ele balançou a cabeça e estendeu a mão para tocá-la. Eles se moveram juntos para a frente da sala, em direção ao caixão. Caralyn gritou e desviou o olhar, cobrindo o rosto com os braços. "Me leve para casa. Por favor, eu não quero ver.”

Quando eles não se moveram, ela soube que era olhar ou ficar ali por um tempo infinito. Ela reuniu toda a coragem que lhe restava e espiou dentro do caixão. Uma Caralyn de meia-idade jazia ali com a pele pálida, uma expressão sombria nos lábios e olhos que nunca mais se abririam. Ela engasgou e

se virou para os assentos vazios atrás deles. Um choque terrível a percorreu. Nem mesmo Bobby viera prestar suas últimas homenagens. Certamente ele a teria mantido sob controle, até mesmo continuado amigo dela.

"Você nem veio dizer adeus?" ela perguntou, o medo se espalhando por seus membros e congelando-a no local. “Por que você desistiu de mim? Minha memória poderia ter voltado.” Enquanto Bobby fantasma parecia flutuar para longe dela, seus protestos ficaram desesperados. "Este não sou eu. Eu não quero morrer sozinho. Eu não também não quero que você morra”

Uma força invisível a puxou em direção ao caixão, puxando-a em direção ao corpo morto. Ela colocou os braços à sua frente para evitar tocar no formidável caixão, mas não conseguiu impedir a força. Seu corpo caiu para frente, caindo no buraco escuro.

Ela estendeu a mão para se segurar, mas em vez de tocar seu corpo frio e úmido, ela caiu no nada escuro.

Ela gritou quando seu estômago subiu para a garganta. "Me dê outra chance! Eu vou mudar, eu prometo!”

Suas palavras morreram em sua garganta e a escuridão devorou qualquer raio de luz que restasse.

Trinta

Caralyn acordou sobressaltada, agarrando-se ao ar. Seu rosto e peito estavam encharcados de suor e seu braço doía. Ela olhou ao redor do quarto iluminado pela manhã, mas Bobby fantasma não estava lá. E nem Bobby.

Ela pulou da cama e correu para a janela. Ela abriu e respirou o ar fresco. Um menino da vizinhança passou pela casa, patinando em patins. "Ei você!" ela chamou. Ele olhou assustado para a janela. "Que dia é hoje?"

O rosto do menino iluminou-se um pouco. "É Natal, claro."

A esperança borbulhava em seu peito enquanto ela olhava para um novo dia, sobre o qual ela tinha total controle.

Ela sorriu e acenou. "Obrigada. Feliz Natal!"

O garoto deu um sorriso, provavelmente não esperando que ninguém da casa sombria jamais dissesse essas palavras.

Ela fechou a janela e desceu correndo as escadas. Se ela fosse mudar o futuro, começaria com ela.

Uma hora depois, Caralyn bateu na porta de Bobby, esperando que ele não estivesse lá. Ele não atendeu as cinco ligações e demorou uma eternidade para encontrar um táxi disponível. Era manhã de Natal e Bobby tinha todos os motivos para ter planos.

Ela bateu um minuto depois, sem sorte. A tristeza infiltrou-se na felicidade à qual ela se agarrou desde o momento que despertou. Ele tinha que estar lá. Ela deu a volta até a porta lateral da garagem para encontrá-la entreaberta. Ela empurrou suavemente e abriu mais, mostrando seus carros. O medo se revirou na boca do estômago. Um monte de caixas estavam alinhadas contra a parede, meio cheias de suas coisas. Ele já tinha começado a fazer as malas?

Um barulho estridente soou do outro lado da garagem. "Bobby?" ela chamou, sua voz tremendo. "É você?" Ela deu um passo em direção ao barulho. “Eu vim conversar. E para dizer que estou pronta.”

Bobby apareceu de trás de um carro coberto, olhando para ela. Uma ferramenta de lixar estava em sua mão. "Você se lembrou?"

Seu coração batia forte enquanto eles se encaravam. “Não, mas eu não me importo. Cada vez que você me deixou, no hospital ou na minha casa meu coração doeu. Mesmo que eu não me lembre, meu coração se lembra. Você não estava lá quando acordei e pensei. . .” Ela parou quando sua voz falhou. Seu olhar se intensificou enquanto a estudava. Por que ele não diz nada? Suas entranhas se apertaram dolorosamente com a ideia de nunca mais ter a chance de estar com ele novamente. "Eu não quero perder você, Bobby."

Ele deixou a ferramenta em cima da mesa e deu um passo hesitante para frente.

Seu coração disparou com cada passo que ele deu, sua expressão ilegível. Quando ele estava a trinta centímetros de distância, ela olhou para o chão de cimento e gaguejou: “N-não vá. Vou recuperar minha memória e fazer o que for preciso para te convencer a ficar.”

Os sapatos dele entraram em sua linha de visão e, no momento em que ela estava tentada a lhe dar uma olhada, ele ergueu seu queixo. "Eu vou te beijar." Ele baixou o rosto para o dela, tocando-a levemente nos lábios.

Ela congelou, assustada com seu toque repentino. Sua cabeça girou enquanto uma repetição instantânea do último mês passava por sua cabeça. Ela gemeu quando a onda de memórias dominou seus pensamentos.

Os olhos de Bobby se abriram e ele deu um passo para trás, colocando ar frio e incerteza entre eles. Ele enxugou os lábios, seus lindos lábios dispostos. Mesmo com uma camisa preta e um par de jeans, ele era o homem mais bonito que ela já tinha visto. "Desculpe," disse ele, "pensei que você queria ..."

Sua voz morreu em sua garganta enquanto mais momentos juntos passavam por sua mente. A dança, colhendo visco juntos, encontrando sua árvore Charlie Brown, seu primeiro beijo. Ela tropeçou para trás e levou a mão à cabeça. "Eu lembro." Sua voz saiu como um sussurro.

"Você lembra?"

Ela assentiu. "Lembro de tudo." Uma vez que sua cabeça parou de girar, ela agarrou sua camisa e o puxou para perto, afastando o ar entre eles. Nunca mais ela hesitaria.

Seus lábios congelaram contra os dela no início, mas então ele rapidamente pegou e enfiou os dedos em seu cabelo. Ela colocou os dois braços em volta das costas dele e o puxou para mais perto. Não havia mais espaço para dúvidas, mal-entendidos ou hesitações. Era só ela e ele, pelo tempo que ele permitisse.

Ele finalmente se afastou, olhando para ela com admiração. "Meu beijo te fez lembrar?"

“O beijo do verdadeiro amor é subestimado.” Ela riu e o beijou mais uma vez.

Pegando sua mão, ele a levou para onde ele estava apenas alguns momentos atrás. "Eu tenho algo para te mostrar."

Do outro lado do carro, uma lona havia sido estendida no chão e uma cadeira de balanço estava deitada de lado.

“Terminei esta manhã, mas estava apenas lixando alguns dos pontos mais ásperos. Não achei que você acordaria tão cedo ou não teria ido embora.”

Ela respirou fundo ao reconhecer a mesma cadeira de balanço de madeira que sua mãe ganhara durante sua doença. Tinha sido deixado na varanda, um presente que eles supuseram ter sido deixado por alguém da comunidade. "Você fez a cadeira da mamãe?"

Ele franziu a testa e largou a mão dela para pegar a lixadeira com as duas mãos e proteger um ponto invisível que só ele via. Depois de um longo minuto, ele se levantou e colocou a lixadeira de volta na mesa. “Papai me ajudou com isso, mas sim. Naquela época, eu tinha muito tempo

disponível. Eu sabia que você estava sofrendo, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso."

As lágrimas se acumularam em seus olhos quando ela o imaginou colocando a cadeira de balanço na varanda e depois saindo sem dizer uma palavra. Ela teria mesmo agradecido a ele? Ela tinha estado tão perdida em sua dor que não conseguia pensar direito. Ela não pensava nisso com clareza há anos.

“Quando a mudei para cima algumas semanas atrás, achei que precisava de um par. Quer dizer, é tão solitário.” Ele abriu um pequeno sorriso, iluminando todo o seu rosto.

Sua garganta se apertou, tornando impossível falar. Uma lágrima caiu e a preocupação cruzou seu rosto quando ele deu um passo à frente para enxugá-la. Ela agarrou a mão dele e a segurou na bochecha. Suas mãos frias aliviaram a dor dentro dela. “Eu não posso acreditar que você fez isso. Eu não mereço você.” Ela o encarou por um longo tempo, sem dizer nada, apenas absorvendo-o.

Não havia nenhuma dúvida em sua mente sobre como ela se sentia mais. Era como se a lâmpada interna de seu corpo tivesse sido substituída após anos sendo deixada no escuro, e a luz a enchia da cabeça aos pés, mostrando exatamente o que fazer a seguir.

"Case comigo." As palavras saíram correndo de sua boca, mas ela não se atreveu a detê-las. “Case comigo!” ela disse novamente quando a descrença cruzou seu rosto. "Acho que já esperamos o suficiente."

"Sim." disse ele, estendendo a mão para ela, abraçando-a mais uma vez.

A alegria a percorreu, fazendo-a tremer de felicidade. Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e beijou sua testa. "Eu volto já. Eu tenho o seu outro presente em casa."

Ele saiu em um borrão, deixando o ar muito vazio. Não demorou muito para que ele voltasse, com as bochechas rosadas de frio.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma pequena caixa. "Comprei na noite anterior ao acidente. Já faz um tempo que sei que não posso viver sem você."

Ele abriu a caixa, revelando uma pequena aliança de prata. "Eu sei que você não gosta de coisas grandes e berrantes, então pensei que esta seria perfeita." Lágrimas brilharam em seus olhos quando ele tirou o anel da caixa e o colocou em seu dedo anelar.

"Eu te amo muito." disse Caralyn, as palavras fluindo facilmente de seus lábios.

"É melhor você acreditar que eu também." Ele pressionou outro beijo em sua boca, selando suas vidas onde pertenciam.

Juntos.

Epílogo

Os dias seguintes foram alguns dos mais felizes da vida de Caralyn, desde antes de sua mãe ser diagnosticada com câncer. Todas as noites eram repletas de aventura, experimentando um novo restaurante ou visitando outro ponto badalado da cidade. Eles sempre estavam lotados de gente, mas ela não se importava, contanto que Bobby ficasse ao seu lado. Em uma noite, não, em muitas noites, seu coração havia mudado, e ela finalmente aceitou o falecimento de sua mãe, a escolha de seu pai de seguir em frente e sua realidade de viver no presente cada dia.

Assim que o Natal acabou e a extrema necessidade de visco cessou, Caralyn mergulhou nos planos de casamento com fervor. Ela incluiu Gina e Jan em cada passo do caminho, convidando-as a procurar um vestido com ela. Eles gritaram com cada um que ela experimentou, mas ela estava segurando o último, e estava muito animada para ouvir o que elas pensariam.

Caralyn levantou sua cauda e entrou na sala de exibição onde Jan e sua futura madrasta estavam sentadas.

"Oh, você está linda." disse Jan, pegando a mão dela. "O branco fica tão bem em você."

"Perfeito." disse Gina. "Tão perfeito. Bobby é um cara de sorte."

Caralyn se olhou no espelho triplo. Ela se sentia real.

"Então, é este?" Jan perguntou, levantando o polegar para ela.

Caralyn franziu a testa. Sempre que chegava a hora de tomar uma decisão final, ela não conseguia. Algo a impedia, e ela dizia: “Vamos colocar um alfinete nisso.” como sua mãe fazia quando estava tomando grandes decisões. Eles estavam noivos há apenas cinco dias e a data do casamento ainda era daqui a seis meses. Não havia necessidade de pressa, mas desta vez, as coisas pareciam diferentes. "Acho que é esse."

Gina se levantou e bateu palmas. "Realmente? Você está certa?"

O vestido era perfeito e a decisão veio facilmente. "Este é definitivamente meu vestido."

“Estamos no auge agora.” disse sua futura madrasta. “E os convites? Você quer voltar outro...”

“Não.” Caralyn disse com um pequeno aceno de cabeça. “Só o vestido é tudo que está realmente claro.”

Gina balançou a cabeça e deu um pequeno sorriso. “Você ainda tem muito tempo, embora passe muito rápido. Não acredito que vou me casar amanhã. Achei que nunca conheceria alguém como seu pai.”

"Estou feliz que você o tenha também."

Ela se virou assim que voltou para casa, enviando uma mensagem a Bobby para que soubesse que seus pés doíam tanto quanto seu cérebro. Em vez de ligar, ele enviou uma foto sua aninhada ao lado de Sammy, junto com uma mensagem. *Durma bem.*

O mês havia voado e já era trinta de dezembro. Logo a temporada de férias terminaria, o mês de maior crescimento de sua vida. Já que Bobby fantasma não apareceu mais, ela percebeu que seu aprendizado estava terminado, mas ela precisava manter sua nova missão viva, vivendo ao máximo a cada dia.

Demorou alguns segundos para desmaiar, uma vez que sua cabeça bateu no travesseiro, e menos ainda antes de ser acordada por uma figura fantasmagórica ao lado de sua cama. Estava de costas para ela, mas não havia dúvida de quem era. Caralyn se levantou e arregalou os olhos.

“Mãe, você está de volta. Eu pensei que tudo estava acabado. Eu passei, não passei?”

Sua mãe se virou e deu um sorriso triste. "Sim querida. Você fez bem. Esta é minha última visita a você antes de seguir em frente.”

O coração de Caralyn afundou quando a compreensão caiu sobre ela. No último mês, sua mãe estivera em seus pensamentos, e ela sempre esperou pela possibilidade de outro encontro. Ela não tinha certeza se estava pronta para deixar ir ainda.

“Estou orgulhosa de você, bebê. Você se saiu bem e finalmente vai se casar com o homem dos seus sonhos. Não o deixe escapar desta vez.” Sua voz falhou.

“Eu não vou.” Caralyn disse, e de repente ela sabia o que precisava fazer, sabia de onde vinha toda a incerteza em seu planejamento de casamento. "Vou sentir sua falta, mãe." Seus

olhos se encheram de lágrimas e a imagem de sua mãe desapareceu no ar.

Ela agarrou-se ao espaço onde sua mãe estivera, apenas para sentir o ar quente.

Caralyn acordou assustada, arranhando o ar. Ela verificou a hora, mas fazia apenas alguns minutos desde que ela se deitou. Já era tarde, mas ela ligou para Bobby mesmo assim, e ele apareceu um pouco mais tarde.

“Ei, aqui está minha garota.” ele disse, sua voz enviando uma sensação de calma por ela. Ele a pegou em um abraço e deu dois longos beijos em seus lábios antes de olhá-la. Seu rosto empalideceu enquanto ele enxugava suas lágrimas. "O que aconteceu? Você viu outro fantasma?"

Ela suspirou e pegou a mão dele, levando-o para a sala da frente. "Já que vamos nos casar, você precisa saber a verdade."

Ela então começou a contar a ele sobre as visitas com sua mãe e Bobby fantasma, não deixando nada de fora. Para seu alívio, o rosto dele permaneceu impassível enquanto ela lhe contava sobre seu passado, presente e futuro que a visitavam à noite.

Quando ela terminou, estava mortalmente silencioso na sala, mas ela se recusou a dizer mais nada.

"Então, você está me dizendo que eu a visitei à noite, levando você de volta a quando estávamos na faculdade, e você me viu com Anna no presente e sem você no futuro?"

Ela assentiu. "Sim. Você se casou com uma linda loira e teve duas meninas.”

Ele coçou a cabeça e franziu a testa. “É um pouco rebuscado, mas posso garantir que nunca vai acontecer.”

Ela sorriu, apesar de suas garantias. "Eu sei. Mas isso é porque decidi colocar meu próprio futuro em minhas mãos. É por isso que preciso te perguntar uma coisa."

Ele passou os braços em volta da cintura dela e a encorajou com um pequeno beijo nos lábios.

Fazia pouco tempo que eles estavam juntos e, ainda assim, combinavam perfeitamente. Namorar Bobby parecia natural e perfeito e pensar em esperar mais seis meses fez seu coração doer.

“E se eu não quiser esperar?” ela perguntou, dizendo cada palavra com cuidado.

Suas sobrancelhas se juntaram em confusão.

"O que você quer dizer?"

“Quer dizer, eu não tive muito tempo para tomar decisões sobre o casamento, embora eu só tenha alguns dias, e geralmente sou muito decidida. E se eu não quiser esperar seis meses para me casar? Temos capelas de casamento aqui que nos casarão no início do ano novo.”

"Tipo em dois dias?" ele gaguejou.

Ela assentiu. "Exatamente. Tenho certeza de que papai pode ficar por um dia. Eles não partirão em lua de mel até o próximo fim de semana, então aposto que podemos terminar tudo o que precisamos fazer, tudo o que *realmente* precisamos fazer, antes do casamento amanhã. O que você acha?"

Seus olhos brilharam e ele tirou algo do bolso. Uma bola de visco. “Encontrei algumas no meu carro no caminho e

pensei que seria útil.” Ele a segurou bem acima de suas cabeças, beijou-a novamente e encostou a bochecha na dela. "Isso é uma pergunta?"

"Essa é a sua resposta?" ela perguntou, sorrindo ao lado de sua orelha, fazendo-o estremecer.

“Sim, eu acho que é. Mesmo um dia é demais. ”

Ela riu e esfregou o nariz no dele. "Nós nos tornamos um par daqueles babacas apaixonados que não conhecem nada melhor."

“Acho que sabemos perfeitamente como nos sentimos.”

Ele a beijou uma, duas, uma dúzia de vezes. Ela perdeu a conta, mas tudo estava certo no mundo no momento.

E isso era tudo o que ela poderia pedir.

